



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

André Luiz de Faria

*1810 La revolución de mayo vivida por los negros: uma tradução comentada ao pretuguês brasileiro*

Florianópolis  
2023

André Luiz de Faria

*1810 La revolución de mayo vivida por los negros: uma tradução comentada ao pretuguês brasileiro*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Meritxell Hernando Marsal

Florianópolis  
2023

Faria, Andre Luiz de

1810 La revolución de mayo vivida por los negros : uma tradução comentada ao pretuguês brasileiro /Andre Luiz de Faria. Tradutora, Meritxell Hernando Marsal, 2023.

119 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da Tradução. 3. Descolonização. 4. Literatura Argentina. 5. Vozes negras. I. Marsal, Meritxell Hernando . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

André Luiz de Faria

"1810 La revolución de mayo vivida por los negros": uma tradução comentada ao  
Pretuguês brasileiro

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 26 de agosto  
de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a), Dr.(a) Eleonora Frenkel Barretto  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a), Dr.(a) Paulo Valente  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Profa. Meritxell Hernando Marsal, Dra. Orientadora

Florianópolis, 2023.

*Dedico este trabalho de dissertação a todas as  
vozes negras que por séculos seguem  
silenciadas pelas mordças do racismo.*

## **AGRADECIMENTOS**

A mim, por não ter desistido, mesmo diante de muitas tormentas!

À minha orientadora e professora, Meritxell Hernando Marsal, por ter me conduzido brilhantemente durante a escrita desta dissertação, pelas conversas enriquecedoras, pelo carinho e pelas disciplinas que me abriram os olhos para múltiplas questões que contribuíram e contribuem para que eu entenda quem sou. Gratidão pela credibilidade!

Às amigadas que me fizeram flores em lugar de espinhos e foram cais em meio à tempestade;

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

*Por que escrevo?  
Porque eu tenho de  
Porque minha voz,  
Em todos seus dialetos,  
Tem sido calada por muito tempo*

Jacob Sam-La Rose

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo geral a tradução e o comentário da “Carta ao General San Martín” e do conto "Dama tocada", presentes na obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* de Washington Cucurto, traduzido no Brasil com foco na visibilidade das vozes negras como uma ruptura com o cânone da literatura argentina. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos objetivos específicos, que incluem a análise da linguagem na produção de Cucurto como uma prática divergente do cânone literário argentino, a exploração da produção bibliográfica dos estudos da tradução e sua relação com as teorias da literatura marginal e antirracista. Foram consideradas teorias de autoras/es como Gayatri Chakravorty Spivak, Denise Carrascosa, Antoine Berman, Lawrence Venuti, Grada Kilomba, Sílvio de Almeida, Bell hooks, Lélia e Giorgio Agamben, entre outras/os. Realizou-se uma análise crítica dos textos a traduzir, destacando as vozes negras presentes na obra, que foram traduzidas para o *pretuguês*, tal como cunhado por Lélia. Também foram discutidas as escolhas e estratégias literárias adotadas na tradução, bem como os aspectos culturais e históricos presentes na obra e sua relação com o contexto em que foi produzida. Por fim, foram apresentadas as conclusões da pesquisa, ressaltando as contribuições da obra para a literatura argentina e para público leitor brasileiro, considerando que as traduções realizadas são inéditas, a linguagem marginal enquanto aparato de resistência ao cânone, o caso do pretuguês e o uso da língua como tratativa de cunho político.

**Palavras-chave:** Literatura Argentina. Descolonização. Racismo. Vozes negras.



## RESUMEN

Esta tesis de maestría (tiene) como objetivo general traducir y comentar la “Carta al General San Martín” y el cuento “Dama tocada”, presentes en la obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* de Washington Cucurto, con un enfoque en la visibilidad de las voces negras como una ruptura con el cónone de la literatura argentina. Para lograr este objetivo, se establecieron objetivos específicos, que incluyen el análisis del lenguaje en la producción de Cucurto como una práctica divergente del canon literario argentino, la exploración de la producción bibliográfica en estudios de traducción y su relación con las teorías de la literatura marginal y antirracista. Como punto central para alcanzar estos objetivos, se llevó a cabo la traducción de la “Carta al General San Martín” y del cuento "Dama tocada", seguida de comentarios y justificaciones de mis elecciones traductoras. Se consideraron teorías de autores como Gayatri Chakravorty Spivak, Denise Carrascosa, Antoine Berman, Lawrence Venuti, Grada Kilomba, Sílvio de Almeida, Bell hooks, y Giorgio Agamben, entre otros. Se realizó un análisis crítico de los textos a traducir, resaltando las voces negras presentes en la obra, que fueron traducidas como *pretuguês*, tal como definido por Lélia . También se discutieron las elecciones y estrategias literarias adoptadas en la traducción, así como los aspectos culturales e históricos presentes en la obra y su relación con el contexto en el que fue producida. Por último, se presentaron las conclusiones de la investigación, resaltando las contribuciones de la obra a la literatura argentina y al público lector brasileño, considerando que las traducciones realizadas son inéditas, el lenguaje marginal como aparato de resistencia al canon, el caso del pretugués y el uso del lenguaje como abordaje político.

**Palabras clave:** Literatura Argentina. Descolonización. Racismo. Voces negras.

## ABSTRACT

This thesis aimed to translate and comment on the “Letter to General San Martín” and the short story “Dama Tocada” from the work *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* by Washington Cucurto, focusing on the visibility of Black voices as a rupture with the canon of Argentine literature. To achieve this goal, specific objectives were established, including the analysis of language in Cucurto's production as a divergent practice from the Argentine literary canon, the exploration of translation studies' bibliographic production and its relation to marginal and anti-racist literature theories. As a central point to achieve these objectives, the translation of the “Letter to General San Martín” and the short story “Dama tocada” was carried out, followed by comments and justifications for my translation choices. Theoretical approaches from authors such as Gayatri Chakravorty Spivak, Denise Carrascosa, Antoine Berman, Lawrence Venuti, Grada Kilomba, Sílvio de Almeida, Bell hooks and Giorgio Agamben, among others, were considered. A critical analysis of the texts to be translated was conducted, highlighting the Black voices present in the work, which were translated as *pretuguês*, as defined by. The translation's literary choices and strategies were also discussed, as well as the cultural and historical aspects present in the work and its relation to the context in which it was produced. Finally, the research conclusions were presented, emphasizing the contributions of the work to Argentine literature and the Brazilian reading audience, considering that the translations carried out are unpublished, the marginal language as a device of resistance to the canon, the case of "pretuguês," and the use of language as a means of political discourse.

**Keywords:** Argentine Literature. Decolonization. Racism. Black Voices.

## LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 CAPA DO LIVRO 1808: <i>LA REVOLUCIÓN DE MAYO VIVIDA POR LOR NEGROS</i> .....	24
---	----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 EXEMPLO DA FORÇA DOS PERSONAGENS NEGROS .....	21
QUADRO 2 EXEMPLO DO USO DA CASA COMO FORMA DE VIOLAÇÃO À BRANQUITUDE .....	47
QUADRO 3 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	53
QUADRO 4 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	84
QUADRO 5 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	85
QUADRO 6 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	89
QUADRO 7 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	89
QUADRO 8 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	90
QUADRO 9 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	91
QUADRO 10 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	92
QUADRO 11 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	97
QUADRO 12 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	99
QUADRO 13 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	102
QUADRO 14 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	103
QUADRO 15 EXEMPLO DE TRADUÇÃO AO PRETUGUÊS .....	108

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO – MEMÓRIAS DA MARGINALIDADE: CONSTRUIR-SE UNIVERSITÁRIO..</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1 METODOLOGIA .....	39
<b>2 CUCURTO E O CÂNONE LITERÁRIO ARGENTINO: A LINGUAGEM MARGINAL NA LITERATURA CUCURTIANA.....</b>	<b>42</b>
2.1 A CRÍTICA LITERÁRIA NA OBRA DE CUCURTO .....	42
2.2 O RACISMO ESTRUTURAL E O APAGAMENTO DAS VOZES NEGRAS DENTRO DO CÂNONE LITERÁRIO ARGENTINO E BRASILEIRO: A NEGRITUDE COLOCADA NO LUGAR DE SUBALTERNIDADE .....	49
<b>3 UM DIÁLOGO ENTRE TEORIAS DA TRADUÇÃO E AS TEORIAS ANTIRRACISTAS: A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE PODER .....</b>	<b>60</b>
3.1 TEORIAS DA TRADUÇÃO .....	62
3.2 TEORIAS ANTIRRACISTAS E A TRADUÇÃO .....	65
<b>4 TRADUÇÕES .....</b>	<b>71</b>
4.1 TRADUÇÃO DO CONTO “DAMA TOCADA”.....	71
4.2 TRADUÇÃO DA CARTA AO GENERAL SAN MARTÍN TITULADA "1810 LA REVOLUCIÓN DE MAYO VIVIDA POR LOS NEGROS" .....	79
<b>5 ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO.....</b>	<b>82</b>
5.1 LUNFARDO, A LINGUAGEM POPULAR E O PRETUGUÊS .....	87
5.2 O RACISMO NAS LITERATURAS BRASILEIRA E ARGENTINA .....	92
5.3 REVISÃO DA HISTÓRIA .....	101
5.4 CUMBIA, TANGO, ZAMBA E SAMBA: A LÍNGUA NO COMPASSO DA DANÇA POPULAR .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>

## **PRÓLOGO – MEMÓRIAS DA MARGINALIDADE: construir-se universitário**

Este prólogo resulta de questionamentos que germinaram como espinhos das rosas que brotavam a cada primavera nos jardins da minha infância, deixando feridas não cicatrizadas que inevitavelmente se abriram durante o meu percurso acadêmico universitário. Máculas que ressurgiram por meio das inquietações, das frustrações e das dores que nasceram na universidade, a começar pela necessidade de falar à/ao leitora/or sobre o/os lugar/es que não percebi sendo ocupado/os pelas pessoas negras.

Minhas palavras são a representação do grito abortado pelo medo, talvez pela imaturidade, pela fragilidade e/ou ausência de força para combater aqueles/as que não reconhecem a academia como um lugar pertencente a um negro fora dos padrões convencionados pela sociedade; seja pela idade, seja pela pouca base escolar e/ou pelas quase duas décadas de estudos que foram perdidas em prol do trabalho, do sustento.

Neste momento, enquanto penso em toda minha trajetória acadêmica, as palavras me vêm como gotas de lágrimas que correm no rio da minha memória. Um turbilhão de acontecimentos se funde com o passado e o presente de um menino pobre que foi criado à margem de um córrego, perdeu muitas coisas, ganhou outras tantas, cresceu, tomou conhecimento do mundo, foi autodidata, se graduou, entrou para o Mestrado e segue ocupando um espaço acadêmico que, historicamente, sempre foi ocupado pelas classes dominantes, em sua maioria brancos de poder aquisitivo muito mais elevado que o meu.

Foi na universidade que me perguntava manhã após manhã ao atravessar o campus e seguir para minhas aulas “onde estão as/os negras/os neste espaço?”, “por que em uma sala de quase trinta pessoas apenas três são negras/os?”, “onde estão as/os professoras/es que me representam?”, “por que o quadro de funcionários/as da limpeza e da cozinha são massivamente compostos por negras/os?” Percebi que bem diante dos meus olhos estava o tão adotado e pouco falado dentro da academia: racismo estrutural, explicado por Sílvia Almeida (2019) como uma forma de racismo que vai além das ações individuais, afetando todas as esferas da vida social.

Meus questionamentos e minhas indignações só cresciam. Dentro de mim sentia que era urgente escrever, conversar e partilhar com leitoras/es que comungavam com minhas latentes inquietudes. Posteriormente, essas vivências me ajudaram a decidir o tema da minha dissertação. Eu sabia que estava no caminho certo e que deveria assumir um compromisso com todas/os aquelas/es que, ao lerem minha dissertação, logo se identificariam comigo e

com uma história que não é só minha, mas de todas/os que na marginalidade cresceram. Sentia que eu deveria falar como e não para os sujeitos que, assim como eu, atravessaram os jardins espinhosos da vida, andaram por ruas de lamas e lágrimas, sentiram o peso das mãos e das palavras das/os tiranas/os de couro branco que sempre foram empoderadas/os por estarem em uma posição de privilégio, lugares outorgados a elas/es por força do histórico colonial e escravocrata que pulsa nas veias ulceradas da nossa sociedade, moldada com o barro podre da opressão e do preconceito.

É justamente desse lugar de poder, outorgado à branquitude por ela mesma, que se estruturou o racismo. Para Almeida (2019), o racismo estrutural refere-se a um sistema de opressão e discriminação que está enraizado nas estruturas e instituições da sociedade. O autor destaca que o racismo estrutural é uma forma de racismo que se manifesta de maneira invisível e sistemática, perpetuando desigualdades e privilegiando grupos racialmente dominantes.

Certa vez, ouvi de uma professora branca, que até então era muito querida e respeitada por mim, a seguinte frase: “por que você não volta para a cozinha e continua a fazer seus pratos maravilhosos?” Acredito que por não aceitar, inconscientemente, que alguém tão querida por mim estivesse sendo racista, não percebi o impacto da frase no momento, mas ao longo do término da minha graduação esse episódio me corroeu como a maresia da mágica ilha corrói o ferro. O racismo institucional não parou por aí. Em outro episódio, eu e alguns colegas ouvimos de outra professora: “não entendo porque o poder público investe dinheiro em alunos mais velhos.”

Asseguro que não foi fácil. Por diversas vezes pensei em desistir, porém no meu íntimo sabia que tinha a missão de falar, testemunhar e denunciar aos/as meus/minhas a institucionalização do racismo no meio acadêmico. A confirmação final do racismo institucional que me perseguiu no decorrer da minha formação acadêmica veio durante a minha colação de grau. Dentre os quarenta formandos das Letras, do Secretariado Executivo e das Relações Públicas, havia apenas uma colega negra e eu.

Naquele momento eu pude realmente entender que o racismo institucional é um fenômeno que diz respeito às práticas, às políticas e às normas das instituições, pensadas e aplicadas por elas em prol de um processo discriminatório que gera desvantagens sistemáticas para determinados grupos raciais. Fanon (2008) destaca que o racismo institucional é reproduzido por meio das estruturas e práticas das instituições, prejudicando as oportunidades e o acesso equitativo a recursos para grupos raciais minoritários.

A branquitude, por sua vez, no gozo da sua posição social e dos seus privilégios concedidos, perpetra o racismo e alimenta com sua sede de poder sociedades estruturalmente racistas. Césaire (2010) explora a noção de branquitude como uma construção social e ideológica que perpetua a supremacia branca e a dominação racial. Munanga (2020) também aborda a branquitude como uma categoria que implica a naturalização e a perpetuação dos privilégios e normas brancas.

Esses conceitos estão intrinsecamente relacionados às discussões sobre colonialidade, poder e eurocentrismo na América Latina QUIJANO, (2005). A partir dele entendo que o racismo estrutural, o racismo institucional e a branquitude são produtos da colonialidade, que estabeleceu uma hierarquia racial e cultural que persiste até hoje.

Por quase toda minha graduação fui atravessado por essa colonialidade, pelo pré-conceito e pelo conceito do que é ser e estar em um lugar marginal. Se não fossem as aulas de literatura, onde descobri por meio da professora Meritxell Hernando Marsal a possibilidade de me conectar com autores/as negros/as que me ajudaram a conhecer mundos habitados por sujeitos que reconheci em mim e que foram tão fortes, capazes e necessários para combater o pré-conceito e o racismo, eu teria desistido de tudo. Hoje consigo perceber claramente que as máscaras colocadas pela branquitude elitista, descritas por Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação*, são reais dentro e fora da universidade.

Minhas vozes internas, a aproximação e apropriação das literaturas feministas e marginais escritas por autores/as negros/as, as andanças pelo mundo e o sentimento de não pertencimento que permearam minha formação se chocam com o medo e com a angústia. Sentimentos que me cortaram com as facas afiadas pela solidão, pelo desamparo e pela dura realidade de um estudante que por vezes não me sentiu pertencente ao um lugar que deveria ser seu por direito.

Sei que sou mais um que nasceu à margem e que por meus próprios esforços e por mãos do destino consegui acessar o ensino superior em uma das maiores e mais importantes universidades do Brasil. Mas também sei o preço pago por estar em um lugar historicamente pensado e dedicado à branquitude. Acredito que compreender, digerir e assimilar tudo que vi e vivi nos anos em que passei na academia irá demorar um tempo. Portanto, nada mais digno do que pesquisar um autor que, assim como eu, foi atravessado pelas flechas do racismo, do não pertencimento, da marginalidade e das máscaras que sempre quiseram silenciar os/as negros/as.



Confesso que foram inúmeras as dificuldades pessoais que tive ao lidar com o mundo universitário. O esforço para encontrar mecanismos que me auxiliassem no manejo com os signos acadêmicos e com significados totalmente desconhecidos por mim no âmbito dos Estudos da Tradução não foram poucos.

O grande aprendizado e os dolorosos tombos que pavimentaram meu caminho seguramente alicerçaram meu desejo de seguir, contribuindo para que eu ampliasse minha consciência sobre a importância de ocupar o meu lugar em qualquer dos mundos: não importa aonde for e o quanto custar.

Embora tenha havido muitos processos nebulosos e nefastos durante o percurso, nunca abandonei minhas ideologias, meu modo de ver e entender a vida e o outro, minhas convicções do que é justo ou não no mundo e minhas indagações sobre o lugar dos/as negros/as ou de qualquer sujeito marginalizado pela sociedade branca e patriarcal na qual eu nasci, mas a qual não pertenço. Reconheço meu lugar na sociedade como alguém que nasceu e cresceu andando descalço à margem de um córrego que nos períodos chuvosos sempre levava o pouco que tínhamos, deixando no lugar a certeza do recomeço e marcas na memória de uma criança que sentiu na boca alimentada pelo silêncio o gosto amargo do que é viver à margem.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação nasceu durante uma aula de literatura latino-americana contemporânea ofertada durante o período da minha graduação em Letras Espanhol e ministrada pela professora Meritxell Hernando Marsal. Essa disciplina me possibilitou conhecer a literatura de Washington Cucurto e o conto “Dama tocada” (2008), uma releitura do conto “Casa tomada” escrito por Júlio Cortázar e publicado em sua coletânea de contos intitulada *Bestiário* em 1951. Trata-se de um conto muito rico, seja pela sua estrutura linguística, pela exploração do efeito fantástico ou pela sua importância ao representar a literatura periférica e afro-argentina.

As leituras e as pesquisas que realizei para aprofundar-me na tradução comentada do conto “Dama tocada” e da carta contida na obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* foram essenciais para eu reconhecer, refletir, entender e questionar o lugar que os negros argentinos tiveram e têm na literatura. Por meio de seus personagens e da sua escrita, assinalada por provocações linguísticas, burlas de todos os tipos direcionadas à burguesia argentina e principalmente permeada por uma marcada e proposital objetificação carnavalesca e grotesca dos corpos negros, percebi a necessidade de se pesquisar o autor e sua obra. Foi inevitável que a escrita de Washington Cucurto me despertasse para a problemática acerca dos lugares que nós negros ocupamos na sociedade, e me fez perceber o quanto o ambiente literário vigente no mundo é hegemonicamente branco e masculino.

Na contramão da hegemonia branca, ao analisar meu objeto de pesquisa sublinhei a importância de se considerar a perspectiva dos narradores negros para se questionar o papel dos narradores brancos que contam em seus livros a história negra a partir do seu próprio ponto de vista. Muitas vezes, esses textos apresentados pela branquitude não passaram por uma análise aprofundada, e, portanto, são reafirmações das narrativas do branco e representativos por si só. No entanto, a/o negra/o, apesar de ver a sua história, ouvi-la de seus antepassados e presenciá-la, não pôde contá-la.

Nesse sentido, durante as pesquisas para realização deste trabalho identifiquei que o conto e a carta escolhidos como objeto de minhas investigações continham inúmeras passagens que levavam a pontuais ambivalências entre realidade e o que a história nos contou sobre a nossa [povo negro] própria história.

Embora eu tenha ciência da diferença existente entre o escritor Santiago Vega, nascido em Quilmes no ano de 1973 e Washinton Cucurto, heterônimo criado por Vega para

representar seu alter ego, nessa dissertação optei por usar o autor/personagem Cucurto para me aproximar mais do autor/heterônimo/personagem do que de Santiago Vega. Minha escolha se baseia na força existente no autor/personagem no âmbito da representatividade da literatura marginal, reverberada em personagens representados por ele.

Cucurto foi transformado por Santiago Vegas em um escritor, poeta, editor e ativista cultural argentino que ganhou notoriedade por suas obras ao abordar a realidade marginalizada de Buenos Aires, especialmente em relação à comunidade LGBTQIA+ e à periferia da cidade. Seus livros, caracterizados pela ficção e por um realismo que ele define como “atolondrado”, isto é, “impulsivo”, e pela burla carnavalesca e pelo apelo sexual que marca seus personagens, são permeados por uma linguagem recheada de elementos linguísticos que nasceram no subúrbio, no gueto argentino, que alimentam dialetos comuns nas periferias de Buenos Aires ao misturar elementos da cultura popular com a linguagem da rua. Contudo, a linguagem cucurtiana bebe na fonte da literatura universal. Ou seja, sua escrita se torna um ato político que traduz, que reconta o mundo marginal que a burguesa na capital argentina quer deixar no esquecimento.

Entretanto, por trás da expressão artística e performática presente na literatura cucurtiana existe o escritor argentino Santiago Vega (1973), conhecido pelo pseudônimo Washington Cucurto. É Vega que desde final da década de 90 vem desafiando o cânone literário argentino com uma literatura que denuncia os preconceitos contra pobres, negros e imigrantes que vivem nas periferias de Buenos Aires. Washington Cucurto parece ser um “outro” de Vega que através do personagem Cucurto incorpora outras figuras.

Santiago Vega é o mentor criativo que instrumentaliza Cucurto para viver seus personagens. No entanto, algumas vezes Cucurto é representado fisicamente por Santiago Vega, no caso de entrevistas, aparição em revistas, jornais ou programa televisivo e outras é Cucurto que representa seu mentor por meio dos fatos e acontecimentos presentes em narrativas que possivelmente foram vividas por Vegas. Entretanto, o personagem Cucurto se tornou mais forte que seu criador. Enquanto Vega se apresenta como uma figura real que representa a voz de seu próprio personagem, Cucurto entra no imaginário literário e incorpora negras/os, dominicanas/os, colombianas/os, paraguaias/os, bolivianas/os para contar por meio da ficção a vida miserável que seus personagens levam às margens da Buenos Aires real.

Com efeito, entre o personagem/autor Cucurto e a pessoa física de Santiago Vega, observamos um jogo literário entrelaçado entre narrador, autor e personagem. Nele, o autor se mistura com o narrador, com o personagem Cucurto e ao mesmo tempo incorpora uma

identidade negra e marginalizada presente em Clodoaldo e Maripili como mostra essa passagem: “conheci eles na rua, a gente entrô pra dentro do barraco e aí a gente morava”.

Em consonância com Carolina Rolle (2016, p. 181)<sup>1</sup>,

ao se apropriar do personagem Cucurto e usar seu nome para se apresentar como um negro chorão, Vega simula ser outra pessoa para construir a distorção de um modelo. Dessa forma, a simulação se manifesta como uma forma de zombaria, que envolve ridicularizar a autoridade, a boa literatura, rabiscar o modelo, desafiar os inquisidores, sujar, manchar o imaculado, o perfeito, o inatingível por sua nitidez e harmonia. A relação entre o modelo e sua cópia deformada, o monumento e sua paródia, a operação e sua blasfêmia desarticulam o caráter sagrado que é atribuído à cultura letrada. (Tradução minha).

Através da sua forma ímpar de escrever, Santiago de Vega deixa seu outro se apropriar dos seus recursos literários e, em *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, Washington Cucurto assume o papel do escritor afro-argentino para nos oferece uma visão perspicaz da sociedade argentina, marcada pelo racismo e pela supremacia branca durante a Revolução de Maio<sup>2</sup>.

Munido por sua escrita burlesca, característica em suas narrativas, o autor desconstrói a objetificação sexual do corpo negro ao mesmo tempo em que crítica a heteronormatividade. No caso de “Dama tocada”, ao longo da história contada por ele a/o leitora/o se depara com estratégias linguísticas usadas por Cucurto para conscientizar, marcar e denunciar aspectos de cunho racial e sexual, reescrevendo a história da fundação da nação argentina. No conto, o autor retrata seus heróis de forma desmistificada, além de apresentar o sexo como uma forma de libertação racial. Dessa maneira, Cucurto proporciona às/aos suas/eus leitoras/es uma imersão na história nacional argentina ao mesmo tempo em que as/os leva a repensá-la através de perspectivas inclusivas, diversas e libertárias.

Ainda no campo da inclusão, da diversidade e da liberdade, ao eleger a obra já citada como objeto de minha pesquisa, entre dúvidas e incertezas, me chamou a atenção a forma como Cucurto conduz a/o leitora/o a pensar sobre o lugar que as/os negras/os ocupam em suas

---

<sup>1</sup> “Al apropiarse del personaje Cucurto y utilizar su nombre para constituirse en negro choro, lo que hace Vega es simular ser otro para con esto construir la contrahechura de un modelo. Así, la simulación aparece como mofa que implica reírse de la autoridad, de la buena literatura, garabatear el modelo, impugnar a los inquisidores, ensuciar, manchar lo impoluto, lo perfecto, lo inalcanzable por su nitidez y armonía. El modelo y su copia desfigurada, el monumento y su parodia, la operación y su blasfemia desbaratan la carga sacramental que inviste a la cultura letrada” (ROLLE, 2016, p.181).

<sup>2</sup>A Revolução de Maio é um evento histórico de extrema importância que teve um impacto significativo na história argentina em 1810, envolvendo implicações cruciais para a independência e soberania do país. Alguns consideram que essa revolta foi além de uma mera mudança de poder, pois trouxe consigo o florescer do sentimento de identidade nacional. Ademais, a população negra desempenhou um papel fundamental durante os eventos de maio, visto que sua participação ativa na sociedade e a luta por seus direitos influenciou diretamente os rumos da revolução (VELÁZQUEZ, 2018).

narrativas; prova disso é o destaque dado aos personagens Clodoaldo Maripili e Azulino Sepúlveda, elementos centrais na história de (auto) ficção contada por Cucurto. Em seu enredo, além de serem a marca da liberdade e da diferença, os personagens negros são os verdadeiros heróis que fazem a revolução em lugar dos personagens brancos e burgueses na condução da narrativa.

Quadro 1 Exemplo da força dos personagens negros

Texto de partida	Texto de chegada
<p>Clodoaldo Maripili y Azulino Sepúlveda eran del sur de Nigeria. Los conocí en la calle y nos metimos al ranchito y ahí vivíamos. Nos pasábamos los días encerrados, cogiendo a lo loco, siempre había unas mozuelas dispuestas a entregar el culo en pos de una buena verga del África. Es increíble la patología sexual de algunas minas, cómo se calentaban con los esclavos, lo prohibido, el fruto intocable, pues aquella a la que se descubriera sobándole el tronco a un negro era quemada viva, como en la época de la Inquisición. ¡Y se encontraban guainas a lo loco, incluso hasta damas distinguidas, esposas de verdaderos jefes políticos, gurúes de la Corona en el Virreinato!</p>	<p>Clodoaldo Maripili e Azulino Sepúlveda eram do sul da Nigéria. Conheci eles na rua, a gente entrô pra dentro do barraco e aí a gente morava. A gente passava os dias trancados, metendo sem pará, sempre havia umas dondocas dispostas a entregá a bunda em nome de uma boa rola africana. É incrível a patologia sexual de algumas mina, como se esquentavam com os escravos, o proibido, o fruto intocável, pois aquela que fosse descoberta mamando um negro era queimada viva, como na época da Inquisição. E a toda hora se encontravam novinhas, inclusive até mulheres distintas, esposas de verdadeiros chefes políticos, gurus da Coroa no Vicereinado!</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No exemplo acima, Cucurto evidencia a representatividade do negro em sua escrita, além de apontar a sexualização e a objetificação dos corpos brancos em lugar dos corpos negros, modificando então a ordem das narrativas tratadas pela história. Ao analisarmos o trecho destacado percebemos a prática do “sexo” como forma de dominação do negro sobre o branco, embora seu lugar continue sendo o da marginalidade. A morada, lugar do marginalizado, propositalmente foi traduzido (pela sintaxe) para “barraco” como forma de marcar um espaço totalmente presente nas periferias e que ilustra o lugar do imigrante negro naquele período. Por fim, o trecho também destaca o preconceito racial presente na sociedade rioplatense: “aquela que fosse descoberta fudendo com um negro era queimada viva”.

Assim, em tom performático, provocativo e exagerado, as narrativas do personagem Cucurto reverenciam a marginalidade e retrata de forma irônica e desdenhosa a aristocracia argentina para tratar questões raciais e linguísticas, transformando sua escrita em um grito que ecoa em favor da linguagem antirracista, de protesto, escancarando o racismo.

Conforme Loango e Silva (2022), o racismo na Argentina é caracterizado por estereótipos e discriminação sutis contra populações afrodescendentes.

Nesse ponto, por não acreditar que o racismo na Argentina seja sutil, velado como no Brasil, não comungo a opinião de Loango e Silva. Seguramente, a quebra e a supressão da identidade negra na Argentina impactaram significativamente a cultura, a literatura e a própria forma de ser e se entender enquanto negra/o.

Sobre o apagamento do povo negro argentino, estudiosos como Ezequiel Adamovsky na obra *História de las clases populares en la Argentina* (2012) e Alejandro Solomianski em “*Argentinidad y negritud: identidades secretas*” (2002) analisam as identidades e as representações da negritude na Argentina. Eles exploram como a negritude tem sido frequentemente invisibilizada ou estereotipada, e como as narrativas hegemônicas de identidade nacional muitas vezes excluem ou marginalizam os afro-argentinos.

Segundo eles, logo depois da chegada dos imigrantes europeus no início do século XX, deu-se um período de diversidade crescente. Assim, a população argentina passou a ser composta por uma mistura de crioulos, indígenas e mestiços sem educação formal, assim como imigrantes antigos e novos que falavam diferentes línguas. Com o objetivo de manter a ordem, as elites procuraram homogeneizar essa massa heterogênea, propagando assim o mito argentino da “mistura de raças”, que sugeria a fusão de todos esses grupos étnicos em uma única raça argentina uniforme. (ROLLE, 2016).

No entanto, essa ideia, em consonância com o racismo da época, escondeu uma hierarquia racial, pois tal fusão promoveu a emergência de uma nova raça branca-europeia, ignorando a presença de mestiços, negros, mulatos e indígenas. Dessa maneira, a discriminação contra os argentinos não brancos transformou-se em racismo estrutural, organizou-se através do racismo institucional, se naturalizou no campo das ideias, do imaginário popular e culminou em uma das formas mais cruéis de racismo, a eugenia.

As pesquisas de Andrews (2007) apontam que, além dos processos de eugenia com o envio dos negros aos fronts de guerra, a população negra na Argentina foi numericamente reduzida devido à imigração massiva de europeus no final do século XIX. Essa dinâmica contribuiu para a construção de uma identidade nacional que se afastou de suas raízes africanas e indígenas.

Outros autores, como Adolfo Prieto em *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna* (1988), investigam a construção da identidade argentina, levando em consideração a presença da negritude. Enquanto isso, obras literárias de Cucurto, como *1810*.

*La Revolución de Mayo vivida por los negros* (2008) e *Cosa de negros* (2003), abordam a perspectiva dos negros na história argentina e exploram a experiência da comunidade negra na sociedade. Por outro lado, ao assumir a identidade de Cucurto, Vega se define como negro, se conecta com sua cultura e desvela a comunidade negra.

Em suma, esses estudos e obras literárias contribuem para uma compreensão mais ampla dos impactos da identidade negra na Argentina, questionando narrativas dominantes e promovendo uma maior visibilidade e valorização da cultura e da história dos afro-argentinos.

Embora eu já tivesse feito uma viagem para Buenos Aires em 2008, confesso que até o momento da disciplina ofertada pela professora Meritxell, quase uma década depois da minha experiência em terras portenhas, eu nada sabia sobre o apagamento negro na Argentina ou sobre a marginalização dos povos periféricos de Buenos Aires. Na verdade, foi a literatura de Cucurto que me levou a perguntar pela primeira vez onde estavam os/as negros/as na Argentina e o porquê da ausência deles/as.

Acredito que por eu ser um estudante negro, periférico, pobre, procedente de Belo Horizonte (uma capital negra naturalizada como mestiça) e que se aventurou a estudar em Florianópolis na condição de migrante forasteiro, invisível e marginalizado, logo me identifiquei com a escrita escrachada, provocativa e poderosa de um autor que mescla realidade com ficção e empresta sua voz a sujeitos subalternizados que sempre viveram no limbo da história. Assim, a ideia dessa pesquisa parte de estudos anteriores que desenvolvi ao longo do tempo desde a minha graduação e que foram amadurecidos no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

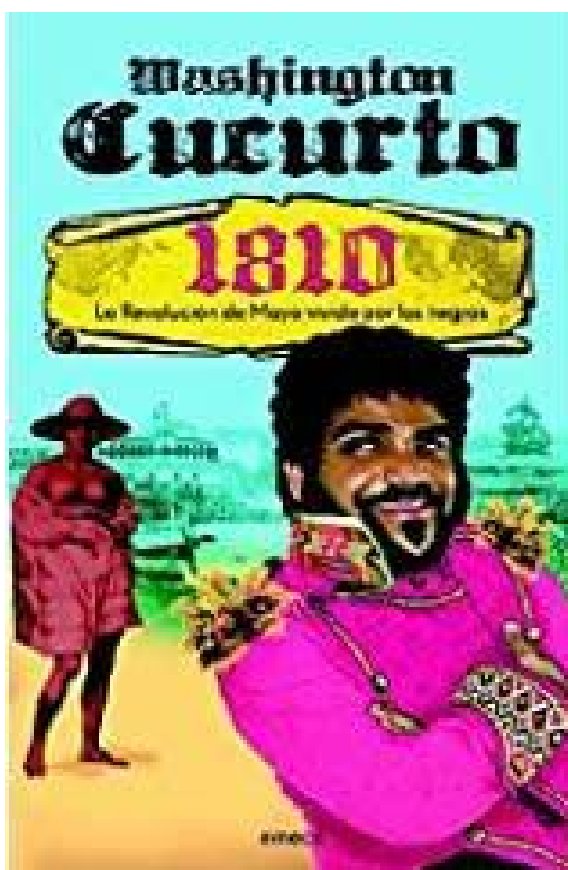
Por isso, decidi usar como pilar para a construção do *corpus* da minha pesquisa o autor argentino Washington Cucurto e a obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros*, composta por uma série de textos escritos que tem como foco principal o papel dos afro-argentinos na Revolução de Maio, evento histórico que culminou na independência da Argentina.

Na obra supracitada, os textos são escritos de forma poética e fragmentada, com uma linguagem que mescla o espanhol com gírias e expressões típicas da cultura periférica argentina. Os personagens que aparecem na obra, em sua maioria afrodescendentes, são retratados de maneira heroica enquanto aos brancos lhes cabem o deboche e o desprezo. Em seus textos, Cucurto aborda temas como a escravidão, a violência racial e a luta por direitos e

liberdade. Ele também faz referência a figuras históricas importantes da época, como o líder da Revolução de Maio, Mariano Moreno, e o herói da independência, José de San Martín.

Ao acessar o livro *1808: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, a princípio foi a capa de fundo azul, composta por uma série de elementos distintos que me fez questionar o porquê daqueles paratextos estarem ilustrando a obra.

Imagem 1 Capa do livro *1808: La Revolución de Mayo vivida por los negros*



Fonte: Cucurto (2008).

Foi pela configuração da capa, irônica, cheia de humor e marcada pela irreverência do autor que comecei a entender a referência que Washington Cucurto fazia a si mesmo. Nela, o autor se declara o próprio herói da história. O tom rosa da sua vestimenta parece provocar de forma burlesca a masculinidade heteronormativa militar argentina. O tom provocativo usado pelo autor, de antemão presente na capa, segue ancorado em elementos como uma construção colonial em ruínas, barracos cobertos com telhados de sapê que remetem a malocas, uma embarcação que se parece com uma caravela dos invasores espanhóis, uma mestiça com os seios à mostra, um chapéu colonial e uma vestimenta que remete a uma mulher se oferecendo sexualmente. Em destaque, Washington Cucurto aparece caracterizado



como o General San Martín esboçando uma expressão carregada de ironia. Todos esses elementos aguçaram meus instintos de pesquisador e me levaram a investigar detalhadamente os temas abordados na obra. Confesso que ao analisá-lo mais criteriosamente encontrei em suas narrativas a tradução imagética para entender o contexto histórico argentino e a supressão do papel dos negros naquela nação.

Lembro-me de haver questionado os motivos que levaram o autor argentino a vestir uma farda rosa com penachos e estampas na gola e nos punhos, o que posteriormente, com mais pesquisas, pude entender que se tratava de uma referência e homenagem à arte indígena dos três países que San Martín libertou da coroa espanhola. Assim, minhas indagações me fizeram mergulhar na história por meio do corpus da obra.

Após inferências suscitadas com a visão da imagem de capa, logo entendi que os elementos usados pelo escritor argentino Washington Cucurto elencavam uma série de provocações inerentes à marginalização dos não europeus, ao apagamento do negro na Argentina e, sobretudo, à maneira que as histórias apresentadas na obra (des)construíam heróis, recriavam mitos e ocultavam personagens centrais e importantes dentro do contexto político e histórico argentino.

Ao analisar mais criticamente sua obra, não me pareceu que o autor pretendeu em algum momento se passar pelo herói branco que libertou a América mestiça de seus alçózes espanhóis, como representava a capa de *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros*. Na verdade, de forma indireta e burlesca, através da emblemática capa do seu livro Cucurto nos diz que os verdadeiros mártires dos países que foram sacados das mãos da coroa espanhola foram os negros, os mestiços e os indígenas, os quais, segundo ele, foram os verdadeiros donos da terra. Posteriormente, ao analisar o conto “Dama tocada”, claramente entendi as intenções do autor por trás da capa ao revelar o negro como condição de existência, como forma de estar presente na história por meio da performance e de uma linguagem que teve a intenção de impactar, provocar. Cucurto parece tomar emprestado o mesmo dinamismo literário presente no conto de Júlio Cortázar, que lhe serve de ponto de partida.

A escolha de parte da obra como objeto desse trabalho se justifica pela força da sua narrativa, pelo lugar em que Cucurto coloca personagens negros, pela forma como ele desconstrói a Revolução de Maio, na qual os/as negros/as passam a ser personagens centrais da história. Ao se colocar na história contada e se apresentar como narrador personagem, Cucurto parece saber muito bem sobre o que fala, como fala e porque fala. Acredito que por ser um negro afroargentino descendente de dominicanos que nasceu e viveu na periferia de

Buenos Aires, parece conhecer muito bem os meandros do gueto, a linguagem usada no submundo portenho, o racismo, o sexismo e o machismo existente na cultura portenha.

Se antes da versão cucurtiana o conto de Cortázar era celebrado pela burguesia intelectualizada, “Dama tocada” transforma, quebra, desmonta a forma classista que concebeu a nação e que perdurou no imaginário nacional da Argentina. O conto é uma antítese do enredo contado por séculos pelos livros escritos por brancos que descenderam dos europeus.

Sua narrativa é comprometida com o ato de denunciar, de provocar e conchamar a nação leitora para sair do lugar de sujeito passivo, assumir o papel de agente ativo e juntar-se ao autor para desconstruir e desmistificar a história que nos foi contada, além de cutucar na ferida da heteronormatividade. Cucurto, como um tradutor que rompe com a equivalência da narrativa de partida, rasga os livros de história e por meio da ficcionalidade e do realismo atolondrado nos conta a sua versão dela.

Portanto, a proposta de Cucurto na narrativa ficcional busca desmitificar os personagens históricos, questionar a historiografia e explorar a relação entre indivíduo e história. Para além desses tópicos, o autor também busca representar por meio de sua escrita pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros (AGUIRRÉZ 2016). Problematizar questões em torno da masculinidade fraturada nos leva a repensar o papel da heteronormatividade dentro da historiografia nacional. Suas inquietações em torno da dessacralização do herói e da quebra de normas ditadas pelo machismo são evidenciadas no momento que ele apresenta seu manifesto. Nele, o autor propõe jogar por terra os mitos construídos pela história contada pelos brancos. Cucurto (2008, p. 15)<sup>3</sup> indica que

a figura social do 'herói' é um invento funcional ao poder europeu. Sinceramente, sinto-me muito atraído por Mariano Moreno, mas não sei se é assim, as coisas não estão claras. Quantos de nossos heróis foram terrivelmente filhos da puta? Quantas ruas têm o nome de gays ocultos, heróis silenciados em sua essência margarida convertidos em supermachos pela infâmia católica? (Tradução própria).

Na citação podemos perceber evidentemente as intenções de Cucurto: (des)fazer e denunciar a figura do herói mitificado, do ídolo construído pela branquitude e criticar o catolicismo; desmentir a historiografia literária, incorporando gírias e a linguagem popular, de rua em sua versão da história; e, por fim, provocar a reflexão em torno das relações não

---

<sup>3</sup> Texto de partida: La figura social del “prócer” es un invento funcional al poder europeo. Sinceramente, me siento muy atraído por Mariano Moreno, pero no sé si sea así, las cosas no están claras. ¿Cuántos de nuestros héroes fueron terribles hijos de puta? ¿Cuántas calles llevan el nombre de putos ocultos, héroes silenciados en su ser margarita convertidos en supermachos por la infamia católica? (CUCURTO, 2008, p. 15).

heterossexuais ao nos revelar um interlocutor que se sente atraído por um personagem masculino. Paralelamente, na proposta de (des)construção do autor é evidente seu desejo de desvincular a história da supremacia branca. Pelo prisma de um autor negro, Cucurto quer recontar uma história que durante as guerras pela independência da sua nação mandou milhares dos seus, ainda escravizados, para a morte, ou, quando livres, os impeliu a viverem reclusos em locais afastados.

Cucurto, ao traduzir a história não contada pelos livros, nos mostra a composição do seu ideal de nação argentina. Por isso, acredito que a tradução, ao ser usada com responsabilidade, ética, pode ser uma ferramenta poderosa para a visibilidade de pautas que envolvam a negritude e o apagamento de escritores/as negros/as dentro do cânone literário. Considero que por meio da tradução é possível dar voz a obras que foram negligenciadas ou sub-representadas no mercado editorial, ampliando o alcance de suas mensagens e tornando-as acessíveis a um público mais amplo e interessado em pautas antirracistas, o caso do Brasil.

No contexto brasileiro, a literatura produzida por escritores/as negros/as tem sido historicamente marginalizada e invisibilizada dentro do cânone literário nacional. É preciso trazer à luz uma linguagem com códigos que reumanizem os/as que sempre foram tratados como animais. Grada Kilomba (2020), diz que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma linguagem, um vocabulário no qual nós possamos todas/os nos encontrar, na condição humana.

Penso que ao tratar da tradução de obras de autores/as negros/as de outras partes do mundo, como o caso de Washington Cucurto, contribuo para visibilizar as pautas raciais, ampliando as discussões em torno da presença de autores/as negros/as na literatura nacional, além de corroborar com a reescrita da história contada a partir do ponto de vista de um autor/personagem negro. De acordo com Bell hooks (1990), a crença de que a escrita é uma obrigação moral incorpora a ideia de que a história pode ser interrompida, apropriada e transformada por meio da prática artística e literária.

A tradução de autores/as negros/as é uma ferramenta importante para a visibilidade de temas que envolvam a negritude e o apagamento da literatura negra junto ao cânone literário, bem como para a promoção da diversidade linguística e cultural em geral. Nesse sentido, a tradução da obra do escritor argentino Washington Cucurto pode ser vista como um exemplo de envolvimento na luta contra o apagamento e a marginalização das vozes e narrativas não-hegemônicas.

Em suas narrativas, os personagens contam sua própria história, e o autor se coloca deliberadamente como personagem. Em uma auto ficção provocadora, é narrador presente e sujeito ativo nos fatos apresentados a/o leitora/or. Suas narrativas são frenéticas, marcadas por uma atemporalidade que muitas vezes parece estar no presente e que parecem seguir a estrutura das narrativas teatrais. Cucurto parece nos contar a sua própria história. Nesse sentido, Kilomba (2020) aponta a necessidade de figurar a própria história como vinculada à autoria negra, pois para ela:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou. (KILOMBA, 2020, p. 28).

Portanto, a tradução da obra de Cucurto para outros idiomas, como o “pretuguês<sup>4</sup>”, é muito relevante para a promoção da diversidade cultural e para a ampliação da discussão e do entendimento da literatura marginal. No tocante à urgência de se dá voz para autoras/es dialogarem com quem reconhece as realidades explicitadas na sua linguagem, por vivê-las cotidianamente, Nascimento (2006) destaca a importância da chamada "literatura marginal" como uma forma de expressão dos escritores de periferia. Essa forma de escrita permite que esses autores rompam com o silenciamento e reivindicuem seu lugar na produção literária, trazendo à tona suas vivências e perspectivas únicas. Concomitantemente, a literatura de protesto passa a ser um artifício contra a exclusão e suas mazelas.

Portanto, traduzir Cucurto se torna uma forma de apontar o apagamento das vozes negras dentro do cânone literário, já que Cucurto é um escritor que se posiciona e abraça questões políticas e sociais que pontuam causas da comunidade negra, dentro e fora do campo literário e da tradução. É importante ressaltar que a ruptura no plano literário não se deve apenas ao fato do autor ser negro, mas sim ao ato dele escrever personagens negros em posições de protagonismo e de contar histórias que abordam a vivência negra.

A minorização da negritude é um problema social que se manifesta em diversas esferas da vida, incluindo a política, a cultura, a literatura e a economia. Esse apagamento culmina na sub-representação e na marginalização dos negros dentro da sociedade, gerando todo tipo de

---

<sup>4</sup> O termo pretuguês, usado para se pensar a formação da identidade cultural brasileira por meio das palavras provenientes de idiomas africanos e para atribuir o devido valor à linguagem periférica brasileira, foi apropriado por Lélia González e reafirmado pela autora como símbolo representativo da linguagem informal proveniente das camadas mais baixas. Após a apropriação, González (1984) passou a utilizar verbalmente alguns termos em "pretuguês", além de incorporá-los aos seus textos acadêmicos.

desigualdades, injustiças e a marginalização desses sujeitos. Na política, por exemplo, a exclusão se manifesta na baixa representação de negros em cargos públicos e na falta de políticas públicas que abordem de forma efetiva as questões raciais, pois, em sua maioria, as leis que contemplariam os negros/as em todas as esferas são elaboradas por brancos e para os brancos. Na cultura, a minorização se reflete na falta de representatividade negra em produções artísticas que tratem das necessidades do/a negro/a, da sua cultura e da sua história, que é representada hegemonicamente pelos padrões estéticos e culturais eurocêntricos. Já na economia, a inferiorização se traduz em menor acesso dos/as negros/as a oportunidades de trabalho e em salários mais baixos em relação aos/as não negros/as em posições similares. Por isso, é urgente se questionar e combater a segregação racial para construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas/os.

A tradução da obra de Cucurto, usando o pretuguês, pode ser vista como um exemplo de engajamento na luta contra o silenciamento daqueles que não têm o direito de contar suas realidades, de se identificar com elementos culturais que representam a sua história. Ao traduzir suas obras, é possível ampliar o alcance de suas mensagens, contribuindo para a visibilidade de pautas importantes, além de promover um diálogo intercultural mais amplo e inclusivo que represente o/a negro/a.

Ao abordar a resistência enfrentada pelos escritores negros na publicação de suas obras, Zora Neale Hurston (1979) destaca a importância de ampliar o espaço editorial para que vozes negras sejam ouvidas e suas histórias sejam valorizadas. A tradução de Cucurto nesse contexto representa uma forma de dar voz e visibilidade às narrativas não hegemônicas, desafiando as estruturas de poder e proporcionando um contraponto à marginalização das vozes não burguesas.

Adrienne Rich (2017), ao discutir a escrita como re-visão, destaca a importância de uma perspectiva crítica feminista, que questione as normas e hierarquias presentes.

Portanto, a tradução de Cucurto para o pretuguês desempenha um papel descolonizador ao renomear, reconduzir e dar voz às experiências não hegemônicas, subvertendo a posição de sujeito passivo imposto pela marginalização literária. Essa prática desafia as estruturas de poder e contribui para a diversidade e a valorização das vozes marginalizadas na literatura.

Washington Cucurto é um escritor que sempre se afirmou por meio de uma escrita peculiar, distinta, que desafia as convenções e segue em direção oposta ao do cânone literário argentino. Seu lugar não é o da outridade, mas sim o de redefinir papéis ocupados pelos/as

negros/as, recriar personagens históricos ante a independência argentina e produzir narrativas que contam a revolução argentina de outro lugar. Contudo, reinventar-se não é o bastante, é preciso combater, desnaturalizar, denunciar a imagem literária de cunho sexista e racista imposto às/aos escritoras/es negras/os. É bem verdade que a mola opressora que fomenta o racismo e o sexismo é diretamente impulsionada pela falsa ideia da “democracia racial”. Para Gonzales (1984, p.224), “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”.

O sexismo e o racismo imposto às escritoras/es negras/os tem uma longa história na literatura mundial. Durante muito tempo, a literatura foi um espaço dominado por homens brancos, que impuseram uma visão eurocêntrica e masculina do mundo, ignorando as vozes e perspectivas das mulheres e dos negros. Essa situação contribuiu para a invisibilização e a marginalização de escritoras/es negras/os, especialmente no que diz respeito à sua produção literária.

As barreiras impostas pelos preconceitos sexistas e racistas afetam a forma como os escritores/as negros/as são recebidos/as e interpretados pelo público leitor. Muitas vezes, suas obras são lidas com o olhar de estereótipos raciais, ou seja, o leitor tende a buscar na obra elementos que reforcem sua percepção prévia sobre a negritude e a condição da/o negra/o na sociedade. Esse viés interpretativo pode invisibilizar os aspectos mais profundos e complexos da obra, bem como impedir uma leitura crítica e contextualizada.

Em suma, o literário de cunho sexista e racista imposto aos/às escritores/as negros/as tem raízes profundas na história da literatura mundial. No entanto, é importante que sejam reconhecidos os preconceitos envolvidos na recepção e na valorização das obras literárias, e que sejam tomadas medidas para superar essas barreiras e ampliar a representatividade na literatura.

Para Grada Kilomba é preciso ir além da oposição e ser capaz reinventar-se ao mesmo tempo. Citando Bell hooks, ela assinala: “não se pode simplesmente se opor ao racismo, já que no espaço vazio, após alguém ter se oposto e resistido, “ainda há a necessidade de torna-se – de fazer-se (de) novo” (KILOMBA, 2020, p. 29).

Logo, é exatamente esse espaço vazio descrito por Kilomba que Cucurto ocupa para reinventar, criar, resistir e existir como figura central na cena literária independente da Argentina. Caracterizada pela diversidade de elementos linguísticos, sua escrita representa a multiplicidade de vozes e formas que transitam no universo suburbano da capital argentina.

Ele é conhecido por utilizar uma linguagem coloquial e popular repleta de gírias, expressões idiomáticas e neologismos, além de se destacar pela sua crueza. É da sua irreverência e da sua forma peculiar de escrever que nasce o realismo atolondrado, um gênero que recicla outros gêneros e se apropria da burla, da chacota, do sarcasmo como estilo literário, romper regras e constrói uma escrita asfixiante, cortante que atravessa o impossível e pousa no campo do imaginário.

A escrita cucurtiana intersecciona gênero, raça, língua/linguagem, classes e sexualidade. Seu texto aborda as relações homosociais e homossexuais que persistem ao lado das relações interracialais, desafiando a noção de “masculinidade hegemônica”, conceito que aborda as normas socioculturais e definem o que é considerado masculino em uma determinada sociedade. Segundo Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica representa a forma dominante de masculinidade em uma determinada cultura, impondo padrões de comportamento, aparência e poder aos homens. Essa forma de masculinidade é associada à dominação, ao controle e à subjugação de outros grupos, reforçando hierarquias de gênero.

Por outra perspectiva, a masculinidade fraturada refere-se às experiências masculinas que não se enquadram nos padrões da masculinidade hegemônica. Valente (2022) discute o encontro entre raça e gênero em narrativas literárias, destacando como personagens masculinos negros enfrentam desafios e contradições na busca por uma identidade masculina que seja autêntica para si, mas que muitas vezes entra em conflito com as expectativas sociais dominantes.

Essas definições mostram como a masculinidade é uma construção social e cultural, sujeita a diferentes influências e contextos. A masculinidade hegemônica estabelece um ideal normativo que pode ser opressivo e limitante para os homens, enquanto a masculinidade fraturada revela as fissuras e as possibilidades de resistência e subversão dentro desse sistema normativo.

Em *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, a própria capa trata, de maneira sarcástica, humorada, a masculinidade. No decorrer da história, as provas de masculinidade entre líderes e tropas negras envolvem elementos explicitamente homoeróticos e interracialais. Em seu recrutamento de soldados africanos, San Martín, na voz de Cucurto (2008, p. 100), declara: “Eu não concebo a ideia de recrutar um único soldado sem que primeiro passemos pela prova de fogo, dormindo juntos abraçados, nos penetrando

mutuamente, entrelaçando os lençóis de sêmen e saliva. Pois, amigos, o que é um exército senão o núcleo de nossa fraternidade”<sup>5</sup>.

A objetificação do corpo negro que permeia toda a obra de forma performática e provocativa parece ser proposital. Os personagens principais, Clodoaldo Maripili e Azulino Sepúlveda, são a própria personificação do sexo em carne e osso. Cucurto sugere uma relação interracial entre San Martín e Clodoaldo Maripili. Sexualmente, o negro dotado parece ser a figura mais livre de toda a novela. Ao mover-se constantemente dentro de diferentes ambientes, exerce sua sexualidade como bem quer. Maripili é sempre acompanhado por outro negro liberto, Azulino Sepúlveda. Juntos, os dois são apresentados ao leitor como caricaturas, alegorias da racialização, da hipersexualização, cujo gênero transita pela homossexualidade, pela heterossexualidade, pela bissexualidade. Sobre isso, Cucurto (2008, p. 44), diz: “Os tenentes do General, Clodoaldo Maripili e Azulino Sepúlveda... eram de Camarões e do Quênia, negros esbeltos do tamanho de um jogador de basquete da NBA, com pênis do tamanho do braço de um homem”<sup>6</sup>. Novamente, o negro que habita a historiografia cucurtiana aparece sexualizado. Clodoaldo e Azulino são transformados em um artigo de consumo, em certo sentido, em bichos estranhos que passam a ser exibidos como uma excitante curiosidade.

A hipersexualização dos corpos negros está relacionada à objetificação sexual excessiva e estereotipada dos corpos de pessoas negras. Lugones (2012) discute como a colonialidade de gênero contribui para a subjetividade escrava e a marginalização, resultando em opressões múltiplas. Essa hipersexualização é uma forma de opressão que reduz as pessoas negras à sua dimensão física e sexual, desconsiderando sua individualidade e subjetividade.

Essa questão está inserida em um contexto mais amplo de binômios que perpetuam estereótipos e hierarquias. Lugones (2020) aborda a dicotomia entre corpo e mente, na qual corpos negros são frequentemente reduzidos a uma suposta sexualidade incontrolável, enquanto a intelectualidade e a subjetividade são negadas. Essa separação entre corpo e mente reforça uma visão exótica e estereotipada das pessoas negras.

Além disso, existe a oposição entre natureza e intelecto, na qual a negritude é associada à natureza, à selvageria e à falta de controle, enquanto a branquitude é ligada à

---

<sup>5</sup> No texto de partida: “no concibo la idea de reclutar un solo soldado sin que primero pasemos la prueba de fuego, dormir juntos abrazados, penetrarnos mutuamente, encastrar las sábanas de semen y saliva... Pues, amigos, qué es un ejército sino el núcleo de nuestra hermandad”

<sup>6</sup> No texto de partida: “Los lugartenientes del General, Clodoaldo Maripili y Azulino Sepúlveda... eran de Camerún y de Kenia, negros esbeltos del tamaño de un jugador de la NBA, con unas pijas del tamaño del brazo de un hombre”



cultura, ao intelecto e à civilização. Mignolo (2007) aborda a herança colonial, destacando como a colonialidade estabeleceu hierarquias que marginalizam e inferiorizam as culturas não ocidentais, incluindo a cultura negra.

Segundo Lugones (2014), essas dinâmicas refletem a necessidade de uma abordagem descolonial que reconheça as interseccionalidades das opressões, desafie as estruturas opressivas e busque a transformação social. Para o autor, é necessário dismantelar os binômios opressores e reconhecer a multiplicidade de experiências e subjetividades das pessoas negras. Dessa forma, as/os autoras/es continuaram quebrando regras, rompendo com a escrita tradicional e subvertendo as velhas barreiras intransponíveis do mercado editorial.

Se fizermos uma análise em torno da literatura argentina, e nesse ponto podemos citar também a literatura brasileira, perceberemos claramente que escrever, publicar, ganhar o mercado editorial e se tornar lido e consagrado dentro e fora dos limites latino-americanos foi e continua um feito de poucas autoras/es negras/os.

Por outro lado, as mordanças impostas pelos outros, aqui me refiro aos europeus, à nossa subjetividade entre o período diaspórico e colonial que se mantém atualmente, são as mesmas que ainda calam, emudecem e emolduram o mercado literário canônico que suprime as vozes negras. Como afirma Barthes (1999, p. 33), “quanto ao sujeito que fala no lugar de outro, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde”. Porém, parece que há uma luz no fim do túnel. Estudos apontam que é cada vez mais recorrente o interesse de escritores/as pela abordagem de questões relacionadas ao direito de grupos sociais e diversos terem suas vozes representadas na literatura. Isso inclui, principalmente, mulheres e homens negras/os em sua maioria que por vezes enfrentam dificuldades em serem ouvidas como sujeitos da ação, já que não possuem espaço. Esses estudos buscam conscientizar esses grupos sobre seus lugares de fala na literatura.

Contudo, a questão da representatividade não se limita a somente ter a aprovação das classes dominantes, mas também na abrangência, na diversidade, nas percepções de mundos existentes. Para que um sujeito possa expressar sua multiculturalidade, é necessário ter acesso à voz, seja falada ou escrita, o que muitas vezes não é concedido. Por isso, é importante que os estudiosos da literatura e do fazer literário, no qual a tradução é uma ferramenta muito potente, se preocupem em promover o direito das vozes que representem a pluralidade dos grupos sociais. Acredita-se que conscientizando as pessoas sobre a importância de se refletir sobre a negação do direito literário de falar e de transitar como sujeitos da própria ação, as

restrições impostas àquelas/eles que precisam ser ouvidas/os avançam para o campo do debate.

A fim de analisar as condições e possibilidades de expressão das pessoas, evoco Spivak (1995) e Collins (2000) para enfatizar a urgência do olhar para o processo de negociação da fala, ressaltando a importância do “ser ouvido” como uma forma de direito e não de autorização, ou mérito. Nessa perspectiva, Kilomba (2008) questiona a falsa ideia de neutralidade existentes nos meios de produção do conhecimento acadêmica ao reconhecer as políticas de mérito/demérito, tomando como norte a raça, quase sempre branca, e sua influência em torno da produção do saber. Ou seja, o que a autora nos revela é o racismo estrutural e institucional existentes nesses locais.

De certa forma, essa estrutura de validação do conhecimento cria e se mantém por meio de hierarquias que perpetuam a supremacia branca. Diante disso, como o povo negro pode produzir conhecimentos que se acerquem à sua realidade, atendam às suas necessidades e lhe outorguem poder. Kilomba (2008) destaca que falar é uma maneira de reconfigurar as relações de poder. Quando a fala é ouvida atentamente e registrada por meio da escrita, se abre a possibilidade para transformá-la em poder e, conseqüentemente produzir conhecimento. Portanto, falar sem uma estrutura que permita ser ouvida e valorizada não basta.

É exatamente contra este silêncio que Washington Cucurto se subleva, se revolta e quebra regras literárias ao reconduzir, realocar, devolver a africanidade aos seus personagens por meio de uma linguagem literária, musical e geográfica pertencente ao gueto. A música que embala os corpos que se entrelaçam nas bailantas ao som da Cumbia, o sexo livre que invade os antros em ardentes noites de orgias sexuais, a linguagem usada pelos condenados à prisão e que fora emprestada ao tango, ritmo que nasce no subúrbio, se tornam personagens secundários nas narrativas do autor.

À vista disso, percebe-se uma multiplicidade de elementos e temas presentes na escrita do autor que considerei relevantes para traduzi-lo ao português, além de trazer à luz um autor que se apresenta como não pertencente ao cânone literário argentino e que sempre se interessou por difundir e denunciar a problemática do apagamento negro em seu país, tal como seus desdobramentos.

Acredito que pesquisar, traduzir e difundir um autor pouco conhecido pelo público brasileiro também foi um ponto importante que considerei em minha escolha. Ao perceber o quanto eu poderia contribuir para que a/o leitora/o brasileira/o se aproximasse de um autor

negro desconhecido no Brasil que, seguramente, contribuiria/contribui para o entendimento e fortalecimento do discurso em torno do não espaço à literatura negra brasileira e argentina, não tive dúvida em apostar na tradução de Washington Cucurto para o português.

O esforço em traduzir e comentar partes da obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* pretende ainda, versar sobre o apagamento do negro na cultura argentina, apontar a supressão das suas vozes no contexto literário e sincronicamente questionar o cânone, traçando um paralelo entre linhas limítrofes que demarcam a forte influência e a dominação da literatura clássica europeia, o poder outorgado a ela, fazendo contrapontos com a marginalização impetrada à cultura, à literatura e aos corpos negros, indígenas e dos imigrantes de países adjacentes à Argentina.

A fim de compreender os mecanismos ideológicos de ação do racismo que apagou por anos minha negritude, me acerquei da literatura cucurtiana e sua potente verve marginal que para estudiosas/os do assunto se tornou um patrimônio linguístico argentino. Assim, eu, um estudante mestiço que até então não sabia sua negritude, vi minha história convergir com as narrativas de Cucurto e não tive dúvida em dissertar sobre a relevância de sua obra e mostrá-lo para as/os leitoras/es brasileiros.

Como pesquisador negro, percebi que as segregações e discriminações descritas na literatura de Washington Cucurto se tornaram uma realidade palpável para mim no contexto social universitário. Essa percepção fortaleceu minha conexão com a voz literária de Cucurto, que traz em suas narrativas a humanização e o protagonismo negro, ao considerar e empoderar espaços de circulação e emancipação negra. Foi através dessa experiência que desconstruí o significado de "ser negro". O cenário performático criado no submundo de Cucurto revelou-me a constante luta que tenho travado desde jovem contra a marginalização da minha comunidade, a pobreza que sempre me cercou, as invisibilidades em todas as suas formas e, principalmente, contra o racismo que, até então, me era apresentado de forma velada e naturalizada.

A obra de Frantz Fanon, como *Pele negra, máscaras brancas*, proporcionou uma perspectiva analítica sobre as questões de identidade racial e os efeitos do racismo na subjetividade negra. Ao abordar a influência das máscaras e estereótipos brancos na construção da identidade negra, Fanon nos convida a refletir sobre as experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos negros em sociedades racistas (FANON, 2008).

Neusa Santos Souza, em seu trabalho *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro e sua ascensão social*, explora a complexidade da construção da

identidade negra no contexto brasileiro, considerando os desafios enfrentados pelo negro em sua busca por ascensão social. A autora problematiza as noções de raça, identidade e pertencimento, oferecendo uma análise crítica sobre as interseções entre raça, classe e gênero na trajetória dos negros no Brasil (SOUZA, 2021).

Considero que a literatura cucurtiana é muito relevante para se direcionar novos olhares em torno do significado e da abrangência do racismo, repensá-lo, (re)significá-lo e compreendê-lo como agente criador de obstáculos que impediram/impedem a ascensão do povo negro no campo social, pessoal e humano. O autor argentino nos fez perceber que muitos dilemas em torno dos impasses sociais e das questões pessoais que cercam a negritude, em grande medida, foram e são causados pelas velhas amarras que a ideologia branca, patriarcal e colonialista colocou na consciência coletiva desde a diáspora africana. Uma ideologia calcada nas lacunas existentes entre “o discurso da hegemonia branca e da realidade vivida pelos corpos negros, subalternizados e marginalizados” (FANON, 2008 apud SOUZA, 2021).

Washington Cucurto, apesar de seu estilo altamente provocativo, rebuscado, sexualizado propositalmente e sexista por opção usa uma escrita que nos faz questionar a ausência do negro na constituição da nação argentina. Sua obra nos convida a refletir sobre as implicações da branquitude na formação identitária nacional e nas experiências dos corpos negros (SOUZA, 2021).

Neste sentido, a literatura cucurtiana possibilita uma análise crítica das amarras ideológicas que afetam a ascensão social do povo negro, ao questionar as lacunas entre o discurso dominante e a realidade vivenciada pelos corpos negros. Além disso, ressalta a importância de problematizar a ausência negra na literatura, pensar a influência ideológica eurocêntrica na formação das identidades por meio da colonização e suas implicações nas experiências individuais e coletivas (FANON, 2008 apud SOUZA, 2021).

Sobre o apagamento negro no Brasil, a elite branca e os livros de história escritos por mãos brancas também suprimiram o papel do povo negro na construção da nação brasileira, omitiu-se a grande contribuição da africanidade para a língua portuguesa falada no Brasil, tal como as linguagens que dele derivaram, o caso do “pretugues”. Ao se apropriar do “pretuguês”, Lélia (1984), destaca que devemos rejeitar a visão de que essa linguagem é proveniente de pessoas ignorantes que falam de forma errada, e que, portanto, deve ser motivo de zombaria. Em vez disso, devemos compreendê-la e respeitá-la como um fenômeno

linguístico, resultado da interculturalidade, interseção e fusão de línguas que surgem da diversidade cultural e linguística dos povos (, 1984).

Segundo a autora, o uso do "pretuguês" realça a expressividade da linguagem comum que provém das pessoas comuns. Portanto, esse fenômeno linguístico é uma forma de falar que não surge do nada e não pode ser configurado apenas como uma simples mudança terminológica. Trata-se de uma transformação linguística com referências sólidas que tem suas raízes na rica construção cultural do Brasil, influenciada pelos idiomas africanos, como o bantu, o ambundo, dialeto proveniente do tronco linguístico bantu e o quimbundo, entre outros. O “pretuguês” de (1984) se tornou um meio de resistência negra à branquitude e de afirmação identitária.

(1984, p. 238), aponta que:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (, 1984, p. 238).

Acredito que o pretuguês contribui diretamente para reafirmar os objetivos dessa pesquisa, da tradução dos textos que nela se apresenta e dialogam diretamente com minhas escolhas tradutórias. Contudo, como essa dissertação tende claramente para a escrita e para a tradução como atos políticos, acredito que o uso do “pretuguês<sup>7</sup>” como forma de apropriação de uma linguagem negra, periférica e de resistência, aponta o preconceito racial existente em torno da linguagem suburbana que apresenta marcas africanas.

No caso da escrita cucurtiana é nítido o uso abundante da linguagem marginal como forma de resistência, como ato político contra a forma que a história sempre foi contada e entendida a partir do que o branco falou. Aliás, Washington Cucurto (2008) em Uma carta ao general San Martín começa o texto convocando o público leitor para refletir sobre como as histórias foram contadas a partir da perspectiva branca, a partir do olhar da outra/o, dos sujeitos que são retratados pela/o outra/o e não dos que se retratam a si mesmo. É sempre elas/es falano, em bom “pretuguês”, de nós.

---

<sup>7</sup> Embora o pretuguês seja marcado por questões semânticas em lugar de fonológicas, no caso do rotacismo, fenômeno linguístico justificado pela troca do “L” pelo “R” (JOGAS; DOS SANTOS GOMES, 2003, p. 22-30), conscientemente optei por soluções que refletissem ao transpor o lunfardo para o pretuguês. Por exemplo ao usar palavras como “incrusive” em lugar de “inclusive”

Como aponta (1984, p 223), “onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente?” Na perspectiva do apagamento histórico do povo negro na Argentina, Cucurto<sup>8</sup> (2008, p. 18. Tradução própria) diz: “Me comove que tenha sido o pai do verdadeiro herói negro da Revolução de Maio e de nossa história argentina, negada pelas canetas dos historiadores brancos, que não podiam aceitar a liderança da negritude em nossa história.”

É importante perceber como a supressão da história argentina e brasileira, influenciadas pelo discurso do poder dominante, sempre pronto a convencer a massa, modelou o imaginário nacional e criou verdades que não revelavam as/os negras como constituintes majoritárias/os dessas nações. Ao contrário, afirmaram que foi da ascendência europeia que a negritude herdou a civilidade. Como se não bastasse, segundo a dialética da branquitude, o povo negro ainda foi agraciado pela cultura e pela língua do colonizador. No entanto, quando se trata de destacar o que o invasor branco sempre chamou de patrimônio nacional, influenciado pelos europeus, recorre-se ao samba (tão marginalizado durante décadas), à feijoada (considerado comida de escravizados por séculos), ao maracatu e ao frevo (ritmos que historicamente foram execrados pela elite branca europeia), ao candomblé e à umbanda ( cultos religiosos que outrora foram considerados crime e coisa do demônio ainda nos dias de hoje) e às escolas de samba que, mesmo sendo carregadas nas costas e constituídas majoritariamente pelo povo negro dos morros, são os brancos que ocupam os melhores lugares dentro das alas e assistem de camarote (GONZALEZ, 1984).

Na contramão de todo esse discurso, construído pela branquitude para nos alienar, nos impedir de lutar pelos direitos que uma sociedade realmente democrática deve nos conceder, independentemente da cor da pele, nos deparamos com um conceito tão falacioso quanto o discurso da não existência do racismo no Brasil, a democracia racial.

Como diz Gonzalez (1984, p. 239),

e para completar, surge esse orgulho bobo de afirmar que somos uma democracia racial. No entanto, quando a comunidade negra expressa que isso não é verdade, somos atacados e chamados de racistas. É contraditório, não é? Na verdade, além de outras razões, eles reagem dessa forma porque apontamos a verdade inconveniente, mostramos que o rei está nu. E o corpo do rei é negro, o rei é um Escravo.

A verdade é que o Carnaval, além de ser a representação do trem da alegria, serve para criar o mito da “democracia racial” no qual se cunha uma falsa ideia de igualdade, de

---

<sup>8</sup> Texto de partida: “Me conmueve que hayas sido el padre del verdadero héroe negro de la Revolución de Mayo y de nuestra historia argentina, negado por las plumas de historiadores blancos, que no podían aceptar el liderazgo de la negritud en nuestra historia” (CUCURTO, 2008, p. 18).

equidade e de harmonia entre pretos e brancos, entre a burguesia e a prole, entre homens e mulheres, entre gays e heterossexuais, mas que na realidade jamais existiu (GONZALEZ, 1984). Evocando Gonzalez (1984, p. 226), deixamos uma reflexão ao público leitor: “você já ouviu alguém falar que no Brasil não existe racismo ou discriminação contra a população negra? E que todos os brasileiros e brasileiras são um povo único, unido, e até mesmo “uma só raça”? A ideia de democracia racial tem a ver com essas ideias.

Apesar da autora sofrer muitas críticas por parte das pessoas que defendem a língua acadêmica, posição questionável, Lélia Gonzalez (1984) não se deixou levar, já que seus objetivos eram ser compreendida pelo povo e apontar a existência de uma linguagem dentro da língua vigente em nossa nação.

Nesta perspectiva, o objetivo geral dessa pesquisa consistiu em traduzir e comentar a “Carta ao General San Martín” e o conto “Dama tocada”, constantes da obra *1810 La revolución de Mayo Vivida por los negros*, de Washington Cucurto, com foco na visibilidade das vozes negras evocadas como ruptura com os cânones da literatura argentina.

Para tanto, seguimos os objetivos específicos de: i) analisar a linguagem na produção de Washington Cucurto enquanto prática divergente ao cânone literário argentino; ii) analisar a produção bibliográfica dos Estudos da Tradução e relacioná-las com as teorias da literatura marginal e antirracista; iii) traduzir a “Carta ao General San Martín” e o conto “Dama tocada” presentes na obra *1810 La revolución de mayo vivida por los negros* de Washington Cucurto; e iv) comentar a tradução realizada e justificar minhas escolhas tradutórias.

## 1.1 Metodologia

A metodologia utilizada para a elaboração dessa dissertação seguiu alguns procedimentos metodológicos que se inscreve no campo dos Estudos da Tradução, narrados na sequência.

Inicialmente, foi importante definir o objeto de estudo e o *corpus* a ser analisado, delimitando o escopo da pesquisa e os aspectos a serem explorados. Neste ponto, partindo do objetivo geral, que consistia em traduzir e comentar a Carta ao General San Martín e o conto "Dama tocada", tomei como objeto de análise a obra *1810 La revolución de mayo vivida por los negros*, de Washington Cucurto, com foco na visibilidade das vozes negras evocadas como ruptura com os cânones da literatura argentina.

Em seguida, foi fundamental realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema escolhido, buscando fontes teóricas que fundamentassem a pesquisa e permitissem uma análise crítica do material selecionado, como nos trabalhos acerca do Estudos da tradução a partir das teorias elaboradas pelos autores Gayatri Chakravorty Spivak (1999), Denise Carrascosa (2012), Antoine Berman (2002) e Lawrence Venuti (2008); dos estudos antirracistas, a partir dos trabalhos de Grada Kilomba (2008), Sílvio Almeida (2019), Bell hooks (1994), Lélia Gonzalez (1984), Giorgio Agamben (2003); e em produções acerca do autor Washington Cucurto, de suas obras e da literatura argentina, a partir dos trabalhos de José Carlos Corbetta (2016), Paula Bistagnino (2012), Alejandro Cavalli (2007), Molina (2012), Beatriz Sarlo (2006) e Sergio Waisman (2003).

A partir do material coletado, foi possível realizar a tradução dos textos escolhidos, considerando aspectos linguísticos, culturais e literários, bem como refletir a respeito das referências presentes na obra. Ressalto que a tradução foi realizada não só com o objetivo de transpor signos e significados entre as línguas de partida e de chegada, mas também para permitir que o leitor tenha a possibilidade de acessar realidades existentes na sua cultura através de códigos linguísticos presentes no português, linguagem a qual optei por transpor ao texto de chegada. Dessa forma, a tradução é compreendida como uma ponte que conecta mundos, culturas, histórias e linguagens.

Com a tradução concluída, realizei uma análise crítica dos textos, destacando as vozes negras presentes na obra e a sua importância dentro do processo de ruptura literária com o cânone argentino. Demarquei, ainda, a importância de minhas escolhas e as estratégias literárias que elegi, de modo a dar visibilidade a essas vozes, bem como os aspectos culturais e históricos que permeiam a obra e sua interseção com o contexto em que nasceu.

Como organização da pesquisa, no primeiro capítulo tratei do alcance e do crescente interesse de alguns grupos de pesquisadores pela escrita marginal cucurtiana; da força existente na estética presente no realismo atolondrado empregado pelo autor; do jogo de palavras e das estratégias linguísticas usadas pelo autor para aproximar o/a leitor/a da sua obra. Para além disso, justifico a importância de se traduzir um autor pouco conhecido pelo leitor brasileiro e discorro sobre o lugar das minorias dentro do cânone literário. Também se contextualizaram aspectos culturais e linguísticos empregados na obra objeto de minha pesquisa, assim como elementos paratextuais presentes em sua capa, marcada por elementos burlescos e irreverentes. Ademais, apresento os objetivos gerais e específicos, a metodologia e os aportes teóricos.



No segundo capítulo faço apontamentos sobre o autor, sobre o cânone literário e a linguagem marginal, sobre a ausência das vozes marginais na literatura argentina e suas implicações.

No terceiro capítulo foi proposto um diálogo entre as teorias da tradução e as teorias antirracistas, trazendo a tradução como um lugar de fala.

O capítulo quatro consiste na tradução do meu objeto de pesquisa.

No capítulo seguinte, teço comentários sobre minhas escolhas tradutórias, faço apontamentos sobre os desafios que encontrei como tradutor, me refiro ao “pretuguês” como forma da aproximação à linguagem marginal usada por Washington Cucurto, menciono o lunfardo e problematizo o racismo e o sexismo existentes dentro do universo literário argentino e brasileiro.

Por fim, nas conclusões da pesquisa, trago as contribuições da obra para a literatura argentina e para o leitor brasileiro, já que as traduções são inéditas, e para os Estudos da Tradução, bem como as possíveis limitações e desafios encontrados durante a pesquisa.

## **2 CUCURTO E O CÂNONE LITERÁRIO ARGENTINO: a linguagem marginal na literatura cucurtiana**

Neste capítulo trato de conceitos em torno da linguagem popular na escrita de Washington Cucurto como forma de resistência, discorro sobre as diferenças históricas entre Argentina e Brasil e suas implicações, apresento como o racismo está relacionado ao discurso, fazendo uma interseção entre as duas culturas e, por fim, traço um paralelo entre colonialismo e poder. Para tanto, discuto a) a crítica literária da obra de Cucurto e b) a ausência das vozes negras no cânone literário argentino e brasileiro.

### **2.1 A crítica literária na obra de Cucurto**

Washington Cucurto é um escritor conhecido por obras literárias que abordam temas como marginalidade, pobreza e violência urbana. Sua escrita se destaca pela linguagem crua e realista, que retrata de forma contundente a vida nas periferias e as experiências das classes mais baixas da sociedade.

A linguagem na produção literária de Cucurto é uma prática divergente a do cânone literário argentino porque desafia os padrões estabelecidos pela gramática normativa e por romper com a tradição literária eurocêntrica que prevalece por décadas na Argentina. Ao utilizar uma linguagem popular e coloquial carregada de gírias e expressões regionais, o autor incorpora em sua escrita a linguagem das ruas, dos subúrbios, emprestando voz aos seus marginalizados personagens. Como afirma Corbetta (2016, p. 42), “a linguagem de Cucurto é marcada por uma intensa oralidade, que se manifesta através de expressões típicas do discurso coloquial e do uso frequente de gírias”<sup>9</sup>.

Como diz Corbetta (2016), em suas narrativas atravessadas pela coloquialidade e pelas gírias, Cucurto faz uma ponte entre sua escrita e a oralidade popular, contribuindo para que a literatura marginal seja acessada dentro e fora da Argentina. Além disso, ele utiliza a linguagem como uma ferramenta para desafiar os limites entre o que é considerado “literatura”, e explorar novas possibilidades de se escrever, de se expressar e de se comunicar.

Como aponta Rolle (2016, p.184)<sup>10</sup>,

<sup>9</sup> Texto de partida: “El lenguaje de Cucurto está marcado por una intensa oralidad que se manifiesta a través de expresiones típicas del discurso coloquial y del uso frecuente de jergas” (CORBETTA, 2016, p. 42).

<sup>10</sup> Texto de partida: “Cucurto propone una literatura del futuro que se estructura a partir de la mezcla de diferentes artes y encuentra como soporte distintos medios: se vuelve híbrida y se aleja del campo de lo específicamente literario para servirse de otros géneros. Así, Cucurto experimenta con la idea de barrio, con el lenguaje, con el estilo, y también lo hace con la forma y con el modo de difundir la obra literaria.”

Cucurto propõe uma literatura do futuro que se estrutura a partir da mistura de diferentes artes e encontra suporte em diferentes meios: torna-se híbrida e afasta-se do campo especificamente literário para se valer de outros gêneros. Assim, Cucurto experimenta com a ideia de bairro, com a linguagem, com o estilo, e o faz com a forma e com o modo de divulgar a obra literária (Tradução própria).

Além da híbrides e do distanciamento das formas normativas de escrever, a linguagem cucurtiana incorpora elementos linguísticos que fogem da literatura padrão e passa a transitar entre gêneros como o teatral, e os quadrinhos, criando uma estética que contempla a literatura de massa. Concomitantemente, a partir da mistura linguísticas as histórias contadas pelo autor passam a retratar personagens que representam pessoas excluídas da literatura oficial. Dessa maneira, as estratégias literárias usadas por Cucurto aliadas ao método de explorar diferentes linguagens, característico da cultura de massa, cria uma interseção entre o que se vê e o que se lê, o clássico e o popular, o manufaturado e o industrial. (CANCLINI, 2008).

De acordo com Moreira (2019, p. 157), “a linguagem popular é uma estratégia de representação dos sujeitos marginalizados, pois permite a criação de uma voz autêntica e próxima à realidade dos personagens”.

Por outro lado, Cucurto trava uma batalha com parte da crítica justamente por escolher caminhos que se afastam da estética convencionada pelo cânone. Bistagnino (2012), assegura que a crítica literária enfrenta desafios ao abordar a obra de Washington Cucurto. O autor é frequentemente criticado por questões estéticas, sendo considerado por alguns como "desordenado" ou "caótico". No entanto, Bistagnino (2012) destaca que essa estética peculiar faz parte da identidade literária de Cucurto e contribui para a representação autêntica da realidade que ele busca transmitir. A realidade contada por Cucurto parte da realidade de um autor imigrante, pobre e mestiço que busca quebrar com a estrutura literária hegemônica, tradicional (BISTAGNINO, 2012).

Refletindo sobre a obra de Cucurto em uma perspectiva mais pessoal, Alejandro Cavalli (2007) se descreve como um "atolondrado", confuso ao tentar compreender e categorizar as obras de Cucurto. Cavalli reconhece a originalidade e a potência da escrita do autor argentino, mas admite a dificuldade em enquadrá-lo em rótulos literários convencionais. Essa indefinição, no entanto, é vista por Cavalli (2007) como uma virtude, pois revela a singularidade e a inovação presente na produção literária de Cucurto.

Nessa singularidade da obra de Cucurto há ainda, conforme Molina (2012), relatos de mercado, nos quais o autor retrata com vivacidade a realidade das classes marginalizadas e

a violência urbana. Molina (2012), descreve Cucurto como uma “máquina do roubo atolondrado”, enfatizando sua habilidade em capturar e representar as dinâmicas do mercado informal, revelando suas contradições e tensões.

Porém, nem todas/os críticas/os literárias/os rasgam elogios à escrita cucurtiana. Ao contrário do que dizem as/os admiradoras/es da sua forma de escrever, algumas vezes se insurgem e apontam contradições em sua literatura. Dentre essas contradições está a apresentada na crítica de Molina (2012) que considera a escrita cucurtiana vulgar, ofensiva. Em *La pija de oro - notas de trabajo* (2012), Molina identifica aspectos da escrita de Cucurto na qual o literário explora a linguagem, usando o “Realismo Atolondrado”, objeto de reflexão por parte dos críticos que o consideram uma linguagem usada para impactar, intencionalmente, por meio das suas abordagens. Por isso, a utilização de uma linguagem crua e direta nas narrativas de Cucurto é interpretada como uma tentativa de retratar a realidade sem filtros, buscando causar um impacto e provocar uma reação no leitor mais que informar ou usá-la como um ato político (MOLINA, 2012).

A crítica literária Beatriz Sarlo (2006) é outra voz que insurge contra a escrita de Cucurto. Para ela, o autor argentino escreve de uma maneira que ultrapassa o populismo, classificado por ela como populismo pós-moderno, como uma de suas artinhas para celebrar a alegria do povo de forma erótica e exótica por meios de exageros estrategicamente pensados por alguém que não sabe escrever (SARLO, 2006).

Segundo Sarlo<sup>11</sup> (2006), sua linguagem é menor, reverencia os corpos antes da intelectualidade e não possui qualquer visão crítica.

De fato, diante de uma literatura intelectual como a de Saer, Piglia ou Chejfec, os livros de Cucurto colocam o corpo antes da mente e preferem a vulgaridade do prazer à distinção aristocrática do desejo sem objeto. Sua literatura celebra aquilo que celebra a cumbia, embora pareça ridículo dizer isso: a alegria de viver (Tradução própria).

Ao refletirmos sobre a crítica de Beatriz Sarlo a Cucurto, percebe-se nas entrelinhas da escrita cucurtiana, o caso do conto *Dama tocada*, que o autor “celebra no la verdad del Pueblo sino su capacidad para cojer, bailar cumbia, enamorarse y girar toda la noche”

---

<sup>11</sup> Texto de partida: “En efecto, frente a una literatura intelectual como es la de Saer, la de Piglia o la de Chejfec, los libros de Cucurto ponen el cuerpo antes que la cabeza y prefieren la vulgaridad del goce a la distinción aristocrática del deseo sin objeto. Su literatura celebra aquello que celebra la cumbia, aunque parezca ridículo decirlo: la alegría de vivir” (SARLO, 2006, P.5).

(SARLO, 2006, p. 5)<sup>12</sup>. Visto pelo prisma do não compromisso com a realidade, a literatura de Washington Cucurto pode ser compreendida como uma tendência de celebrar a existência, as raízes por meio das expressões culturais do povo, sem a intenção de analisar criticamente de maneira mais profunda as questões políticas, sociais e econômicas abertamente. Um tipo de abordagem literária que pode atrair o público através da criação de uma atmosfera festiva, carnavalesca, engraçada e divertida que o imerge na ficção, mas deixa subjacentes questões complexas em torno das lutas e desafios enfrentados pela comunidade pobre argentina de forma real.

Quanto ao estrangulamento da sintaxe e a repetição de palavras nada usual na literatura não marginal, acredita-se que a ausência de críticas ao estilo excêntrico do autor se deve ao fato de que é justamente essa repetição e o dinamismo que permeia o desenrolar das histórias, marcadas por um excessivo exotismo social que não dá trégua para a/o leitora/or se quer formular julgamentos não positivos. Levando o público leitor a adotar ideologias equivocadas que fechem seus olhos para interpretações críticas direcionadas às vozes presentes na obra de Cucurto (SARLO, 2006).

Todavia, aqui é minha opinião, ainda que Cucurto não apresente uma escrita intelectualizada, penso que isso é tarefa para cânone, e se aprofunde em questões políticas, suas histórias corroboram com o destaque de personagens marginalizados pertencentes às camadas mais pobres da sociedade que encontram suas próprias formas de resistência e celebração da cultura popular. São representações que nunca estarão presentes na literatura erudita. Portanto, sua escrita explorar a vida cotidiana e as experiências dessas pessoas, oferecendo uma visão das vozes ignoradas pelas narrativas dominantes.

Segundo Corbetta (2016, p. 43), “a linguagem de Cucurto é uma tentativa de representar as vozes populares e marginalizadas, e ao mesmo tempo, de desafiar as normas literárias tradicionais, criando uma nova forma de expressão literária”.

Na perspectiva acerca das classes marginalizadas, Sergio Waisman (2003), em seu artigo “De la ciudad futura a la ciudad ausente: la textualización de Buenos Aires”, discute a representação da cidade na literatura contemporânea, incluindo a obra de Cucurto. Waisman (2003) observa que o autor retrata a cidade de forma direta, desvelada, destacando as áreas marginalizadas e a violência urbana. Para Waisman (2003), a escrita de Cucurto é uma forma de textualização da cidade, revelando as contradições e os problemas sociais que unem e

---

<sup>12</sup> Tradução própria: “[...] celebra não a verdade do povo, mas sim sua capacidade de fazer amor, dançar cumbia, apaixonar-se e girar a noite toda.”

distanciam a Buenos Aires central dos subúrbios. Mais que a capital portenha, como bairrista que é, em suas obras a periferia é amplamente explorada. Por vezes o autor reivindica seus aspectos geográficos, culturais, sociais e históricos para contar suas histórias.

Entre o urbano e as margens, é certo que o bairro da Constitución ocupa um lugar de destaque na ficção cucurtiana. Em *El Curandero del Amor*, Cucurto (2006, p. 73) convoca o público leitor a entrar em sua narrativa para conhecê-lo, dizendo: “vengan a caminar por las calles de Constitución y verán que eso es ciencia ficción sudamericana<sup>13</sup>”. Apesar da sua construção ser ficcional, abstrata, vale ressaltar que o autor parte da realidade para (re)contar esse lugar.

Em *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, como já assinalado anteriormente, é de um quarto do bairro da Constitución que Cucurto anuncia seu levante literário contara a história da independência argentina. Em sua literatura, “Constitución” sempre é reportado como um lugar afetivo e muito próximo que o autor parece conhecer muito bem, é como uma extensão da sua casa física, das suas raízes. Aliás, a casa, assim como o bairro, que nas histórias contadas pelo autor argentino em sua obra, me parece configurar a casa da população marginalizada, tem um papel preponderante na narrativa cucurtiana.

Nesse sentido, podemos pensar a realidade narrada no bairro de Constitución, tomando como ponto central a casa. É nela que se dá o desfecho da história, é ali que os acontecimentos reais se fundem com a ficção e a história se mescla com o fantástico. Também é na casa que os autores (Cortázar e Cucurto) colocam leitoras/es em cena, permitindo que elas/es assumam um papel de personagens que observam o desenrolar dos fatos. Apesar da casa de Buenos Aires e seus moradores representarem pessoas e lugar semelhantes ao que o leitor vive na realidade, o sobrenatural, o inusitado e a distância criada para afastar o leitor do desfecho final é o que separa ficção e realidade. Uma verossimilhança carregada de simbologias indispensáveis para a construção do fantástico. E é justamente o uso dos elementos simbólicos, presentes em textos ficcionais, que permitem o encontro entre texto e leitor. No caso da porta, esse é um elemento simbólico que representa a tomada da casa: um momento que separa o que é real do sobrenatural.

É possível observar que as emoções decorrentes do elemento fantástico, mesmo que aparentemente negativas, possuem a capacidade de enriquecer nossa leitura através do prazer

---

<sup>13</sup> Tradução própria: “venham caminar pelas ruas de constitución e verão que isso é ciência, ficção sul-americana” (CUCURTO,2006, p. 73).

estético que resulta de exteriorização dos sentimentos, da liberação emocional, comparável com nossos medos e traumas cotidianos.

A leitura de “Casa tomada” proporciona uma lição dialética que pode ser aplicada à leitura de qualquer obra literária. É bem verdade que “a literatura nos ensina a notar melhor a vida” e, por sua vez, a vida nos ensina a “ler melhor o detalhe na literatura” que nos “faz ler melhor a vida” (WOOD, 2017, p. 71).

Na versão cucurtiana, a intertextualidade que dialoga com a versão cortaziana está presente de uma forma bastante complexa. Toda a narrativa é baseada no conto “Casa tomada” de Júlio Cortázar. Dentre as várias interpretações dadas ao conto, inclusive a de Cortázar, pouco aceita pelos críticos por conotar ideologias antiperonistas, a de Washington Cucurto surpreende pela maneira burlesca e sexualizada que constrói a narrativa e pela primazia em colocar personagens negros como atores centrais na história, dando a eles protagonismo e voz. Além disto, ao reescrevê-lo de forma bastante provocativa, sarcástica e satirizada, Cucurto intencionalmente parece “tocar”, “violentar” a literatura cortaziana, considerada “a dama”, “a namoradina” do cânone literário argentino.

Por outra perspectiva, usando a casa como referência podemos pensar sua tomada pelos personagens negros também como violação de um espaço pertencente à branquitude, à burguesia. Ou seja, a marginalidade estuprando um espaço físico pertencente à classe dominante, como representado no quadro abaixo:

Quadro 2 exemplo do uso da casa como forma de violação à branquitude

Texto de partida	Texto de chegada
Las levantamos en la calle, y nos llevaron a sus mansiones de tres pisos con jardincito al fondo y rosas ne-gras del África. Burguesía a full. Piano, vasos de cristal, pisos de pinotea plastificados, arañas de tres mil piecitas de vidrio. Alfombra.	A gente conseguiu elas na rua, e levaram a gente para suas mansões de três andares com jardim ao fundo e rosas negras da África. Burguesia ao máximo. Piano, copos de cristal, piso de madeira resinada, lustres de três mil peças de vidro. Tapetes.

[...] A las conchetitas estas las pegamos cerca del muelle del Retiro. Y cuando nos abrieron la puerta de su casa todo cambió en nuestras vidas. A los afros y a mí nos comenzó a picar el bichito del lujo, nunca habíamos estado en una casa tan grande, ¿así era España? La hispanidad se nos metió por el rabillo del orto. La casa era espaciosa y bien colonial (¡tanto y tanto nos alejaba del yoti aquel en el que vivíamos habituados a cogernos negritas cursientas, que hasta ya extrañábamos con melancólica vanidad!

[...] As bucinhas estas a gente conseguiu perto do cais do Retiro. E quando abriram a porta de sua casa, tudo mudou em nossas vidas. O bichinho do luxo começou a mordê a gente, nunca tinha estado em uma casa tão grande, assim era a Espanha? A hispanidade entrou na gente pelo cu. A casa era espaçosa e toda colonial (muito e muito distante dos barracos que a gente estava acostumado a fuder negrinhas superficiais, que a gente até já sentia falta com melancólica vaidade!

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No tocante ao interesse do autor argentino em narrar e representar as margens da sociedade, contextualizando-as com a cidade de Buenos Aires, seus relatos e sua busca pela representação da periferia são temas que têm despertado interesse e reflexão por parte da crítica literária. Para essas/es estudiosas/os, a escrita cucurtiana oferece uma visão alternativa e contundente para se compreender a realidade social das classes mais baixas e sua valorosa contribuição para a literatura e a cultura argentina do final do século XX e início do século XXI.

Assim, por demandar escolhas tradutórias específicas, transpor uma linguagem que abusa da oralidade, de elementos linguísticos que transitam entre vários gêneros e utiliza muitas expressões regionais, considero que a escrita cucurtiana é um desafio para os estudos da tradução. Segundo Venuti (2008, p. 110), "A tradução de uma linguagem coloquial e regional representa um desafio para o tradutor, pois é necessário encontrar uma equivalência que preserve o caráter autêntico e local da língua de origem".

No que diz respeito à capa do livro *1810: La revolución de mayo vivida por los negros* acredito ser essa uma parte que merece uma breve análise, além da já iniciada na introdução. Com sua forma peculiar de escrever, logo na capa, aliás bastante polêmica, Cucurto já diz a que veio: provocar. A imagem de Cucurto no centro, paramentado com as roupas do General San Martín, diga-se de passagem, bem coloridas, parece sugerir, criar a ideia de que a história e a literatura nacional não são o que são, assim como ele não é o San Martín.

Portanto, a riqueza de detalhes e os simbolismos presente na capa da obra citada, refletem claramente aspectos da escrita do autor e da história que ele narra. Sua paratextualidade revela a imagem do próprio Cucurto vestido de rosa, com detalhes afro-indígenas e de braços cruzados como um General que conduz a sua própria história. A figura



do autor parece não estar nem um pouco preocupada com uma revolução. Prova disso é o sorriso e o olhar provocador e sarcástico que ele lança para seu público,

Além de quebrar paradigmas e estereótipos que cercam a masculinidade e ferir os padrões de uma capa tradicional, a cor da sua roupa nos revela a forma alegórica e debochada que o autor escreve. A capa de seu livro nos revela a relação direta que Cucurto tem com a auto ficção, uma mescla entre realidade e ficção que permite ao autor explorar diferentes perspectivas e vozes em suas histórias. Portanto, compreende-se a capa enquanto elemento importante para o exercício tradutório, já que ela conforma um trabalho para além do seu texto interior, das orelhas, do prefácio e de outros paratextos.

## **2.2 O racismo estrutural e o apagamento das vozes negras dentro do cânone literário argentino e brasileiro: a negritude colocada no lugar de subalternidade**

Em uma nação que se enalteceu por sua homogeneidade racial predominantemente branca, as/os negras/os foram apagadas/os das páginas da história e da visão coletiva. No entanto, mesmo diante dessa realidade, o período em que se presume que a comunidade afro tenha se dissolvido na Argentina foi, na verdade, uma época em que sua expressão cultural e as lutas contra o racismo alcançaram notoriedade através da literatura, da dança e da música.

Para qualquer indivíduo com um nível de conhecimento mediano, ao suscitar a literatura argentina evocará nomes célebres como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Adolfo Bioy Casares, Alfonsina Storni ou María Elena Walsh, entre outros. Entretanto, há uma produção literária consideravelmente rica, produzida por afro argentinos no final do século XIX e início do século XX, que foi apagada do cânone literário e, portanto, nunca foi reconhecido na Argentina. Uma produção que jamais foi abordada em instituições educacionais e de modo geral, segue completamente desconhecida pelo público argentino.

Assim, a história da literatura argentina é marcada pela ausência das vozes negras no cânone literário. Durante muito tempo ela foi dominada por uma elite branca, europeizada e aristocrática, que excluiu as vozes e as experiências das comunidades afro-argentinas. De acordo com Pereira (2019, p. 41), “a história literária argentina, como a história do país, tendeu a excluir os sujeitos afro-argentinos e suas vozes, impedindo, assim, que a diversidade cultural e étnica fosse representada”. Esse fenômeno segue uma linha traçada na diáspora, passa pelo colonialismo e se fixa na modernidade.

Conforme defendido por diversos teóricos dos estudos culturais, coloniais e pós-coloniais, a América Latina é fortemente impactada pela influência da Modernidade, que lhe

confere um papel específico na história. Esse papel é o de demonstrar e assegurar a universalidade da razão ocidental e europeia, sustentando assim o eurocentrismo e assumindo a barbárie como uma de suas próprias características. Essa dinâmica dá como a presença persistente da colonialidade na construção cultural do subcontinente latino-americano (SANTOS, 2018).

Por sua vez, o colonialismo gerou um conjunto de relações de poder e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização que persistem até os dias de hoje. A autoridade conferida a esse estado de dominação abrange não apenas as estruturas políticas e econômicas, mas também a cultura, a identidade e as formas de conhecimento na América Latina. Portanto, seu espaço de domínio é abrangente, se manifesta através do eurocentrismo, que colocou a Europa e o pensamento ocidental como referências da superioridade racial, intelectual e cultural, enquanto marginaliza e subalterniza outras perspectivas e formas de conhecimento (SANTOS, 2018).

Nessa ótica, a obra de Quijano (2005) contribui para a compreensão da colonialidade do poder e do eurocentrismo na América Latina. O autor discute como essas estruturas de dominação se mantêm presentes e influentes, moldando a sociedade e a construção do conhecimento. Lugones (2020), por sua vez, aborda a relação entre a colonialidade e o gênero, explorando como essas dimensões se entrelaçam na opressão e na marginalização das mulheres na América Latina.

A compreensão dessas dinâmicas permite questionar e desafiar os padrões dominantes, buscando uma visão mais plural e descolonizada da região. É fundamental reconhecer as diversas vozes e perspectivas presentes em nossa sociedade, rompendo com as estruturas de poder e construindo uma narrativa mais inclusiva e representativa da América Latina.

É importante perceber como os discursos lidam com as questões identitárias e revelam ou ocultam o outro. Nesse sentido, gostaria de trazer aqui a ideia de Dussel de que o indígena não foi descoberto como um Outro, mas sim como algo já conhecido (o asiático, naquela época), sendo então negado como Outro. Ou seja, o aborígine se transforma em uma cópia degradada da humanidade europeia, na impossibilidade antropológica de reproduzir o modelo do Homem Ocidental. Assim, sua diferença humana, cultural e histórica é encoberta, pulverizando-se a heterogeneidade através da imposição de uma mesma identidade, incorporando-se à Totalidade dominadora como instrumento, nos termos de Dussel (1994). Se pensarmos na chegada do povo africano em nosso continente — aqui faço um recorte para não me aprofundar na condição imposta as/aos negras/os em todos os continentes, embora a

forma como foram tratados, apagados e barbarizados seja similar — perceberemos que o fenômeno de desumanizar, apagando a cultura e as memórias dos sujeitos escravizados é a mesma.

Ao mesmo tempo, na obrigação de se integrar à nova realidade, o sujeito subalternizado vai sendo moldado por meio de um processo de submissão introduzida em seu inconsciente gradativamente. Uma lógica que permeia os processos de colonização do cotidiano e afeta corpos, práticas e imaginários. No contexto específico do corpo feminino (seja indígena ou cativo), essa lógica o reduz à mesma condição e nega sua singularidade: é um não-eu, um corpo castrado, dominado: sem voz.

Essa ausência de vozes negras na literatura argentina é uma das questões que Washington Cucurto aborda em sua obra. Como um escritor que dá voz a personagens marginalizados e subalternos, Cucurto busca preencher essa lacuna na literatura argentina, e trazer para o centro da narrativa as histórias e as perspectivas das comunidades negras. Segundo Moura (2017, p. 107), "Cucurto constrói um olhar e uma escrita em que personagens negros têm voz e espaço para serem representados. Seus personagens subalternos são, muitas vezes, os protagonistas de suas narrativas".

Na obra analisada neste trabalho, *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros*, Cucurto apresenta uma versão da história da Revolução de Maio, que é narrada a partir da perspectiva dos personagens negros em lugar do branco europeu. Ao dar voz a elas/es (negras/os), Cucurto busca reescrever a história oficial, destacando a importância das comunidades negras na construção do país. Conforme Pereira (2019, p. 45), "Cucurto, ao contar a história da revolução de maio do ponto de vista dos negros, coloca em evidência o papel fundamental dos afro-argentinos na luta pela independência do país".

Em sua auto ficção, através de seus personagens auto fictícios, o autor argentino também aborda a questão da ausência das vozes negras na literatura argentina. Esses personagens, uma mistura de realidade e ficção, permitem ao autor explorar diferentes perspectivas e vozes na narrativa, dando lugar a vozes e corpos negros que raramente apareceram como partícipes centrais na literatura. Ou seja, quase nunca assumiram o papel de agentes de sua própria história ou da historicidade dos fatos contados por outrem. Para Moura (2017, p. 108), "Cucurto busca dar voz aos personagens que a literatura oficial silenciou, construindo personagens híbridos, que transitam entre o real e o ficcional, e que permitem a representação da diversidade étnica e cultural da Argentina".

Podemos aferir, pois, que a obra de Washington Cucurto é uma tentativa de preencher a ausência do/a negro/a na literatura argentina ao trazer para o centro da narrativa as histórias e as perspectivas das comunidades afro-argentinas. De acordo com Pereira (2019, p. 49), "a literatura de Cucurto é uma tentativa de resgatar a diversidade étnica e cultural da Argentina, dando voz aos personagens que foram excluídos da literatura oficial".

Sobre essa diversidade étnica e cultural, em *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* Cucurto faz uso dela para retratar personagens negros que vivem de uma forma mundana peculiar da população pobre. Em suas histórias, os indivíduos vivem, amam e levam suas vidas em seus "barracos", que, assim como os antigos "conventillos", seguem sendo um antro e terra de ninguém. Contudo, é dentro desses espaços de efervescências internacional, como sarcasticamente diz o autor ao retratar o bairro Constitución, os migrantes pobres se utilizam do que sobrou de suas culturas de origem para continuarem existindo na burguesa Buenos Aires. Nessa busca por pertencimento a algum lugar ou a lugar nenhum presumo que a linguagem seja o principal instrumento mantenedor da babel argentina.

À vista disso, é pela boca de suas/eus personagens que o autor (des)constrói e desloca a língua espanhola rioplatense para onde ele quer. Conseqüentemente, por meio da instrumentalização dos códigos linguísticos que a literatura de Cucurto, de forma inteligente e bem-humorada, torna mais visível a parte da população que a história sempre ignorou, apagou e discriminou.

Nessa perspectiva, a "Carta ao General San Martín e o conto "Dama tocada", presentes na obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros*, são exemplos da utilização de uma linguagem que incorpora elementos linguísticos que reforçam o entendimento de temáticas em torno da marginalização e subalternização das/os não brancas/os.

Segundo Canani (2017, p. 38), "a linguagem utilizada por Cucurto apresenta uma série de elementos coloquiais e populares que contrastam com a linguagem formal e erudita da tradição literária argentina". Então, a apropriação da linguagem popular e a personificação de figuras auto fictícias presentes no conto são uma forma de questionar e subverter padrões estabelecidos pela tradição literária argentina.

Na contramão do discurso dominante que privilegia a branquitude em detrimento das outras raças e exerce controle não só sob o corpo das mulheres, mas também sob o direito de elas existirem como escritoras, a literatura marginal rompe com a perspectiva excludente da literatura não plural, hegemônica que dialoga com o conceito de pureza étnica embasado pela na eugenia. No entanto, seja ela produzida por homens ou mulheres, desafia padrões expondo

e desmontando as estratégias de imposição de significados. Portanto, foca-se insistentemente na escrita que representa culturas e linguagens, preserva lugares e memórias e liberta corpos pretos em lugar de sexualizá-los, erotizá-los ou apagá-los da história.

Dessarte, em lugar da marginalização constrói-se um discurso decolonial que promove a diversidade em oposição à visão que relega a/o outra/o à periferia e não ao centro, as/os limita a seguir discursos singulares em detrimento de linguagens múltiplas, criar histórias únicas que coisifica as pessoas em lugar de humanizá-las. Tudo em nome do poder absoluto.

Como colocado por Chimamanda Ngozi Adichie (2018, p.12) “[...] é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Ao problematizarmos o poder da história única percebe-se que a hegemonia literária branca foi construída por meio de um discurso único e persistente que kafirma a literatura cânone como ideal enquanto rechaça e rotula escritos que não considera. Nesse caso, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHE, 2018, p.14).

Dessa forma, acredita-se que a busca por uma representação mais complexa, ambígua e diversificada do outro dentro do campo literário supera barreiras e inibe, as práticas de segregação, colonização, estigmatização, racismo, sexismo, xenofobia, censura, perseguição, repressão e tortura das ditas minorias. A literatura marginal, constrói um discurso contrário ao colonialismo, tanto na literatura argentina quanto na literatura brasileira, ao expor o patriarcalismo eurocêntrico imperante e desafiar o racismo, mostrando que o campo literário urge em estabelecer relações mais íntimas com escritores/as que falam sobre “si” e sobre o “outro” por meio de uma linguagem inclusiva, representativa: em lugar da imposição consumada há séculos pela branquitude que ocupa o cânone dentro e fora da argentina.

Quadro 3 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Clodoaldo, en un rapto de furia, sin procesar en su cerebro de inmigra analfá (la Corona había cambiado de categoría a los esclavos afros, llamándonos inmigras) [...]	Clodoaldo, em um acesso de fúria, sem processar em seu cérebro de <b>imigrante analfabeto</b> (a Coroa havia mudado a categoria dos escravos afro, chamando a gente de imigrantes) [...]

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No trecho acima, por meio de uma das passagens da obra *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, Cucurto, ironicamente salienta a presença do racismo estrutural argentino ao colocar-se como escritor/personagem, revelando a atmosfera auto fictícia existente na obra.

A posição do negro, imigrante e periférico, é apontada e assumida por Washington Cucurto, pois, sua voz como personagem vem marcada pelo uso do verbo conjugado “llamar” na terceira pessoa do plural, “llamándonos”, que registra uma condição de subalternidade, determinada pela interpretação do fenômeno duplo do racismo e do sexismo.

As marcas da subalternidade na cultura argentina podem ser aproximadas do conceito de "neurose cultural brasileira" discutido por Lélia Gonzalez. Embora sejam bem diferentes, essas noções abrem espaço para um diálogo entre as realidades de ambos os países.

Gonzalez (1984) em seu artigo "Racismo e sexismo na cultura brasileira", destaca como o racismo e o sexismo estão enraizados na cultura brasileira, influenciando as relações sociais e perpetuando a subalternização de grupos marginalizados. Ela analisa as complexidades e as interseções entre raça e gênero na construção da identidade brasileira, chamando a atenção para as estruturas de poder que perpetuam a opressão e a marginalização.

Ao aproximar esse conceito da neurose cultural brasileira, podemos refletir sobre as manifestações da subalternidade na cultura argentina. Embora cada contexto possua suas especificidades, ambos países enfrentam desafios relacionados ao racismo, sexismo e marginalização de determinados grupos sociais.

Esse diálogo possibilita uma compreensão mais ampla das dinâmicas de poder e das construções culturais presentes na América Latina. Ao reconhecer e problematizar essas marcas de subalternidade, podemos buscar caminhos para uma transformação social mais justa e inclusiva, que respeite a diversidade e valorize as vozes e experiências dos grupos marginalizados em ambas as sociedades.

Nesse sentido, vemos que a interseção entre xenofobia, violência e abandono social, além do fator educacional, ao evocar o analfabetismo, gera efeitos violentos sobre os corpos periféricos, em particular. Como resultado dessa nefasta interseção, nota-se que o lugar demarcado por Cucurto para traduzir a/o negra/o se baseia na cultura da violência construída historicamente pela branquitude para nos significar como raça violenta, perigosa e preguiçosa que aprendeu tudo através da malandragem.

No caso do Brasil, desde o colonialismo ocorreu/e um aumento no apagamento social à medida que a visibilidade da cor de certos indivíduos diminuiu. No que tange a

marginalidade, o preconceito e a violência, por estarem em mais evidência e serem retratados pela mídia, pela literatura branca e pelas estatísticas manuseadas pelos brancos, apesar de serem a maioria da população, as/os negras/os ainda enfrentam uma invisibilidade social persistente. Caso houvesse cada vez mais espaço para a escrita negra, de acordo com a perspectiva foucaultiana de poder, a literatura produzida por escritoras/es negras/os poderia desempenhar um papel significativo na mudança cultural desse cenário.

Aponto que é preciso se atentar para o fato de que a literatura negra pode ser/é uma poderosa forma de resistência e empoderamento negro; além de apresentar um enorme potencial linguístico que pode ser usado para desafiar as estruturas de opressão e promover a autodeterminação das comunidades negras. Na mesma ordem, ao dar voz às experiências e perspectivas negras, a literatura marginal se torna uma ferramenta de subversão e afirmação da identidade.

Ao focar a interseção entre raça, colonialismo e identidade, Fanon (2008) fornece um olhar crítico e profundo sobre as dinâmicas sociais e psicológicas que moldam as vivências dos indivíduos negros. Seus trabalhos influenciaram amplamente o campo dos estudos pós-coloniais e ajudaram a impulsionar discussões sobre o poder, a resistência e a importância da representação na literatura negra.

No entanto, é notório que o cânone literário é representado principalmente pelas vozes intelectuais das elites brancas, que se concentram em perpetuar a visão tradicional do público, sem se comprometer verdadeiramente com questões de interesse público e sem apoiar a afirmação da diversidade da população brasileira.

Sobre o racismo estrutural, um episódio que o descreve claramente e aponta a vileza que toma conta do imaginário tanto brasileiro quanto argentino ao se classificar os sujeitos apenas pela cor da pele, aconteceu em seis de agosto de dois mil e dezoito, durante um evento realizado na Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, no qual o ex-presidente, hoje Senador da República, Hamilton Mourão, abordava questões relacionadas ao subdesenvolvimento e aos conflitos na América Latina. Mourão não hesitou um só segundo ao referir-se à América Latina como um "condomínio de países periféricos". No entanto, o ex-presidente não parou por aí. Dando seguimento às suas falas preconceituosas, o general menciona a "malandragem" como uma característica intrínseca aos africanos e que o "caldinho cultural" do Brasil engloba a "indolência" dos povos indígenas e a "malandragem" dos negros africanos, além de animalizar nós, brasileiros, classificando-nos como "vira latas".

De acordo com Mourão (2018, n.p.):

E o nosso Brasil? Já citei nosso porte estratégico. Mas tem uma dificuldade para transformar isso em poder. Ainda existe o famoso ‘complexo de vira-lata’ aqui no nosso país, infelizmente. Nós temos que superar isso. Está aí essa crise política, econômica e psicossocial. Temos uma herança cultural, uma herança em que tem muita gente que gosta do privilégio. Mas existe uma tendência do camarada querer aquele privilégio para ele. Não pode ser assim. Essa herança do privilégio é uma herança ibérica. Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena. Eu sou indígena. Meu pai é amazonense. E a malandragem, Edson Rosa, nada contra, mas a malandragem é oriunda do africano. Então, esse é o nosso cadinho cultural. Infelizmente gostamos de mártires, líderes populistas e dos macunaímas

A partir da fala de Mourão, podemos compreender que o racismo é uma estrutura enraizada nos ambientes de poder, tanto públicos quanto privados, e que é naturalizado em todos os espaços urbanos e rurais. Essa dinâmica relega os negros à margem da sociedade, conforme a lógica de dominação presente. Diante disso, surge uma questão que pode ser analisada a partir de uma perspectiva psicanalítica: por que a lógica da dominação busca e muitas vezes consegue domesticar nosso pensamento?

Sob a ótica de Fanon (2008), acredita-se que a causa central dessa domesticação, ou seja, dessa colonização do pensamento, está relacionada à fala infantilizada que os detentores do poder impõem sobre nós. É importante destacar que o prefixo "infans" se refere àquele que não tem voz própria, sendo a criança falada na terceira pessoa pelos adultos. Essa infantilização da fala é uma estratégia utilizada para deslegitimar as vozes dos subalternizados e mantê-los em uma posição de inferioridade e submissão.

Essa reflexão nos convida a questionar os mecanismos de poder e a forma como a voz dos subalternizados é silenciada e desvalorizada. Através de uma abordagem psicanalítica, podemos compreender como a colonização do pensamento é perpetuada e buscar formas de resistência e descolonização que valorizem as vozes e experiências daqueles que são marginalizados pela lógica da dominação.

Nesse viés, ao abordar o racismo e o sexismo, percebe-se que existe uma naturalização desses fenômenos, que se consideram como algo intrínseco e aceitável. Emerge a crença de que os negros devem viver em condições de pobreza, sendo associados a animais, considerados fedorentos, criminosos e recebendo diversos adjetivos pejorativos que os classificam negativamente. A pergunta que surge é: por quê?

Com diz Gonzalez (1984, p. 226),

No imaginário coletivo, há a atribuição de características indesejáveis aos negros, como irresponsabilidade, falta de capacidade intelectual e infantilidade. Essas representações negativas justificam perseguições policiais, pois acredita-se que não



gostam de trabalhar, sendo rotulados como "malandros" e, conseqüentemente, como ladrões. A partir dessa lógica, jovens negros são estigmatizados como delinquentes ou "trombadinhas", baseando-se no ditado "filho de peixe, peixinho é". Quanto às mulheres negras, são estereotipadas como cozinheiras, faxineiras, ajudantes de obra, trocadoras de ônibus ou prostitutas. Essas ideias são perpetuadas pela mídia, seja por meio de jornais, rádios ou televisão, reforçando a imagem de que eles não aspiram a nada mais.

Gonzalez (2020) destaca a histórica exclusão geográfica dos negros nas cidades, sendo direcionados para morros, periferias e favelas. Essa realidade contribui para a marginalização e segregação desses indivíduos.

Suas reflexões evidenciam a necessidade de se questionar e desafiar as estruturas racistas e sexistas presentes na sociedade para se desnaturalizar visões estereotipadas sobre nós negros/as. Da mesma forma e com a mesma necessidade, é preciso mudanças paradigmáticas, reconhecendo a igualdade de direitos e oportunidades para todos, independentemente de sua origem étnica. Creio que a superação desses estigmas e preconceitos requer um trabalho constante de desconstrução e de promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

O interessante é que nessa parte de minha dissertação encontro respostas para as velhas indagações que eu fazia ao atravessar o campus e observar massivamente os/os negros/os ocupando lugares sempre à margem. Hoje, com meu grau de formação e capacidade de formar um pensamento crítico sobre o racismo percebo que este foi/é um projeto político muito bem pensado e aplicado pela branquitude colonialista com o propósito de dominar, subjugar e se autodeclarar como superiores.

Embora eu esteja consciente da complexidade do racismo na Argentina e no Brasil, abordarei o tema brevemente.

Conforme Loango e Silva (2022), o racismo é uma realidade presente tanto no Brasil quanto na Argentina. No Brasil, a construção da identidade racial foi moldada por séculos de marginalização e subjugação da população negra (MUNANGA, 2004). A abolição da escravatura em 1888 não foi suficiente para eliminar as desigualdades raciais recentemente, o que levou à implementação de políticas públicas de ações afirmativas a partir dos anos 2000, visando promover a igualdade de oportunidades (LOANGO; SILVA, 2022).

Na Argentina, a questão racial também está presente, mas de forma distinta. Andrews (2007) destaca que, devido à imigração massiva de europeus no final do século XIX, a população negra na Argentina foi numericamente reduzida, contribuindo para uma identidade nacional distante de suas raízes africanas e indígenas. Por isso, o racismo na Argentina, ao

contrário do Brasil, se manifestou/a de maneira totalmente escancarada, com estereótipos e discriminação clara contra afrodescendentes (LOANGO; SILVA, 2022).

Essas diferenças históricas e sociais entre Brasil e Argentina são influenciadas pelo contexto colonial e pelo eurocentrismo. Segundo Quijano (2005), a colonialidade do poder e o eurocentrismo permeiam as estruturas sociais e culturais da América Latina, perpetuando a opressão e a subalternização das populações não brancas.

Neste sentido, tanto o Brasil quanto a Argentina enfrenta desafios abismais relacionados ao racismo e à busca pela igualdade racial. Dentre esses desafios, no Brasil é necessária implementação, a regulamentação por meio de leis e a continuidade de ações afirmativas que combatam efetivamente as desigualdades históricas (LOANGO; SILVA, 2022; MUNANGA, 2004). No caso da Argentina, é importante combater os estereótipos e a discriminação aberta contra afrodescendentes (LOANGO; SILVA, 2022; ANDREWS, 2007). O diálogo e a compreensão das complexidades dessas realidades raciais são fundamentais para a construção de sociedades mais igualitárias e justas em ambos os países.

Para Lélia Gonzalez (1984, p. 226) há um tipo de naturalização do racismo no Brasil, a ponto de comumente se ouvir:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.

Trazendo as reflexões de Gonzalez (1984) para a realidade, por inúmeras vezes, na tentativa de fazê-los refletir, indaguei amigos e familiares sobre o racismo. Majoritariamente obtive respostas como: para mim boa parte do povo brasileiro deve ser classificada como pessoas moreninhas, já que possuem traços finos, as mulheres são escovadinhas e seus cabelos são alisados; preto tem cheiro de preto, aquele beirão, o nariz é de fornalha, uma chapoca, e o cabelo é duro<sup>14</sup>. Na verdade, esse é o reflexo do falso mito da democracia racial que, gesta, alimenta e naturaliza o preconceito.

Sobre isso, Gonzalez (1984, p.234) atesta que

tem uma música antiga chamada “Nêga do cabelo duro” que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beijos em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem

<sup>14</sup> Anedota elaborada a partir da minha experiência de mundo. Eu cresci ouvindo esse tipo de comentário racista sem ter noção do seu significado, porém, com o meu amadurecimento foi possível entender os tentáculos do racismo e suas frases naturalizadoras que sempre habitaram o imaginário popular.

feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme prá clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta.

Assim, outra vez sou atravessado pelas lembranças da minha passagem pela universidade, lugar onde comecei a entender minha negritude, minha ancestralidade e o racismo a que sempre fui submetido, mas, por causa da sua naturalização não podia reconhecer, combater e saber.

Durante toda a minha vida ouvi que eu não era negro, sim, mulato, moreno, pardo: termos tão racistas quanto o próprio racismo. Por vezes ouvi das pessoas que meus traços eram finos, meu cabelo não era ruim e meu tom de pele era claro. Estou seguro de que a domesticação, ou melhor, a naturalização do racismo não me fez entender, perceber sua lógica: alienar e apagar para dominar.

Possivelmente, o caminho para se combater o racismo está no ato de criar consciência dele e conseqüentemente no resgate das memórias. Com consciência, acessamos o lugar do desconhecido, do encoberto, do esquecimento e passamos ao saber. É por aí que o discurso ideológico, tanto para o bem quanto para o mal, se faz presente. Sob essa ótica, Gonzáles considera “a memória como o conhecimento que não é conhecido, um espaço onde estão registradas inscrições que trazem à tona histórias que não foram escritas, um local onde a verdade emerge e se estrutura como ficção” (GONZALEZ, 1984, p, 226).

Portanto, não podemos nos deixar enganar, ao pensarmos que somente através da conscientização vai se compreender a dinâmica do racismo a fim de superá-lo. É preciso reconhecer, evocar e combater o discurso do colonizador, pois, é nele, repetido incansavelmente por séculos pela branquitude, que o racismo se estruturou, se institucionalizou e se naturalizou com o intuito de dominar e subalternizar o povo negro.

### **3 UM DIÁLOGO ENTRE TEORIAS DA TRADUÇÃO E AS TEORIAS ANTIRRACISTAS: a tradução como ferramenta de poder**

A discussão presente neste capítulo propõe uma reflexão sobre a importância de traduzir textos de autoras/es negras/os em seus diversos formatos, levando em consideração as particularidades dos contextos a serem traduzidos. Com isso, objetiva-se evitar a reprodução da violência e do apagamento sofrido por essa população, buscando estratégias de tradução que se sobreponham às vontades da língua do colonizador, prezando pela linguagem existente no texto de partida em nome da visibilização da cultura negra no texto de chegada.

A tradução de textos provenientes de culturas marginalizadas, como discutido por Tymoczko (1995), apresenta desafios específicos para o tradutor/a. É importante ter essa noção, pois, existe um risco de se incorrer na morte das teorias antirracistas e da supressão do conhecimento do outro, além de definir o que é considerado conhecimento válido e o que não é, ao se referir a realidades que traduzam vivências e histórias: o caso dos africanos traficados para o América Latina.

Portanto, ao traduzir literatura negra, é necessário ter um cuidado especial para evitar o apagamento cultural desses povos em lugar de compreendê-los. Essa textualidade literária é entendida como escritos sobre a pessoa negra, com características sonoras, temáticas e visuais que abordam a resistência, bem como expressam o orgulho da identidade negra por meio de sua religiosidade, sexualidade e origens (LIMA, 2009). Além disso, é compreendido que a textualidade negra faz parte de um conhecimento que desafia a ideia de literatura universalizante e objetiva, situando-se em tempos e espaços específicos e contrapondo perspectivas ocidentais sobre a pessoa negra (SOUZA, 2017; MBEMBE, 2014).

A ideia é que se promovam traduções éticas. Para isso, se destaca a necessidade de realizar pesquisas e leituras sobre raça para nos acercarmos das teorias e dos teóricos que já trouxeram contribuições em torno do tema. Portanto, o apagamento da população negra, a falta de tradutoras/es negras/os, o racismo e a colonização do pensamento, são desafios a serem superados.

É imprescindível abordar a relação entre escrita, poder e tradução, especialmente considerando aqueles que detêm as ferramentas para dar forma às ideias, pensamentos e diversas realidades (PINTO, 2019). No caso das editoras e das tradutoras/es, estes exercem uma posição privilegiada no seguimento, pois têm a capacidade de criar e reinventar uma realidade a partir de palavras e contextos que não traduzem as realidades negra tal qual o universo da branquitude.

Do mesmo modo, a/o tradutora/or, confere ao ato de traduzir não só o poder de atribuir uma nova dimensão aos acontecimentos, mas também de (re)constituí-lo e (re)construí-lo. Com critérios subjetivos que podem exercer poder, o ato de escrever, e, de traduzir, reconstrói seletivamente o presente, fixando uma memória futura, por vezes distorcida, do próprio acontecimento. Essa possibilidade de ser um dos “detentores do imaginário social” concede ao escritor/tradutor um poder inegável.

Para Benedetti (2003, p. 28),

o tradutor é um ser social que, através de suas opções lexicais, sintáticas, estilísticas, nunca deixa de mostrar as suas opções pessoais, compartilhadas por seu grupo social, ditadas por sua vivência: o todo psíquico é sempre uma mescla complexa de fatores de várias naturezas.

Nesse processo de criação das narrativas, há uma dicotomia presente. Os meios editoriais e suas/eus tradutoras/es não apenas decidem o que deve ser lembrado, mas também o que deve ser esquecido, silenciado. É compreensível que as limitações de espaço não permitam que todas as realidades do público sejam contempladas por meio da escrita. No entanto, o que intriga não é a renúncia de uma história em favor de outra por parte das/dos escritoras/es e tradutoras/es brancas/os, mas sim a escolha constante de narrativas que emergem dos mesmos territórios, com personagens semelhantes e ideais políticos que se repetem ao longo dos tempos, reforçando estereótipos, apagando vozes, realidades e suprimindo a própria história em prol da branquitude.

No tocante à tradução e às/aos tradutoras/es de literaturas negras, antes de tudo, é preciso uma consciência política que reforce em lugar de suprimir as vozes presentes em textos antirracistas. Aclaro que o termo “antirracista” é constantemente usado por Mbembe (2014) para se referir aos escritos que se contrapõem à visão ocidental sobre o negro. O autor também destaca a importância das traduções que desvelam textualidades negras para que preservem a força da cultura e intelectualidade negra, de modo a reforçar o uso das teorias antirracistas.

Acredito que o ato de traduzir uma escrita tão rica em elementos que atravessam a linguagem popular pode ser uma potente ferramenta a ser usada para se promover o intercâmbio cultural e linguístico entre diferentes comunidades. Pontua-se que a interseção entre culturas também assume o papel de visibilizar corpos e lugares, recriar histórias quase sempre contadas por meio das vozes da branquitude e acercar mundos.

Ao me debruçar sobre a produção bibliográfica de autoras/es e críticas/os que acercam os estudos da tradução a questões raciais, à subalternidade literária e à quebra de

paradigmas, se coloca outro olhar em torno do ato de traduzir a escrita marginal. Concomitantemente, começamos a entender como os fenômenos presentes nesse tipo de escrita, de acordo com as escolhas tradutórias, podem reconfigurar os caminhos das traduções textuais e tornar representativas as vozes antes ocultas.

Concordo com Mignolo (2018, p. 35), quando ele afirma que "a tradução é uma forma de poder, pois ela representa a possibilidade de controlar a representação de outras culturas e de impor uma perspectiva hegemônica<sup>15</sup>". Nesse sentido, a tradução pode ser utilizada e entendida como uma forma de dominação que reforça as relações de poder entre a literatura marginal e o cânone literário hegemônico: o caso do imperialismo literário. Neste sentido, não podemos perceber a tradução da literatura marginal tão somente como uma ferramenta de libertação, de reafirmação e de resistência das/os autoras/es que a representa. A tradução se usada para questionar o cânone pode ser um ato de contraposição ante às tendências maculosas, opressoras, dominantes do poder hegemônico.

Sobre a força que os poderosos exercem sobre as pessoas que não detém o poder eu comungo com Foucault (2003) ao dizer que "onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção com uns de um lado e outros de outro; não se sabe ao certo quem o detém, mas se sabe quem não o possui" (FOUCAULT, 2003 apud BLUME; PERTELE, 2012, p. 7 e 8).

No decorrer do intrincado processo de tradução, o condutor dessa máquina, quem traduz, desempenha um papel crucial, pois, constantemente alimenta e modifica linguagens, símbolos e significados bem como realidades e pensamentos. Portanto, o papel do tradutor vai muito além da transposição de uns signos a outros e da condução de significados que (re)criam perspectivas. Traduzir é, inicialmente, um ato político de resistência que se não for realizado com consciência reproduz a exclusão, o racismo e o preconceito linguístico.

### **3.1 Teorias da Tradução**

A seguir, apresento uma revisão da literatura sobre estudos da tradução a partir das teorias elaboradas pelas/os autoras/es Gayatri Chakravorty Spivak, Denise Carrascosa e Lawrence Venuti.

Gayatri Chakravorty Spivak é uma importante teórica pós-colonial que aborda a tradução como um processo de poder e resistência à subalternidade. Em seu livro *A Critique*

---

<sup>15</sup> Texto de partida: "translation is a form of power, as it represents the possibility to control the representation of other cultures and impose a hegemonic perspective".

of *Postcolonial Reason*, ela defende que a tradução pode ser uma ferramenta para a dominação cultural, mas também pode ser uma forma de resistência contra o imperialismo linguístico. Segundo ela, "a tradução é um ato de violência, e é por isso que é uma prática ética" (SPIVAK, 1999, p. 197).

Pactuo com Spivak (1999) quando destaca que a tradução é um ato de violência, o que significa que envolve a imposição de uma perspectiva sobre outra, porém, ao mesmo tempo, é uma prática ética, pois permite que vozes subalternas sejam ouvidas e compreendidas por um público mais amplo. Nesse sentido, a tradução se torna uma estratégia de resistência e empoderamento das comunidades marginalizadas, possibilitando a ampliação de horizontes e o reconhecimento da diversidade cultural.

Denise Carrascosa é uma tradutora e teórica brasileira que propõe uma abordagem interdisciplinar para a tradução. Em seu livro *Tradução, Interpretação e Comunicação*, ela argumenta que a tradução não é apenas uma questão de linguagem, mas também envolve aspectos culturais, sociais e políticos presentes no espaço e no tempo, na subjetividade do objeto traduzido e no comprometimento em ressignificar vozes e corpos negros/as que foram suprimidos pela branquitude. Segundo Carrascosa, "a tradução é uma atividade que envolve escolhas e decisões complexas que não podem ser reduzidas a um simples processo mecânico de transferência de informações" (CARRASCOSA, 2012, p. 13).

Retomando o raciocínio de Carrascosa (2012), podemos pensar que a busca por uma conexão essencial entre tempo e espaço nas práticas contraculturais negras modernas e em seus processos de subjetivação corrobora com o funcionamento de um dispositivo político crucial para reverter imagens embranquecidas pela história. Esse dispositivo envolve a influência sobre nossas formas de criar narrativas, valores e sujeitos, bem como as relações de poder que surgem e estruturam as sociedades contemporâneas, a partir do eixo central que as torna vivas, factíveis: a linguagem.

Assim, ao pensarmos o contexto das vozes e dos corpos apagados por meio da diáspora, o exercício tradutório torna-se uma responsabilidade política, conforme Spivak, que ressignifica a linguagem e dá a ela a tarefa de um agente que molda identidades e subalternidades. Seu alcance retórico apresenta um potencial imenso na disseminação de informações que subverte paradigmas comunicacionais literários ou pré-estabelecidos. Por isso, quem traduz não pode se prender a uma tradução que apenas transponha um signo, um sentido linguístico pelo outro. Ela/e deve estar sempre atenta/o ao que o texto linguisticamente pede. Provavelmente, esse exercício de entrega irá gerar muitos desafios, tal

como uma dança de capoeira, ao apontar a necessidade de se libertar o corpo para que este possa compassar sua malemolência com o ritmo emprestado pela música em um ato de intimidade.

No caso das traduções diaspóricas que recontam a história dos/as negros/as para além do Atlântico, o tradutor/a deve seguir o compasso das particularidades linguísticas exigidas por ela. É preciso que ele/a se encontre em sua tradução e seja abraçado por ela. Com diz Spivak (2004, p. 372)<sup>16</sup>:

A tradutora deve se entregar ao texto, solicitando-o para revelar os desafios linguísticos que ele apresenta de maneira única. A tradução é o ato de leitura mais íntimo, no qual é necessário que a tradutora tenha adquirido o direito de se tornar uma leitora íntima para poder responder ao chamado especial do texto (tradução minha).

Esse elo entre tradutora/or e tradução, entretanto, precisa ser compassado pela linguagem. Considerando que estamos lidando com poéticas produzidas em diferentes línguas que são cercadas por inúmeros aspectos inerentes ao contexto social, político e cultural, a necessidade de tradução interlinguística torna-se cada vez mais intensa e manifesta-se em várias regiões da sociedade contemporânea.

Dessa maneira, o traduzir assume um papel político fundamental no contexto do Atlântico Negro (CARRASCOSA, 2016), conforme compreendido por Spivak (2004), envolvendo um trabalho intenso com a linguagem que atua como forma de construir identidade e desconstruir a subalternidade. Além disso, em sua dimensão retórica, a tradução, se usada a serviço da não subserviência ao eurocentrismo cultural e literário, pode se revelar como um poderoso gerador de disseminação subversiva, tornando-se uma forma de resistência contra as estruturas de poder dominantes e de criação de nova perspectivas que não as da reprodução.

Assim como outras formas de expressão artística negra, como a música, o teatro e o cinema, os textos literários afro diaspóricos ocupam um lugar significativo na criação de narrativas através dos sons e das imagens que são usadas para redefinirem os significados com sentidos ocultos como: perda, memória, lugar. Essas obras acabam preservando a memória social, criam consciência em lugar de alienação e corroboram com o longo processo

---

<sup>16</sup> [...] the translator must surrender to the text. She must solicit the text to show the limits of the language that the text wards off, in its special manner [...] translation is the most intimate act of reading. Unless the translator has earned the right to become the intimate reader, she cannot surrender to the text, cannot respond to the special call of the text. (SPIVAK, 2004, p. 372)



intervenção e reinvenção do sujeito e sua identidade, recriando o espaço em torno da metáfora do Atlântico Negro (CARRASCOSA, 2016).

Neste sentido, a tradução pode ser tomada como um ato descolonizador dos discursos e práticas colonialistas que pavimentaram e pavimentam nossa consciência por meio de ideologias opressoras, racistas e sexistas. Portanto, a tradução é, também, inicialmente um ato político, e pode ser bastante tendenciosa.

Lawrence Venuti é um teórico norte-americano que propõe uma abordagem crítica e cultural para a tradução. Em seu livro *The Translator's Invisibility* ele argumenta que a tradução muitas vezes é invisível e negligenciada, o que leva a uma homogeneização da cultura global. Segundo Venuti, "a tradução é uma atividade política, que envolve escolhas e decisões que afetam a representação e a recepção dos textos estrangeiros" (VENUTI, 2008, p. 23, tradução minha<sup>17</sup>).

Nesse sentido, concorda-se que a tradução pode ser uma forma de amplificar essas vozes marginalizadas, criando possibilidades de diálogo e intercâmbio cultural. Segundo Spivak (2010, p. 24, tradução minha<sup>18</sup>), "a tradução é uma forma de mediação entre diferentes culturas e perspectivas, permitindo a criação de novas formas de representação e diálogo".

Aqui, sublinho a importância de se acercar de produções bibliográficas que encurtam os caminhos entre os estudos da tradução e as questões da marginalização e do racismo que permeiam o universo literário. Dentro desse processo é importante entendermos como se dão os fenômenos que afetam à tradução de textos e desnivelam a representação cultural e linguística. Por sua vez, os estudos da literatura marginal e antirracista têm buscado dar lugar aos excluídos, apresentando formas de representatividade e de expressão. A tradução pode ser uma maneira de amplificar vozes, permitindo a criação de novas possibilidades de diálogo e intercâmbio cultural.

### 3.2 Teorias Antirracistas e a Tradução

Sílvio Almeida é um filósofo e professor brasileiro que aborda questões raciais em suas obras. Em seu livro *Racismo Estrutural* o autor argumenta que o racismo não é apenas um fenômeno individual, mas uma estrutura social que se manifesta em diversas áreas da

<sup>17</sup> Texto de partida: "translation is a political activity that involves choices and decisions that affect the representation and reception of foreign texts" (VENUTI, 2008, p. 23).

<sup>18</sup> Texto de partida: "Translation is a form of mediation between different cultures and perspectives, enabling the creation of new forms of representation and dialogue" (SPIVAK, 2010, p. 24).

sociedade brasileira. Segundo ele, "o racismo não é um problema de pessoas racistas, mas de uma sociedade racista" (ALMEIDA, 2019, p. 20).

Almeida (2019) foi um dos primeiros autores negros a quem tive acesso, além de ser o primeiro que me abriu os olhos para identificar o racismo em todas as suas estruturas e entendê-lo como corpo da necropolítica que age aos poucos, de forma invisível e constante.

Lélia Gonzalez, citada amplamente ao longo dessa dissertação, foi uma socióloga e ativista brasileira que desenvolveu importantes teorias antirracistas. Em seu artigo "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", ela argumenta que o racismo e o sexismo são interligados e se manifestam de formas diferentes na sociedade brasileira. Segundo Gonzalez, "a condição feminina e a condição negra se encontram na mesma raiz histórica de uma sociedade que hierarquiza as pessoas e estabelece relações de dominação" (GONZALEZ, 1984, p. 32).

As teorizações de Lélia Gonzalez (1984) sobre o racismo no Brasil me levaram a compreender a complexidade desse fenômeno na sociedade brasileira. A autora argumenta que a condição feminina e a condição negra compartilham uma origem comum, sendo ambas subjugadas e hierarquizadas em uma sociedade que estabelece relações de dominação. Por meio de sua análise crítica, Gonzalez (1984) expõe a maneira como o racismo se manifesta em diferentes esferas da cultura brasileira, perpetuando desigualdades e injustiças. Suas teorizações nos convidam a refletir sobre as dinâmicas de poder e as estruturas sociais que sustentam e reproduzem o racismo no país, abrindo caminho para a busca de soluções e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Giorgio Agamben é um filósofo italiano, que possui uma vasta produção acerca dos dispositivos da sociedade contemporânea. O autor argumenta que a exclusão de grupos sociais considerados "perigosos" ou "indesejáveis" é uma forma de racismo institucionalizado. Segundo ele, "o racismo é um dispositivo político que visa excluir e marginalizar determinados grupos da sociedade" (AGAMBEN, 2003, p. 37).

Sobre a marginalização e a exclusão das pessoas negras, a escritora e ativista norte-americana Bell hooks (1994) argumenta que a educação pode ser uma forma de resistência contra o racismo e outras formas de opressão. Segundo ela, "a educação como prática da liberdade é um processo de aprendizado mútuo e crítico que ajuda a criar uma sociedade mais justa e igualitária" (HOOKS, 1994, p. 10).

Neste ponto, Grada Kilomba, escritora e psicóloga portuguesa, utiliza a técnica de narrativas de memória para abordar o racismo e suas consequências psicológicas e sociais.

Segundo ela, "o racismo é uma ferida aberta na sociedade e em cada um de nós, que precisa ser curada através da reflexão e do diálogo" (KILOMBA, 2008, p. 25).

A convergência teórica entre os estudos de Grada Kilomba, Sílvia Almeida, Bell hooks, Lélia Gonzalez e Giorgio Agamben pode ser compreendida a partir de suas abordagens críticas acerca das relações de poder e opressão que permeiam as sociedades contemporâneas.

Kilomba (2008) problematiza a construção social da figura do "outro" como algo inferior e exótico, a partir de uma perspectiva decolonial, destacando como isso tem sido perpetuado ao longo da história pelo racismo estrutural. Já Sílvia Almeida (2019) analisa o racismo institucional e a branquitude como formas de manutenção da dominação racial, que se mantém presente mesmo em sociedades formalmente democráticas.

O racismo institucional e a branquitude são conceitos fundamentais para compreender a manutenção da dominação racial. Cida Bento (2022), em seu livro *Pacto da Branquitude*, aborda a branquitude como um pacto social que perpetua a supremacia branca e a reprodução de desigualdades raciais. Segundo a autora, a branquitude é uma forma de privilégio racial que opera de maneira invisível, mas impacta significativamente a estrutura social.

Por sua vez, Schucman (2014) explora o tema da branquitude em sua obra *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. O autor analisa as dinâmicas de poder e hierarquia presentes na sociedade paulistana, evidenciando como a branquitude é um mecanismo que fortalece a dominação racial. Schucman ressalta que a branquitude é uma forma de identidade racial privilegiada, associada a padrões de beleza, normas culturais e acesso a recursos, que contribui para a manutenção de estruturas de poder desiguais.

Ambos os estudos destacam que o racismo institucional e a branquitude não se restringem a ações individuais, mas permeiam as estruturas e práticas sociais, perpetuando a desigualdade racial (BENTO, 2022; SCHUCMAN, 2014). Compreender esses conceitos é fundamental para a desconstrução das formas de dominação racial e para a promoção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Para melhor compreensão da urgência em desconstruir o poder dominante, predominante branco, hooks (1994) traz uma análise das interseccionalidades entre opressões, destacando a importância de se compreender a interação entre o sexismo, o racismo e outras formas de dominação, buscando uma abordagem feminista antirracista e inclusiva. Gonzalez (1984), por sua vez, propõe uma reflexão sobre a diáspora africana e a formação do povo

negro no Brasil, destacando a importância de se compreender a negritude como uma força política e cultural capaz de resistir à opressão.

Sobre a relação entre soberania, estado de exceção e a suspensão dos direitos fundamentais, Agamben (2003) destaca como essa relação pode ser usada para a manutenção da opressão, da exclusão social e do não reconhecimento do outro, da sua cultura e da sua língua/linguagem. A perspectiva crítica de Agamben problematiza, questiona as estruturas e as relações de poder e exclusão presentes na sociedade. O autor também aponta para a necessidade de uma reflexão crítica sobre tais relações e as consequências nefastas que podem acometer diferentes grupos sociais por meio de ideologias diversas.

Conforme Gonzalez (1984) é importante considerar conceitos da psicanálise como instrumentos para compreender o racismo peculiar ao Brasil. De acordo com sua abordagem, o racismo é uma construção ideológica que traz benefícios sociais e econômicos aos brancos de todas as classes sociais, o que é conhecido como privilégio racial. Ao mesmo tempo, o racismo é considerado um "sintoma da neurose da cultura brasileira", uma vez que a sociedade brasileira se enxerga como branca, embora sua cultura revele uma herança afro que historicamente foi ocultada. Presumo que a neurose social parece andar junta com a alienação social, pois, para que a primeira se fortaleça a segunda precisa estar estabelecida.

Freud, ao pensar a neurose, refere-se a um distúrbio psíquico que surge quando tentamos reprimir conteúdos inconscientes que são considerados perturbadores ou ameaçadores. Esses conteúdos reprimidos tendem a retornar de forma sintomática, causando sofrimento e conflito na vida do indivíduo. No contexto brasileiro, a escritora Lélia Gonzalez (1984) desenvolve teorias que relacionam o conceito de neurose com a negação da afrobrasilidade. Para ela, esse mecanismo de negação, segundo a autora, consiste na recusa em reconhecer e valorizar as contribuições e a presença dos afrodescendentes na sociedade brasileira. Essa negação é fruto de uma construção ideológica que busca manter a supremacia branca e ocultar a diversidade cultural e étnica do país.

A negativa da afrobrasilidade, como apontado por Gonzalez (1984), contribui para a formação da chamada "neurose brasileira". Essa neurose está relacionada ao retorno do que foi negado, ou seja, o ressurgimento dos elementos negados na forma de sintomas sociais, como desigualdades raciais, violências estruturais e marginalização da população negra. Esses sintomas são reflexos da negação coletiva que gera um conflito inconsciente e um sofrimento social.

A superação da neurose brasileira requer uma reflexão crítica sobre a negação coletiva e a valorização da afrobrasilidade, reconhecendo a diversidade étnica e cultural como parte essencial da identidade nacional.

Com esses elementos, Gonzalez (1984) desmentiu o mito da democracia racial no Brasil, uma narrativa de dominação que impede o reconhecimento do racismo e veda os olhos do sujeito para que não seja possível obter o conhecimento direto sobre as questões raciais e suas manifestações concretas. Um mito que nasce a partir da crença do não racismo que veio junto com o fenômeno da miscigenação.

Em seu artigo, a autora também questiona o lugar do corpo negro, quem fala por ele e onde ele é colocado a partir da perspectiva da branquitude. Gonzalez (1984) nos faz questionar sobre a legitimidade do colonizador para classificar a linguagem periférica de ascendência negra como chula, errada, e vulgar, o caso do “pretuguês”. Para representar o “pretuguês” a autora evoca o desejo brasileiro, a bunda, termo que provém de línguas africanas, figura o imaginário nacional, embala fantasias de todos os tipos, níveis e gêneros, mas nunca é apresentado como um termo linguisticamente africano.

A denúncia do cunho sexista contida em seu artigo revela o papel da mulher, e os lugares ocupados por ela desde a escravidão até os dias de hoje. Na verdade, é possível perceber que nada mudou, ou melhor, mudou-se a forma de escravizar e a ama de leite, a bá, a mulata tipo exportação foram transformadas em empregadas domésticas, faxineiras e corpos desnudos perfeitos para estamparem as capas das revistas no carnaval.

De acordo com a autora, o Carnaval, serve como uma ferramenta, usada à exaustão pela mídia e pelo poder econômico, para mostrar ao mundo as belezas do nosso povo negro, a sensualidade dos corpos negros e a energia negra que brota nos pés negros da passistas e dos passistas das escolas de samba. Então, de certa forma, a objetificação e sexualização dos corpos pretos são o cartão postal do carnaval. É impressionante como o carnaval saca o povo negro das páginas policiais, o retira dos guetos, apaga o obscurantismo que o cerca, retira o véu marginal que o cobre e o transforma em personagem central da festa mais alegre do planeta. (GONZALEZ, 1984).

É da festa mais popular do Brasil que o mito da democracia racial se alimenta para exercer uma violência simbólica ao corpo da mulher preta. Se durante as festividades carnavalescas ela é transformada em divindade, ao término das comemorações seu corpo volta à senzala moderna para servir a branquitude, transformando-se na mucama permitida (GONZALEZ, 1984).

Encontrei no artigo de Gonzalez (1984) muitos conceitos que usei para fundamentar minha tradução. Dentre todos, o pilar foi o “pretuguês.” Acredito que as teorias de Gonzalez (1984) em trono do racismo, do sexismo e do preconceito linguístico contribuíram para que eu pensasse a tradução como um ato de combate ao estado de exceção, de valoração da linguagem periférica, além de me fazer perceber que o ato de traduzir pode ser uma tarefa inclusiva e produtora de conhecimento e de autoconhecimento. Logo, não se conhecer, não se perceber, não se acessar através dos códigos linguísticos ao qual pertencemos é segregar-se, é marginalizar-se.

Nesse sentido, traduzir é um processo de aprendizado com o outro, por meio do outro e ocorre por meio de uma transformação que o tradutor/a experimenta ao se abrir para o que é expresso no texto de partida, conforme sugerido por autoras/es como Spivak (2004). Tanto a ação de traduzir quanto o próprio texto traduzido carregam um valor transformador que beneficia tradutor/a e leitor/a. Um exemplo disso é que, ao longo das pesquisas realizadas para a execução dessa dissertação e do processo tradutório que me propus, fui sendo transformado e tomado pelo extenso volume de material ao que tive acesso. Os estudos realizados para que se possa exercer a tradução preservam as transformações ocorridas na/o tradutora/or pelo ato de traduzir. Realizar o trabalho de tradução significa reconhecer-se.

## 4 TRADUÇÕES

### 4.1 Tradução do Conto “Dama Tocada”

Dama tocada	Dama tocada
<p>En la ribera del Riachuelo, con unos negros vivíamos en un yotibenco, por supuesto, amigos, distaba mucho de los yotis de chapas colorinches que un siglo después se popularizaría entre los inmigrantes calabreses y apolitanos que llegarían desde Europa imperial a la América castiza y virgen.</p> <p>Hay que tomarlo con carpa: eran unos ranchitos de adobe con techos de paja y un maderón de algarrobo que tenían el espíritu, el aire, el drama de los conventillos de los siglos XIX y XX. Es decir, eran una joda de sexo, cuchilleros, música, obreraje, pasión e injusticias de todo tipo. Era un placer vivir en esos ranchos. Yo tengo doce años y 33 días y soñaba con el líder de la revolución que, por el 1800, se pregonaba a los santos gritos en los panfletos y diarios de la época.</p> <p>Yo vivía con dos negros “liberados” por la Corona española. Para estos seres frescos, no paralizados por puestos, sin partido político ni religión, sin ambición más que la de vivir cada día, con ganas de sexualizar la vida a tal punto que sólo fuera eso, traídos del África en barcos carboneros, imagínense lo que puede provocar el descubrimiento de la ciudad.</p> <p>Imagínense vivir con seres que hasta hace un par de días tenían menos condición social que una mesa, una silla, un ropero, y de pronto zas, la libertad. Caminaban por la calle sin cadenas, sin la necesidad espantosa de sostenerle la vela al amo. Se estrellaban contra los barrotes de la libertad.</p>	<p>Na beira do Riachuelo, a gente morava com uns negro em um cafofo, craro, amigos, estava longe dos barracos de pracas coloridas com cores descombinadas que um século depois se tornaria popular entre os imigrantes calabreses e napolitanos que chegariam da Europa imperial à América pura e virgem.</p> <p>Tem que ocupá ele de pau duro: era umas choupana de adobe com tetos de palha e um madeirite de algarrobo que tinha o espírito, o ar, o drama dos cortiços dos séculos XIX e XX. Quer dizê, eles eram um antro de sexo, caras armado com faca, música, operários, paixão e injustiças de todos os tipos. Foi um prazê morar naquelas choupanas. Tenho doze anos e 33 dias e sonhava com o líder da revolução que, em 1800, se anunciava aos gritos nos folhetos e jornais da época.</p> <p>Eu morava com dois negros “liberto” pela coroa espanhola. Para estes seres não corrompidos, sem lugar, sem partido político nem religião, sem ambição além da de vivê cada dia, com vontade de sexualizar a vida a tal ponto que se transformasse apenas nisso, trazidos de África em barcos de carvão, imaginem o que pode provocar o descobrimento da cidade.</p> <p>Imaginem vivê com uns camaradas que até alguns dias tinham menos condição social que uma mesa, uma cadeira, um guarda-roupas, e de repente, a liberdade. Caminhavam pela rua sem correntes, sem a espantosa necessidade de servi ao seu dono. Se chocavam contra as grades da liberdade. Descontrolavam que dava nojo, foda, foda e buceta.</p>

Descontrolaban que daba asco, joda, joda y concha.

Clodoaldo Maripili y Azulino Sepúlveda eran del sur de Nigeria. Los conocí en la calle y nos metimos al ranchito y ahí vivíamos. Nos pasábamos los días encerrados, cogiendo a lo loco, siempre había unas mozuelas dispuestas a entregar el culo en pos de una buena verga del África. Es increíble la patología sexual de algunas minas, cómo se calentaban con los esclavos, lo prohibido, el fruto intocable, pues aquella a la que se descubriera sobándole el tronco a un negro era quemada viva, como en la época de la Inquisición. ¡Y se encontraban guainas a lo loco, incluso hasta damas distinguidas, esposas de verdaderos jefes políticos, gurús de la Corona en el Virreinato!

Como les decía, tremendísimo, cien puntos de reiting eran los que tenían los negros con las minas. Y ni les cuento, ¡o sí!, no seas, moco, coño, el exitón-pingón de mis amigotes, Clodo y Azu del África. Al tiempo —nos aburrimos de bailar cumb y tomar cerveza Condorina— llegaron unas damiselas españolas que rajaban la tierra, dos hermanitas letales, Victrola e Irene Campos, unas oligarcas con un espíritu burgués que asustaba, las dos eran poetas, Victrola además tocaba la flauta.

Las levantamos en la calle, y nos llevaron a sus mansiones de tres pisos con jardincito al fondo y rosas ne-gras del África. Burguesía a full. Piano, vasos de cristal, pisos de pinotea plastificados, arañas de tres mil picetas de vidrio. Alfombra.

Tenían de noviecitos a dos boludos que se pasaban el día leyendo literatura francesa. Unos manes aburridos del ocio, unos tipos que hablaban cosas raras, y hasta medio putos. ¿Cómo será ser medio puto? ¡Dejémonos de joder, no hay tiempo para oler o ver el seranal de cada uno!

Clodoaldo Maripili e Azulino Sepúlveda eram do sul da Nigéria. Conheci eles na rua, a gente entrô pra dentro do barraco e aí a gente morava. A gente passava os dias trancados, metendo sem pará, sempre havia umas dondocas dispostas a entregá a bunda em nome de uma boa rola africana. É incrível a patología sexual de algumas mina, como se esquentavam com os escravos, o proibido, o fruto intocável, pois aquela que fosse descoberta fudendo com um negro era queimada viva, como na época da Inquisição. E a toda hora se encontravam novinhas, inclusive até mulheres distintas, esposas de verdadeiros chefes políticos, gurus da Coroa no Vicereinado!

Como dizia a vocês, poderosíssimos, cheio das moral eram os negros com a mina. E nem conto pro cês, Ou sim! não seja, criança, porra, um sucesso o dote dos meus amigos, Clodo e Azu de África. Em um momento —a gente cansou de dançar cumbia e de tomá cerveja Condorina —chegaram umas donzelas espanholas que paravam o trânsito, duas irmãzinhas mortais, Victrola e Irene Campos, umas oligarcas com um espírito burguês que assustava, as duas eram poetas, Victrola além de tudo tocava flauta.

A gente conseguiu elas na rua, e levaram a gente para suas mansões de três andares com jardim ao fundo e rosas negras da África. Burguesia ao máximo. Piano, copos de cristal, piso de madeira resinada, lustres de três mil peças de vidro. Tapetes.

Tinham como namoradinhos dois vacilões que passavam o dia lendo literatura francesa. Uns manés cansados do ócio, uns tipos que falavam coisas estranhas, e até meio viado. Como será ser meio viado? Vamo deixá de sacanagem, não há tempo pra cheirá ou vê o cuzinho de cada um!



A las conchetitas estas las pegamos cerca del muelle del Retiro. Y cuando nos abrieron la puerta de su casa todo cambió en nuestras vidas. A los afros y a mí nos comenzó a picar el bichito del lujo, nunca habíamos estado en una casa tan grande, ¿así era España? La hispanidad se nos metió por el rabillo del orto. La casa era espaciosa y bien colonial (¡tanto y tanto nos alejaba del yoti aquel en el que vivíamos habituados a cogernos negritas cursientas, que hasta ya extrañábamos con melancólica vanidad!) Según cuentan las malas lenguas, la casa era propiedad pasada del general San Martín y era usada para armar festicholas secretas por los miembros de la Primera Junta de Gobierno. ¡Los polvos que se habrán echado los hermanitos Moreno en estos finos sofás de pana! ¿Y las ex hermanitas Campos, ¿cuántas matracas se habrán comido por atrás gracias a sus influências de la Corona?

Nos daba pena la idea de saber que permaneceríamos ahí por unas horas y al final, como nos pasa siempre, seríamos expulsados de la historia con una buena patada en el culo.

Pero antes de seguir hablando de la casa y los negros y los putos que son mi tema, les cuento cómo se aceleró la cosa: después del meteponga, con el vientre entumecido de semen afro, las dos conchetas aburguesadas nos querían dar salida para al instante, meter otros negros más.

—Bueno, muchachos, ya es hora de irse... El amanecer estaba vacío porque yo lo vi por la ventana. Clodoaldo, en un raptó de furia, sin procesar en su cerebro de inmigra analfa (la Corona había cambiado de categoría a los esclavos afros, llamándonos inmigras), como la española de cuarta no se levantaba de la cama adorándolo, o por lo menos dándole un beso en la punta

As bucinhas estas a gente conseguiu perto do cais do Retiro. E quando abriram a porta de sua casa, tudo mudou em nossas vidas. O bichinho do luxo começou a mordê a gente, nunca tinha estado em uma casa tão grande, assim era a Espanha? A hispanidade entrou na gente pelo cu. A casa era espaçosa e toda colonial (muito e muito distante dos barracos que a gente estava acostumado a fuder negrinhas superficiais, que a gente até já sentia falta com melancólica vaidade!) Segundo dizem as más línguas, a casa antes era propriedade do General San Martín e era usada para fazê festinhas secretas dos membros do Primeiro Conselho do Governo. A meteção que os irmãos Moreno fizeram nestes sofás de veludo cotelê! E as ex-irmãzinhas Campos, quantos brochas as comeram de costas graças às influências da Coroa?

A gente sentia tristeza com ideia de sabê que a gente ficaria ali por umas horas e no final, como sempre acontece, a gente seria expulso da história com um bom chute no rabo.

Mas antes de continuá falano sobre a casa e os negros e veados que são meu assunto, contarei pro cês como as coisas se aceleraram: depois da meteção, com a barriga dormente com sêmen afro, as duas bucetas aburguesadas queriam dispensá a gente para, em seguida, trazê mais negros.

—Bom, pessoal, é hora de ir ... o amanhecer estava vazio porque eu o vi pela janela. Clodoaldo, em um acesso de fúria, sem processá em seu cérebro de imigrante analfabeto (a Coroa havia mudado a categoria dos escravos afro, chamando a gente de imigrantes), como a espanhola de quarta categoria não se levantava da cama adorando ele, ou pelos menos dando um beijo na ponta da sua pica, se levantô violentamente da cama.

— Putinha do cuzinho, guie que

de la pija, se paró de la cama violento.

—¡Putita del orto, te guá a sé puré! ¡Por lo menos hacete unos huevos fritos para el desayuno! Y le zumbó con alas de avispa dos severos cachetazos. España se encontraba de rodillas en la alfombra del dormitorio. Irene, mi amor, quiso defender a su hermana y le tuve que bajar los dientes con el velador de la cómoda. ¡Nada más incómodo! Y bueno, les cuento no les cuento, las infamamos de lo lindo, las esclavizamos, las hicimos jabón al revés, un rato. Semanas después salimos de noticias en los diarios, pero tarde, porque los diarios siempre llegan tarde a la matanza.

Y así comienza, a grandes rasgos, este despepite. Nos gustó el lujo, la vida poética de los burgueses y los sanguchitos de miga. Con respecto a los putitos, los sacamos a las patadas en el culo a la calle. Tiramos el piano, la biblioteca, las mesas ratonas de vidrio, el ropero hasta con zapatitos de cristal. ¡Un piano, un rope, una biblioteca, nunca vimos cosas tan inútiles!

Y nos quedamos para nosotros a las hermanitas Campos y la casa. ¿Qué necesidad tenía el duende de volver al ranchito de la orilla del río, con tantas piezas a nuestra disposición?

La casa es el tema nuestro y de 40 millones de argentinos. La casa siempre imposible, el sueño eterno, lejano impróspero para nuestra pobreza. Cómo no acordarme de los lujos y comodidades de la casa. Un balcón terraza daba de lleno con la vista al río. Desde esas alturas, en días limpios, se veía la orilla de Montevideo. Desde la parte trasera de la terraza, dándole la espalda al río y a Montevideo, se veía la pérgola del Cabildo y a los comediantes de la Primera Junta. Ya lo dijo un linotipista erudito y el gorila proyanqui: “Lo mejor que nos puede pasar es ser colonia, así que de una buena vez terminemos con este triunvirato”.

El comedor era un espectáculo,

vou acabá com cê! Pelo menos prepare alguns ovos para o café da manhã! E zuniu com asas de vespa dois tapas fortes. Espanha se encontrava de joelhos no tapete do quarto. Irene, meu amor, quiz defendê sua irmã e tive que quebrá seus dentes com o abajur da cómoda. Nada mais incômodo! E bom, guardo segredo ou não, a gente tirou sua honra bem gostoso, a gente escravizou elas, a gente fez 69 com elas, por um tempo. Semanas depois a gente foi notícia nos jornais, mas tarde, porque os jornais sempre chegam atrasados para o massacre.

E assim começa, bem traçada, esta zorra. A gente gostou do luxo, da vida poética da burguesia e dos sanduichinhos de pão sem casca. Quanto aos veadinhos, a gente colocou eles na rua a pontapés. A gente jogou fora o piano, a biblioteca, as mesinhas de vidro, o guarda-roupa, mesmo com sapatinhos de cristal. Um piano, um guarda-roupas, uma biblioteca, a gente nunca viu coisas tão inúteis!

E a gente ficou com as irmãzinhas Campos e a casa. Que necessidade tinha o duende de retorná ao cafofo na beira do rio, com tantos quartos à nossa disposição?

A casa é o nosso assunto e de 40 milhões de argentinos. A casa sempre impossível, o sonho eterno, distante e impossível para a nossa pobreza. Como não se lembrá dos luxos e confortos da casa. A varanda no terraço dava de cara com a vista para o rio. Dessas alturas, em dias limpos, era possível avistá as margens de Montevidéu. Do fundo do terraço, de costas para o rio e para Montevidéu, dava para vê o jardim do Cabildo e os comediantes da Primeira Junta. Já disse um linotipista erudito e o gorila pró-ianque: "A melhor coisa que pode acontecer com a gente é sê uma colônia, então a gente vai acabá com este triunvirato de uma vez por todas."

A sala de jantar era um espetáculo, nunca vou me esquecer, uma mesa para

no me olvidaré nunca, una mesa para doce comensales, una sala para estar sin hacer nada y cinco dormitorios al fondo. Yo por miedo no entraba nunca en esas piezas, que por otra parte parecían estar cerradas con llave. Ni Clodo ni Azu del África se atrevieron a meter narices ahí dentro, no vaya a ser que nos llevemos una sorpresa.

Liquidadas Victrola e Irene, ¿qué íbamos a hacer en semejante mansión los tres solitos? La entrada de la casa daba a la calle Roma y del otro lado se veía un rectángulo de tierra; era el lado oeste de la Plaza Buenos Aires (actual Plaza de Mayo). Se entraba en la casa por un zaguán del cual nadie salía ileso, había muebles en la oscuridad y las chicas podían caerse y había otras cosas... El zaguán estaba lleno de puertas que daban a todas las piezas de la casa. O sea que uno podía salir de su pieza hacia la calle sin necesidad de saludar a nadie.

La paz inundaba el recinto y nos la pasábamos adentro sin necesidad de salir. La cocina estaba llena de embutidos para tirar varios meses. Una bolsa de arpillera estaba llena de yerba y marihuana mezclada, así que fumábamos o tomábamos mate cocido con el mismo efecto.

Mis dos amiguitos del África se pasaban el santo día tirados en la cama o tomando mate en el patio de aljibes de la casa. Azu leía cómics eróticos españoles, los primeros del mundo. Clodo quería aprender francés y leía a los clásicos burgueses dejados en la vida por las dos muertas. Y así pasábamos los días, rascándonos los huevos.

Una mañana nos despertamos con ganas de comer unos bizcochitos de grasa y nos fuimos a la cocina. La puerta estaba cerrada. La quisimos abrir de todos os modos, pero no hubo caso, alguien la había cerrado con llave por dentro. Mis amiguitos del África, que no creen en los fantasmas y tenían hambre, la rompieron a hachazos. Y nos sentamos

doze pessoas, uma sala para ficá sem fazer nada e cinco quartos ao fundo. Eu por medo, nunca entrava naqueles quartos, que por outro lado pareciam estar trancados. Nem Clodo nem Azu, de África, ousaram enfiá o nariz ali dentro, vai sabê se a gente ia tê uma surpresa...

Passado o cerol em Vitrola e Irene, o que faria nós três sozinhos naquela mansão? A entrada da casa dava para a rua Roma e do outro lado dava para vê um terreno retangular; era o lado oeste da Praça Buenos Aires (atual Plaza de Mayo). Se entrava na casa por um corredor do qual ninguém saía ileso, havia móveis no escuro e as meninas podiam caí e havia outras coisas ... O corredor estava cheio de portas que davam para todas as partes da casa. Ou seja, qualquer um podia saí de seu quarto para a rua sem ter que cumprimentar ninguém.

A paz inundava a casa e a gente fica de boa. A cozinha estava cheia de frios e a gente não precisava saí por vários meses. Um saco de estopa estava cheio de erva mate e maconha misturadas, então a gente fumava ou a gente bebia mate cozido e dava no mesmo.

Meus dois amiguinhos da África passavam o dia todo deitados na cama ou bebendo chimarrão no quintal da casa. Azu lia quadrinhos eróticos espanhóis, os primeiros do mundo. Clodo queria aprendê francês e lia os clássicos burgueses deixados em vida pelas duas mortas. E assim a gente passava os dias, coçando saco.

Uma manhã a gente acordou com vontade de comê uns biscoitos amanteigados e a gente foi para a cozinha. A porta estava fechada. A gente quis abrí ela de qualquer jeito, mas não foi possível, alguém havia trancado ela por dentro. Meus amiguinhos da África, que não acreditam em fantasmas e estavam com fome, quebraram ela a machadadas. E a gente sentou no frio para tomá chimarrão.

A mim, que não sou bobo, me

a matear en frío.

A mí, que tengo dos dedos de frente, me llamó la atención el tema de la puerta cerrada. ¿Quién la había cerrado y para qué? Era evidente que si no fue uno de los tres, otra persona vivía adentro. ¿Sería el espíritu de una de las Campos? ¿Habían vuelto los putos sin avisarnos? Me incliné por la última opción y me olvidé del tema, no sin antes recalcar me que haría unas guardias nocturnas para descubrir al chistoso.

Mis amiguitos del África seguían comiqueando y comiendo a mansalva. La casa se llenaba de ropa sucia y de desperdicios de la comida. A la semana estábamos inundados de desechos. Clodo propuso esconderlos en una de las piezas del fondo, a las cuales se llegaba pasando el patio. —Bueno, ¿quién va? —Yo no, kestoy leyendo Condorito —dijo Clodo. —Está bien, voy yo —les dije para no alargar la conversación. Ustedes sigan haciendo nada...

Y me fui a las piezas un poco disgustado. La noche ya se caía a pedazos. En un segundo me descubrí solo entre el patio oscuro y las piezas cerradas. Algo sacudía las puertas de madera desde adentro de las piezas. Para desgracia mía, Clodoaldo apagó la última luz nocturna del comedor y se fue a dormir. Algo volvió a golpear la puerta de la pieza, queriendo salir. Corrí al comedor a contarle a mis amigos, que se levantaron de sus sofás enojados.

—¿Qué te pasa, Cucurtú?

—Escuché ruidos en las piezas del fondo...

—Dale, dejate de joder, ahí no hay nadie...

—Andá, dale, saca la basura a la calle...

Y cuando salí a la calle me encontré en la puerta de casa con una turba de niños, mujeres, ancianos, toda la parentela de Clodoaldo Maripili, recién

chamou atenção a questão da porta fechada. Quem a havia fechado e para quê? Era evidente que se não foi um dos três, outra pessoa morava lá dentro. Seria o espírito de uma das Campos? Os veados haviam voltado sem avisá? Decidi pela última opção e esqueci o assunto, mas não antes de me convencê que faria algumas vigílias noturnas para descobri o engraçadinho.

Meus amigos da África continuaram lendo comics e comendo descontroladamente. A casa se enchia de roupa suja e restos de comida. Em uma semana, a gente estava inundado de lixo. Clodo propôs escondê o lixo em um dos cômodos dos fundos, ao qual se podia chegá passando pelo pátio. "Bem, quem vai?" "Eu não, estou lendo Condorito", disse Clodo. "Ok, eu vou", disse a eles para não arrastá a conversa. Cês sigam sem fazer porra nenhuma ...

E fui para os cômodos um pouco chateado. Era noite fechada chegava aos poucos. Em um segundo, me vi sozinho entre o pátio escuro e os cômodos fechados. Algo batia as portas de madeira por dentro dos cômodos. Para minha desgraça, Clodoaldo apagou a última luz noturna da sala de jantar e foi dormí. Algo novamente bateu na porta do quarto, querendo saí. Corri para a sala de jantar para contá aos meus amigos, que se levantaram de seus sofás com raiva.

—O que foi, Cucurtú?

—Ouvi barulho nos quartos dos fundos ...

—Vamos, deixa de sacanagem, não tem ninguém aí ...

—Vamos, anda, leva o lixo pra rua ...

E quando saí para a rua me encontrei na porta de casa com uma multidão de crianças, mulheres, idosos, todos parentes de Clodoaldo Maripili, recém-chegados da Nigéria. Esqueci o incidente.

llegadita de Nigeria. Olvidé el incidente.

¡Me quería morir! La paz parecía inexorablemente a punto de extinguirse. Por suerte, vinieron unas mulatitas con las cuales me divertí un tiempo. Pero eran tan puercas, no limpiaban nada,

hacían sus necesidades encima de los sillones como si estuvieran en un manglar del África. Bochincheaban de lo lindo sin parar.

Al otro día amaneció la puerta de la cocina cerrada. Sin duda, había uno de los putos tratando de asustarnos. No le dimos importancia y la volvimos a forzar.

Al otro día la cosa se había complicado, todas las puertas estaban llaveadas, incluso la de los baños que estaban ubicados al lado de las piezas del fondo.

No nos quedó más remedio que acomodarnos en el comedor y en el patio.

El abuelo de Clodoaldo Maripili, un anciano de más de cien años de soledad, nos dijo temblando: — Muchachos, como vemos, sólo hay una pieza. No hay lugar en la casa. El comedor será tomado por la familia.

—Los demás pueden ir al patio —dijo una de las mulatitas.

El quilombo era cada día más intenso y de un día para otro se cerró la puerta del comedor y quedamos en el patio, a la intemperie.

La familia quedó adentro de la casa, en el comedor, extrañamente encerrados. Ellos creían que estaban a salvo, pero era evidente que algo los estaba encerrando para siempre. Cuatro generaciones de personas, abuelo, madre, nietos y bisnietos, se quedaban a salvo de las injusticias que el mundo podría darles.

Yo, que tengo dos dedos de frente, me di cuenta de que lo mismo ocurría con las demás piezas que habían sido tomadas a la fuerza, en ellas permanecían personas encerradas.

Fue ahí cuando percibí cómo la llave de la pieza del comedor giraba para

Eu queria morrer! A paz parecia inevitavelmente à beira de desaparecer. Por sorte, vieram umas mulatinhas com as quais me diverti um pouco. Mas eram tão sujas, não limpavam nada, cagavam e mijavam em cima dos sofás como se estivessem em um manguezal de África. Zoneavam sem pará.

No dia seguinte, a porta da cozinha amanheceu fechada. Sem dúvida, havia um dos veados querendo assustá a gente. A gente não se importou e forçou novamente.

No dia seguinte a coisa havia se complicado, todas as portas tavam trancadas, inclusive a dos banheiros que ficavam ao lado dos quartos dos fundos.

A gente não teve escolha a não ser se acomodá na sala de jantar e no pátio.

O avô de Clodoaldo Maripili, um velho de mais de cem anos de solidão, disse tremendo para a gente:

—Galera, como a gente pode ver, só resta um quarto. Não há espaço na casa. A sala de jantar será ocupada pela família.

—Os outros podem ir para o pátio — disse uma das mulatinhas.

O quilombo ficava mais intenso e de um dia para o outro a porta da sala de jantar se fechou e a gente ficou no pátio, no relento.

A família permaneceu dentro da casa, na sala de jantar, estranhamente trancada. Eles acreditavam que estavam seguros, mas era evidente que algo os estava trancando para sempre. Quatro gerações de pessoas, avô, mãe, netos e bisnetos, estavam a salvo das injustiças que o mundo poderia causar a eles.

Eu, que não sou bobo, percebi que o mesmo acontecia com os outros cômodos que haviam sido tomados à força, nelas permaneciam pessoas trancadas.

Foi aí que percebi como a chave da sala de jantar girava para sempre.

A gente decidiu saí antes de ficá

<p>siempre.</p> <p>Decidimos irnos antes de quedar encerrados, corrimos hacia la puerta cancel de entrada y tratamos de abrirla, pero estaba cerrada. La llave estaba en el cuerpo de una de las hermanitas Campos. Ya no sé cuál, ¿Vitolra o Irene? Cuando abrimos la puerta y salimos a la calle fue una sensación de libertad única. La puerta se cerró de golpe, dejándonos afuera. Al fin, nos habíamos librado de España. Salimos con lo que teníamos puesto, mientras los crios y la Pequeña África seguían funcionando a full dentro de la casa.</p> <p>Contentos, en la calle, se nos aparecieron tres negritas y las llevamos a tomarnos unas cervas a nuestro yoti ilustre de la ribera del río.</p> <p>—¡Clodo, tirá las llaves! —le dije con una negrita del brazo.</p> <p>—Sos loco, vos, un botellero me da dos pesos por el cobre.</p>	<p>trancados, a gente correu em direção à porta de entrada e a gente tratou de abrí-la, mas estava fechada. A chave estava no corpo de uma das irmãs Campos. Não sei qual, Vitrola ou Irene? Quando a gente abriu a porta e saiu para a rua foi uma sensação única de liberdade. A porta se fechou derrepente, deixando a gente do lado de fora. Por fim, a gente havia se livrado da Espanha. a gente saiu com o que vestia, enquanto as crianças e a pequena África continuavam funcionando a todo vapor dentro de casa.</p> <p>Felizes, na rua, apareceram para nós três negrinhas e a gente levou elas para tomá umas cervejas em nosso ilustre barraco na beira do rio.</p> <p>—Clodo, jogue fora as chaves! — disse a ele com uma negrinha nos braços.</p> <p>—Tá louco mano, um vendedor de garrafas me dá dois pesos pelo cobre.</p>
--	--

#### 4.2 Tradução da Carta ao General San Martín Titulada "1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros"

<p>1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros</p> <p>Querido General San Martín, doscientos años después te escribo encerrado en una pieza del barrio de Constitución, te escribo como si fueras un hermano que no conozco. Te escribo desde mi condición de escritor cumbiantero contemporáneo que no acepta la historia como se la contaron otros. Desde mi corazón de admirador y enamorado tuyo, ahora que te descubrí doscientos años después, desde un rincón del Río de la Plata que supo ser terreno de todas tus hazañas y amoríos tales. Hoy sos “el faro, el guía, el Libertador y procer de América”, en los libros de historia y en la boca de los políticos revolucionarios de izquierda.</p> <p>Yo te quiero como el hombre sencillo que fuiste y que ocultó su imagen de luchador de grandes gestas. Te quiero como un muchacho porteño más, que bardeó todo lo que pudo, que “políticamente fue el más incorrecto y romántico de los héroes de la América mestiza”. Poco me importa tu cruce de la Cordillera (hoy es un trámite intrascendente y lo hago en dos horas por Lan Chile), o tu encuentro en Guayaquil con ese otro maricón que es Bolívar y como lo seré siempre yo; ni un pelo me mueven.</p> <p>Me mueven, me sensorizan tus aventuras con negras y negros esclavos del África, con mujeres casadas; que te hayas atrevido a liberar 1.600 esclavos en medio del Océano y en las narices del Rey de la Corona. Me conmueve que hayas sido el padre del verdadero héroe negro de la Revolución de Mayo y de nuestra historia argentina, negado por las plumas de historiadores blancos, que no podían aceptar el liderazgo de la negritud en nuestra historia.</p> <p>Me conmueve, oh dulce amado mío, tu “libertinaje a la hora de vivir”, y por eso sos para mí Mi Libertador, Mi Dulce</p>	<p>1810 A Revolução de Maio vivida pelos negros</p> <p>Querido General San Martín, duzentos anos depois, te escrevo trancado em um quarto do bairro Constitución, te escrevo como se fosse um irmão que não conheço. Te escrevo a partir da minha condição de escritor cumbiantero contemporâneo, que não aceita a história como outros a contaram. A partir de meu coração de admirador e apaixonado por você, agora que te descobri duzentos anos depois, de um canto do Río da Prata que soube ser a terra de todas as suas façanhas e tantos amores. Hoje é “o farol, o guia, o Libertadô e pai fundadô da América”, nos livros de história e na boca dos políticos revolucionários de esquerda.</p> <p>Eu te quero como homem simples que foi e que escondeu sua imagem de lutadô de grandes feitos. Te quero como um menino de Buenos Aires a mais, que mentiu sobre tudo que pode, que "politicamente o mais incorreto e romântico dos heróis da mestiça América". Não me interessa sua travessia da Cordilheira (hoje é uma burocracia sem importância e o faço em duas horas pela Lan Chile), o seu encontro em Guayaquil com essa outra bicha que é Bolívar e como sempre serei; não me motivam.</p> <p>Me movem, me atraem suas aventuras com negras e negros escravos africanos, com mulheres casadas; por tê ousado a libertá 1.600 escravos no meio do oceano e debaixo do nariz do Rei da Coroa. Me comove que tenha sido o pai do verdadeiro herói negro da Revolução de Maio e de nossa história argentina, negado pelas canetas dos historiadores brancos, que não podiam aceitá a liderança da negritude em nossa história.</p> <p>Me comove, oh meu doce amado, a sua “libertinagem no que diz respeito à vida”, e por isso é para mim Meu libertadô, Meu doce Irmão com uma Grande Pica Mestiça</p>
--	--

<p>Hermano de Gran Pija Mestiza Saboreada por Hombres y Mujeres de Todas las Etnias.</p> <p>Oh, hermano, me importan un pito tus laureles,</p> <p>Libertadorcito de Argentina, Chile y Perú, te recuerdo como la primera vez que te vi en un cuadro del colegio, al lado de un cuadro de Perón, los dos montados en caballos blancos.</p> <p>Querido San Martín, ahora que me hallo, doscientos años después, enamorado de vos, mucho más allá y más alto que las cordilleras de Chile e incluso todo el cielo de Chile (que es un blef), te quiero decir, ya para concluir esta carta carmesí de niña enamorada atemporal, que la revolución sigue en pie.</p> <p>Y sobre todo sigue en mí, nuevo Libertador de América, de la música y del lenguaje. Sigue en mí a través de ti, que has reencarnado dulcemente en mi espíritu.</p> <p>Yo sé muy dentro de mí que si vivieras en esta época serías cucurtiano. Por ahora te traigo a la realidad a través del velo mágico y comercial de la empresa editorial argentina, el libro.</p> <p>Para todos los mequetrefes, sotretas y zoquetes que no saben un pito de historia ni te aceptan por puto, ni menos que hayas puesto el cuerpo en la Revolución de Mayo (esto no consta ni en un libro de historia de todos esos libros blanquecinos que se dedican a derribar los mitos). Los intelectuales referencistas de nuestro pasado, los grandes escritores de best sellers, te niegan rotundamente. Se ciegan a la liberación política y sexual que significó tubm vida y tu lucha. Contra ellos es este libro. Y también contra la ignorancia existente en torno a ti, tanto la del agreste maestro rural con barba guevariana o la del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, señor Hugo Chávez Frías (le he escuchado decir auténticas bestialidades acerca de vos).</p> <p>Por último, me despido con una sonrisa de tráfuga, picardías de putaño que</p>	<p>Saboreada por Homens e Mulheres de Todas as Etnias.</p> <p>Oh, irmão, não dou a mínima para os seus louros, Libertadorzinho da Argentina, Chile e Peru, lembro-me de você como na primeira vez que te vi em um quadro do colégio, ao lado de um quadro de Perón, os dois montados em cavalos brancos.</p> <p>Querido San Martín, agora que me descobri, duzentos anos depois, apaixonado por você, muito além e mais alto do que as cordilheiras chilenas e inclusive todo o céu do Chile (que é uma mentira), quero te dizer, já para concluir esta carta carmesim de uma garota atemporal apaixonada, que a revolução segue de pé. E acima de tudo segue em mim, novo libertador da América, da música e da linguagem. Segue em mim através do cê, que docemente reencarnou em meu espírito.</p> <p>Sei bem dentro de mim que, se ocê vivesse nessa época seria um cucurtiano. Por ora, te trago à realidade através do véu mágico e comercial da editora argentina, o livro.</p> <p>Para todos os mentirosos, desconfiados e mal-informadas que não sabem uma vírgula da história nem te aceitam como bicha, nem que você tenha colocado o corpo na Revolução de Maio (isto não aparece nem em um livro de história de todos esses livros de brancos que se dedicam a derrubá mitos). Os intelectuais que são referências do nosso passado, os grandes escritores de best-sellers, te negam categoricamente. Se cegam à liberação política e sexual que sua vida e sua luta significaram. Contra eles é este livro. E contra a ignorância que existe ao seu redor, tanto a do sertanejo professor rural com barba guevariana, quanto a do presidente da República Bolivariana da Venezuela, senhor Hugo Chávez Frías (o ouvi dizê verdadeiras besteiras sobre ocê).</p> <p>Por fim, me despeço com um sorriso de duas caras, astúcia de um comedô de putas que descobriu seu homem; te mando um beijo com saliva de um infame tocadô de péssimos sambas, de tigrão.</p>
---	---



descubrió su hombre; te mando un beso con saliva de guitarrero infame de zambas berretas, de gavián de tierras malas.	
---	--

## 5 ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

A tradução é uma atividade complexa que envolve a transposição de um texto escrito em uma língua para outra língua, buscando preservar certos sentidos presente em sua estrutura gramatical e o diálogo permanente entre texto de saída e texto de partida. Esse processo tem implicações profundas, tanto no nível linguístico e cultural quanto no contexto das relações de poder entre as diferentes línguas e culturas envolvidas. Ao traduzir, quem o faz se depara com desafios permanentes que envolvem a reescrita como forma de negociação.

Umberto Eco (2003) explora a natureza da tradução, argumentando que o ato de traduzir envolve uma negociação constante entre o que é dito no texto original e o que pode ser dito na língua-alvo. Nesse processo, quem traduz precisa fazer escolhas cuidadosas sobre como reescrever o texto para que ele faça sentido, não transmita mensagens equivocadas e dialogue com público-alvo (BLUME e PETERLE, 2013).

No processo tradutório, para além do cunho político, social e cultural que o envolve, é preciso considerar o emaranhado de possibilidade e decisões impulsionadas pelas escolhas tradutórias que a/o tradutora/tradutor deve realizar ao se deparar com a transposição de signos durante sua tradução.

Destaco que traduzir não é e não pode ser apenas uma realocação de sinais e significantes de um lugar para o outro como um se o texto fosse uma troca palavras. A tradução é como um tabuleiro de xadrez, logo exige que as palavras, elementos centrais do jogo linguístico, se movimentem de um lado a outro, mas com estratégias tradutórias que faça sentido para a tradução e para quem irá lê-la. Em compreensão com Werner Heidermann (2010), o autor enfatiza que traduzir não é apenas uma questão de substituir palavras em uma língua pela outra, mas também de encontrar a melhor forma de comunicação para o público-alvo, adaptando o texto às suas expectativas culturais e linguísticas.

É importante que a tradutora/or considere seu texto como uma ponte comunicadora que fará interligações culturais diversas. Sobre essa conexão entre povos, Paul Ricoeur (2011) aborda a tradução como um encontro com o estrangeiro, uma forma de diálogo intercultural que permite a troca de ideias e experiências entre diferentes comunidades linguísticas. Ele destaca a importância do respeito às culturas envolvidas no processo de tradução e a necessidade de evitar a imposição de uma cultura sobre a outra, usando a tradução como forma mantenedora de poder.

Seguindo essa linha de pensamento entre tradução como forma de poder, Blume e Peterle (2013), *Tradução e Relações de Poder* apontam como a tradução pode ser usada como uma ferramenta de poder, influenciando a percepção e a interpretação de textos estrangeiros de acordo com as ideologias e interesses dominantes em uma determinada cultura. A tradução, portanto, é uma atividade política e socialmente carregada, que pode reforçar ou desafiar as hierarquias culturais existentes.

Em suma, a tradução é um processo intrincado que envolve reescrita como negociação e substituição no jogo de palavras, buscando equilibrar o texto original com a compreensão e a adequação cultural na língua-alvo. Além disso, a tradução é um encontro com o estrangeiro, uma oportunidade de promover o diálogo intercultural e o entendimento mútuo. Porém, também é importante reconhecer que a tradução é influenciada pelas relações de poder, o que torna essencial abordar a atividade de forma crítica e consciente das suas implicações políticas e culturais.

Por outro lado, a tradução e as necessidades de conhecimento para embasar as escolhas tradutórias pode ser experienciada de forma muito rica por quem traduz, pois, exige muita leitura, horas a fio de pesquisas linguísticas, embasamento teórico, apropriação do contexto histórico do texto de partida e, sobretudo, a aquisição do conhecimento sobre o texto que se traduz.

Conforme a linguagem usada no texto de partida e ao que se pretende transpor à língua de chegada, a/o tradutora/or irá enfrentar muitos desafios ao se deparar com conceitos que não existem na língua de chegada, no caso dessa dissertação, o português. À vista disso, ao procurar na língua de chegada por uma estrutura ou palavra na língua de partida, a/o a tradutora/o precisa ter a capacidade de realizar uma tradução que ajuste e reelabore questões sintáticas ou morfológicas presentes entre as duas línguas. Assim, uma das grandes tarefas de quem traduz é realizar uma pesquisa dentro de outras pesquisas, considerando as necessidades os desafios presentes nos textos de partida e de destino.

No caso dos textos de partida e de chegada serem estruturados e escritos em uma linguagem muito específica, singular como a linguagem marginal escrita como se fosse falada, os desafios tradutórios são ainda maiores. Nesse caso, a tradutora/or precisa se ater mais ao sentido, ideológico e político desses textos do que à gramática propriamente dita. Portanto, só a partir de uma minuciosa análise textual será possível compreender a teia polissêmica de sentidos que articula as operações interlinguais e intralinguais de uma linguagem que fala por si mesma, o caso do português.

Embora eu tenha me dedicado horas a fio às leituras e pesquisas no campo da tradução, buscando estratégias que me auxiliassem nas escolhas tradutórias para meu objeto de pesquisa, só consegui pensar em saídas depois que entendi o contexto histórico, social e cultural que estava marcado nas entrelinhas do meu texto de partida. O primeiro caminho que decidi seguir foi manter a coloquialidade presente na linguagem popular brasileira. Em minhas traduções decidi, estrategicamente, quebrar o engessamento imposto pela gramática normativa ao texto escrito em espanhol.

Quadro 4 Exemplo de tradução ao português

Texto de partida	Texto de chegada
Hoy sos “el faro, el guía, el Libertador y procer de América”, en los libros de historia y en la boca de los políticos revolucionarios de izquierda.	hoje é “o farol, o guia, o Libertadô e pai fundadô da América”, nos livros de história e na boca dos políticos revolucionários de esquerda.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Se no texto fonte os verbos aparecem no infinitivo, optei conscientemente por modificá-lo, deixando sua estrutura semântica com marcas da coloquialidade ao sacar o infinito dos verbos na língua de partida. Por outro lado, acrescentei um acento na última sílaba do verbo como estratégia de aproximação da linguagem oral tal qual é o português. Dessa maneira, acredito que estabeleci uma conexão com o público falante do português e ao mesmo tempo afastei minha tradução da rigidez estabelecida pela escrita normativa.

De certa maneira, minha tradução possibilita às/os leitoras/ores que comungam com a linguagem periférica o acesso a um texto descolonizado, além de conceber um português totalmente coloquial que transforma ao ser transformado.

Sob o prisma da liberdade de traduzir com um ato de reescrita, considero essa licença como um movimento que nos leva a repensar a língua portuguesa como um território em constante movimento, no qual diferentes vozes e expressões se entrelaçam, criando uma linguagem plural e dinâmica. Da mesma forma, o trânsito entre manifestações linguísticas plurais questiona as noções de pureza linguística e coloca em evidência a capacidade da língua de se reinventar e se adaptar às necessidades das comunidades que a utilizam.

Nesse sentido, é fundamental pensar a língua portuguesa como uma ferramenta a serviço da construção social coletiva, além de ser uma janela aberta a múltiplas possibilidades e influências que refletem a riqueza cultural e identitária das comunidades que a utilizam. Ao tender para uma tradução que adota registros linguísticos que ampliam os contextos comunicativos e valoriza a linguagem coloquial, concomitantemente, permite que eu,

enquanto tradutor, acerque o leitor que se identifica com esse tipo de linguagem à própria realidade.

Não obstante, por entender a importância de se considerar implicações existentes no ato de traduzir, inclinei-me por preservar termos e palavras como “quilombo” e “samba”, presentes no texto de partida e de chegada, considerando principalmente a força desses termos no contexto político, cultural, histórico e linguístico que eles carregam.

No caso de “quilombo”, ciente que a palavra no espanhol tem um significado pejorativo que remete à bagunça, a coisa de preto, à sujeira, como mostra o quadro abaixo, decidi mantê-la em português por entender que seu peso linguístico, histórico, perpassa questões semânticas e se ancora no campo da simbologia, da ideologia, da representatividade da resistência negra brasileira.

Quadro 5 Exemplo de tradução ao português

Texto de partida	Texto de chegada
El <b>quilombo</b> era cada día más intenso y de un día para otro se cerró la puerta del comedor y quedamos en el patio, a la intemperie.	O <b>quilombo</b> ficava mais intenso e de um dia para o outro a porta da sala de jantar se fechou e a gente ficou no pátio, no relento.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Para além disso, no conto Dama Tocada, subentende-se que o autor usa a casa tomada como um espaço de resistência dos personagens centrais que são negros contra a branquitude, da África contra a coroa espanhola como um ato político.

No caso da tradução presente nessa dissertação, ao transpô-la para outra língua foi importante manter a carga política presente na minha escrita, tal como na escrita cucurtiana. Ao que se refere à escrita Washington Cucurto, além de me atentar pelo cunho político existente em seus textos, os maiores desafios foram transpor para o português a forma particular que o autor escreve. O uso abundante de gírias tomadas do lunfardo, a burla presente nas narrativas e o uso de erotismo em demasia tornou minhas pesquisas tradutórias em intermináveis provocações que me instigaram a buscar estratégias que reportassem à originalidade do autor. O contexto da obra também me desafiou.

É inegável que o ato de traduzir seja um trabalho para além da transposição de palavras: ele é um ato intelectual cercado por caminhos tradutórios éticos que apontarão o que, para que, porque e como traduzir. Claro que não pode e não deve ser um processo rígido, quadrado, onde quem traduz tenha que trabalhar cercado de regras que impeçam o uso do

conhecimento adquirido para a tradução, pormenorize ou neutralize sua experiência como tradutora/o e tolha a liberdade que o exercício tradutório outorga. Porém, não se pode esquecer que traduzir é, sim, um ato que se curva a um código ético estritamente fechado que não permite criar e/ou fazer uso de falsas informações, cerceamento dos fatos e achismos, por parte de quem traduz. Esse é um ofício que exige o mínimo de profissionalismo, cuidado e respeito com as culturas e com os leitores do texto de partida e de chegada. Além das questões sociopolítico- culturais, traduzir é transpor barreiras linguísticas para dar voz, visibilidade a realidades que serão interpretadas e tomadas como verdade, a depender do teor de informação que a tradução levar.

Logo, traduzir um texto é criar pontes, é acessar culturas, é trabalhar com o conhecimento e com a informação. Acredito que a tradução que prima somente pelos aspectos linguísticos, gramaticais e não preserva algumas singularidades do autor, dos textos de partida e chegada e do público leitor pode prestar um desserviço para o campo literário. Uma tradução equivocada ou tendenciosa, pode deturpar obras, apagar autoras/es, distorcer linguagens e suprimir histórias. Ao se reescrever um texto é preciso negociar, entender e preservar determinados sentidos que as terminologias empregadas trarão à tradução.

Nessa linha de pensamento, Blume e Peterle (2013, p. 13) aponta que

uma tradução é o resultado de um intenso e imbricado processo de interação e troca, negociação, é uma reescrita, Como toda reescrita, percorre um caminho marcado por aspectos culturais e ideológicos, que podem ser, de alguma forma, identificados e recuperados no “produto” final por meio dos inúmeros traços, vestígios e rastros que permanecem na página.

Dessarte, ao traduzir Cucurto para outras línguas, o caso do português/pretuguês, possivelmente amplia o alcance de suas mensagens e leva ao público internacional temas importantes, como a exclusão social, a violência urbana, a pobreza, a corrupção e a intolerância deixada pelo colonizador. Além disso, sua escrita, uma mistura de elementos da cultura popular com referências à literatura universal, pode ajudar a promover a diversidade cultural e a valorização das vozes e das narrativas não-hegemônicas dentro e fora do contexto argentino.

No âmbito brasileiro, a tradução da obra de Cucurto pode ter um impacto ainda mais significativo, já que o país possui uma grande população negra e tem uma história de apagamento das vozes negras na literatura que podem ser aproximadas ao que ocorre em terras argentinas. Além disso, a tradução da sua obra pode ajudar a promover um diálogo intercultural mais amplo e inclusivo, que valorize a diversidade cultural e a troca de

conhecimentos entre diferentes povos e culturas. Pensando no viés político, a tradução pode ser uma forma poderosa de engajamento na luta contra o apagamento do escritor/a negro/a e da escrita marginal.

Assim, foi importante que no meu papel de tradutor eu deixasse o uso da linguagem formal de lado, mantendo o texto mais perto possível da linguagem suburbana brasileira. Para isso, foi necessário estudar a cultura argentina e latino-americana, além de atentar-me para o uso das gírias e expressões coloquiais no português brasileiro sem perder o impacto do texto de partida.

Além disso, considerei os aspectos específicos da linguagem como a pontuação e o uso de expressões idiomáticas e neologismos. Acredito que esses aspectos podem afetar a compreensão e a interpretação das obras de Cucurto.

Outro desafio que enfrentei foi a adaptação de referências culturais e históricas que aparecem nas obras de Cucurto. Como a cultura argentina é bastante diferente da cultura brasileira, foi preciso uma pesquisa intensa acerca dessas referências para adaptá-las de forma adequada ao público brasileiro sem comprometer o texto de partida, embora eu tenha tido o cuidado de pavimentar meus caminhos tradutórios com barro linguístico extraído do “pretuguês”. Portanto, minhas escolhas tradutórias partiram de uma perspectiva descolonizadora que prezou pela fala, pelos rostos e pelos corpos pretos que a literatura branca excluiu e segue excluindo.

Na sequência, apresento elementos da cultura argentina que foram essenciais no trabalho de tradução realizado nessa dissertação, a saber: o Lunfardo, o racismo, o conceito de história silenciada, o Tango e a Cumbia. Por isso, os comentários de minha tradução serão realizados em 4 apartados: 5.1 O lunfardo, a linguagem popular e o pretuguês; 5.2 O racismo e o sexismo nas literaturas brasileira e argentina; 5.3 A revisão da história; 5.4 A cumbia e o tango.

### **5.1 Lunfardo, a linguagem popular e o pretuguês**

O lunfardo é um dialeto popular argentino que se originou na região do Rio da Prata, em Buenos Aires, no século XIX. Seu vocabulário, bastante peculiar, surgiu da mescla de diferentes culturas e línguas presentes na Argentina, especialmente influenciado pelas comunidades de imigrantes italianos e espanhóis.

Sobre a forte influência italiana no lunfardo, Casas (1991) explora essa ação italianística no Lunfardo, mostrando como essas palavras e expressões italianas foram incorporadas à linguagem argentina e posteriormente à literatura, enriquecendo o léxico local.

À época, era o linguajar usado pelos imigrantes que chegaram a essa região. Posteriormente ele ganhou força e foi incorporado à literatura argentina, onde muitos autores souberam aproveitar sua riqueza semântica e metafórica. ao retratar a vida nas ruas e nos bairros populares de Buenos Aires através da poesia, dos contos e da música, por meio do tango. Sua singularidade linguística fez com que a linguagem presente em sua estrutura encontrasse espaço nas mais diversas formas de arte.

Sobre a difusão lexical do Lunfardo no espanhol portenho é notável como sua influência tem sido estudada cada vez mais. Lorenzino (2016) aborda a disseminação do Lunfardo no popular espanhol de Buenos Aires, destacando como sua gíria transcende as fronteiras sociais ao penetrar em diferentes esferas da sociedade.

Portanto, o lunfardo representa um fenômeno linguístico fortemente moldado pela presença desses imigrantes e suas línguas maternas, tornando-se uma expressão característica das classes populares nas cidades argentinas de relevância histórica e contínua influência para a literatura marginal. Suas implicações literárias têm raízes profundas no próprio desenvolvimento dessa gíria urbana ou dialeto que ainda nos dias de hoje é falada pela população periférica da capital argentina, principalmente, além de outras partes do país.

Em conclusão, o Lunfardo desempenha um papel de destaque na literatura argentina, servindo como veículo de expressão das experiências e identidades das camadas populares. Sua origem nas comunidades de imigrantes, juntamente com suas implicações culturais e emocionais, confere a essa gíria um valor inestimável para os escritores, possibilitando a criação de narrativas autênticas e profundamente conectadas com a vida nas áreas urbanas da Argentina

Sobre sua representatividade na literatura argentina, Washington Cucurto é um dos autores que utiliza o lunfardo em suas obras, criando uma linguagem própria para representar a cultura e a identidade dos bairros populares de Buenos Aires. Em seus textos, Cucurto explora o lado perverso da vida urbana, retratando personagens marginais e problemáticas sociais, como a pobreza, o sexo, a violência em suas várias formas e a marginalização da/o negra/o e dos imigrantes não brancos. A marca lunfardiana na escrita do autor argentino pode ser percebido ao ser tomadas como exemplo as palavras “yotivenco”, “minas” e “yotis” com aponta o quadro abaixo.



Quadro 6 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
En la ribera del Riachuelo, con unos negros vivíamos en un <b>yotibenco</b> , por supuesto, amigos, distaba mucho de los <b>yotis</b> de chapas colorinches que un siglo después se popularizaría entre los inmigrantes calabreses y apolitanos que llegarían desde Europa imperial a la América castiza y virgen.	Na beira do Riachuelo, a gente morava com uns negro em um <b>cafofo</b> , craro, amigos, estava longe dos <b>barracos</b> de pracas coloridas com cores descombinadas que um século depois se tornaria popular entre os imigrantes calabreses e napolitanos que chegariam da Europa imperial à América pura e virgem.
Es increíble la patología sexual de algunas <b>minas</b> , cómo se calentaban con los esclavos, lo prohibido, el fruto intocable, pues aquella a la que se descubriera sobándole el tronco a un negro era quemada viva, como en la época de la Inquisición.	É incrível a patologia sexual de algumas <b>mina</b> , como se esquentavam com os escravos, o proibido, o fruto intocável, pois aquela que fosse descoberta fudendo com um negro era queimada viva, como na época da Inquisição.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A literatura de Cucurto, assim como o lunfardo, é marcada pela mistura de diferentes linguagens e culturas, refletindo a diversidade cultural da Argentina. Em suas obras, ele utiliza uma linguagem coloquial, repleta de gírias e expressões idiomáticas típicas do lunfardo, que conferem autenticidade e verossimilhança às suas histórias.

No conto Dama tocada, a tradução da linguagem coloquial do castelhano platense, permeado pelo lunfardo, me custou bastante pesquisa e me trouxe alguns desafios ao transpô-la para a linguagem coloquial brasileira: o caso das gírias.

Minha inspiração para a tradução do coloquialismo portenho para o português foi a linguagem popular usada em alguns lugares periféricos em boa parte do território brasileiro. No que tange às minhas traduções, é possível perceber nitidamente que elas estão bem-marcadas pelo uso do “a gente” em lugar do pronome pessoal na primeira pessoa do plural “nós”. Acredito que tal escolha tradutória conferiu uma brasilidade coloquial ao texto.

Outro ponto que marca o cunho coloquial na tradução que fiz também tem a ver com a marca do pronome “você” em lugar do pronome oblíquo “lhe”, presente no texto de partida.

Quadro 7 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Nos daba pena la idea de saber que <b>permaneceríamos</b> ahí por unas horas y al final, como nos pasa siempre, <b>seríamos</b> expulsados de la historia con una buena patada en el culo.	<b>A gente</b> sentia tristeza com ideia de saber que <b>a gente</b> ficaria ali por umas horas e no final, como sempre acontece, <b>a gente</b> seria expulso da história com um bom chute no rabo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na gramática do português brasileiro, o uso do pronome “a gente”, uma locução pronominal formada pelo artigo definido feminino “a” e pelo substantivo “gente”, é indicada para ser usado como “eu”, incluindo uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. “A gente” não é plural de “eu”, mas apenas se refere a “eu” e ao mesmo tempo é plural, já que envolve o “eu” interlocutor e o “eu” outra(s) pessoa(s). Essa expressão carrega, semanticamente, uma equivalência ao pronome pessoal reto nós e gramaticalmente também equivale ao pronome pessoal reto ela.

Sabendo disso, justifico minha escolha tradutória pelo “a gente” em lugar do “nós”, exatamente pela carga informal, coloquial que empresta à tradução. Essa escolha tradutória é justificada pelo fato de o texto em questão não ser formal e pelo objetivo deste trabalho de tradução, que é exatamente trazer para o texto traduzido uma linguagem oralizada e popular, descontraída e espontânea, semelhante ao uso cotidiano do brasileiro.

A crítica Eneida Maria de Souza (2002) argumenta o quanto pode ser enriquecedor para a literatura o intercâmbio entre escritores distanciados no tempo, desde que eles sejam sujeitos ativos dentro do mesmo universo literário. Nesse sentido, entende-se que o papel do tradutor também pode ser muito profícuo para as literaturas e para as linguagens invisibilizadas pelo nada heterógeno campo literário, se o papel representado por ele for interseccionar línguas/linguagens, separadas pela marginalidade imposta arbitrariamente pelo desejo, também arbitrário do colonizador, devolvendo aos falantes a liberdade de oralizarem suas vivências como bem quiserem.

A língua/linguagem não são signos/significados estáticos, normativos, mas devem cumprir o papel para o qual vieram: romper barreiras, recusar-se a serem deixadas entre margens e encerradas em fronteiras.

#### Quadro 8 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Como <b>les</b> decía, tremendísimo, cien puntos de reiting eran los que tenían los negros con las minas. Y ni <b>les</b> cuento, ¡o sí!	Como dizia pro <b>cês</b> , poderosíssimos, <b>cheio das moral</b> eram os negros com a mulheres. E nem conto <b>pro cês!</b> Ou sim!

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Ao optar pelo uso do “ocê” ou “cês”, formas regionais de “você” [que segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) são usadas em Cabo Verde e no Brasil, respectivamente], em lugar do “lhe”, e pela preposição reduzida “pro”, que também pode ser classificada como popular e também é muito usada na forma oral do português brasileiro, em

lugar da preposição “para”, assumo uma ideologia tradutória do lugar comum a um tradutor negro, periférico, que sempre viveu à margem e que, portanto, traduz de uma forma particular, subjetiva e descolonializada que parte das próprias vivências.

Acredito que o olhar particular de um tradutor que transcreve valorizando o falar com os pares em lugar de falar para os pares, reforça a reflexão em torno da necessidade de se traduzir com representatividade, revelando ao mundo a força da tradução marginal. Como assinala Michel Foucault (2004, p. 156), “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. Para além disso, me inclinei pela escolha de “cheio das moral” por entender que essa é uma fala extremamente representativa da malandragem representada por Washington Cucurto em conto: Dama Tocada coloca, sobretudo, um dialeto que faz parte do universo que cresci e vivi por quase toda a minha vida: o gueto.

Compreende-se que a escolha de termos “pretuguês” como “pro cês” ou “pro cê” e de gírias como “cheio das moral”, conchama a/o leitora/o para uma reflexão muito mais ampla em torno de uma linguagem culturalmente presente em nosso cotidiano. Entretanto, se silenciadas, nossas vozes escritas ou faladas, dificilmente despertarão nossa consciência sobre a poderosa conexão entre línguas e dominação. É preciso entendermos a urgência em reivindicar a língua como um espaço onde nos tornamos sujeitos em lugar de sujeitados.

#### Quadro 9 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Se estrellaban contra los barrotes de la libertad. Descontrolaban que daba asco, <b>joda, joda y concha.</b>	Se chocavam contra as grades da liberdade. Descontrolavam que dava nojo, <b>meteção, meteção e buceta.</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A narrativa cucurtiana é permeada por uma escrita sexualizadora, cheia de erotismo que, para os literatos tradicionais, beira o vulgar. Cucurto está sempre direcionando seus personagens para uma orgia interracial, cultural e linguística, quebrando com todos os costumes e regras da escrita convencional. Seu personagem central e o próprio San Martín protagonizam cenas dignas de Calígula ou das festas sexuais promovidas em nome de Dionísio. Assim, ao traduzir o trecho acima, não me veio à mente buscar outra palavra que substituísse “meteção” e “buceta”, dois termos muito populares que representam o ato sexual e o órgão genital feminino na língua falada, principalmente, pelas camadas mais baixas. Penso que manter a palavra “foda” ou escolher “perereca”, por exemplo, não teria o peso da fala marginalizada usada nos botequins, nas rodas de conversas masculinas sobre sexo, na rua e

nos guetos. Presumi que a opção por perereca ou foda retiraria a carga semântica marginal, popular e libertadora existente nas palavras “meteção” e “buceta”.

Logo, ressalta-se que a tradução é um dispositivo de libertação verbal, racial, cultural, sexual que pode colaborar com a releitura da literatura nacional, se caracterizada por uma visão interseccional, interlinguística e interracial, livre do preconceito que a classifica a linguagem popular puramente como a forma de se comunicar daqueles/as que não sabem falar o português brasileiro. O nome que se dá a esse fenômeno é “preconceito linguístico”.

Quadro 10 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Tenían de noviecitos a <b>dos boludos</b> que se pasaban el día leyendo literatura francesa. <b>Unos manes</b> aburridos del ocio, unos tipos que hablaban cosas raras, y hasta medio putos.	Tinham como namoradinhos <b>dois vacilão</b> que passavam o dia lendo literatura francesa. <b>Uns mané</b> cansados do ócio, uns tipos que falavam coisas estranhas, e até meio viado.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na tradução do trecho destacado acima, tendeu-se pela coloquialidade e pelo uso das gírias, por considerar que dessa forma os movimentos linguísticos presentes na forma popular, marginal — específica de um determinado grupo de falantes — seria ressaltada. Além de atentar-se para o não apagamento linguístico cultural, omitiu-se, pelos mesmos motivos, a marca do plural presente no substantivo que segue o numeral “dois” e “uns”, deixando “vacilão” em lugar de “vacilões” e “mané” em lugar de “manés”. Assim, procurou-se acercar a tradução da forma mais genuína que se usa nos meios que o fenômeno ocorre.

A predileção por “viado” em lugar de manter-se “maricas”, se justifica por dois motivos; primeiro, por manter a forma com o termo é usado massivamente no português brasileiro, e, em segundo, para a marcar a homofobia e o machismo presentes no vocabulário de falantes do português.

## 5.2 O racismo nas literaturas brasileira e argentina

Ao longo da história ocidental, sempre houve mulheres que se rebelaram contra a condição que as marginava, buscando sua liberdade e, muitas vezes, enfrentando consequências graves, inclusive a perda de suas vidas. No contexto religioso cristão, a Igreja Católica inquisidora foi implacável com todas as mulheres que se opuseram aos dogmas estabelecidos por ela. Essa realidade começaria a mudar com os primeiros movimentos

feministas, no século XIX, quando as mulheres passaram a se organizar em busca de seus direitos.

As discussões sobre a representação das mulheres em espaços políticos, administrativos e literários, bem como os debates sobre a ausência feminina nesses campos, têm sido temas abordados por diversos autores. Neusa Santos Souza (2021) discute a ascensão social do negro brasileiro e as vicissitudes da identidade, sem deixar de abordar as questões de gênero e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade.

María Lugones (2020) traz reflexões sobre a colonialidade e gênero, destacando como as estruturas coloniais impactam a posição das mulheres em diferentes contextos. Além disso, em seu artigo "Rumo a um feminismo descolonial" (2014), Lugones discute a necessidade de um feminismo que vá além da visão eurocêntrica e considere as experiências das mulheres em contextos coloniais.

Nesse sentido, Cida Bento (2022) contribui com sua obra *Pacto da Branquitude*, abordando as dinâmicas de poder e privilégio que permeiam a sociedade brasileira, evidenciando como a branquitude atua na manutenção das desigualdades raciais e de gênero.

Essas referências permitem uma compreensão mais ampla das questões relacionadas à representação das mulheres e aos debates sobre sua ausência em espaços políticos, administrativos e literários. As obras abordam a interseccionalidade entre raça, gênero e poder, ressaltando a importância de uma abordagem decolonial e feminista para promover a igualdade e a inclusão de todas as mulheres.

A reflexão de Barthes (1999) sobre o sujeito que fala no lugar de outro e as questões relacionadas ao direito à existência de vozes diversas são motivos que têm levado estudiosos da literatura, escritores e escritoras a se engajarem cada vez mais com essas temáticas. Esses movimentos buscam ampliar a representatividade e promover o reconhecimento das vozes das chamadas minorias, que muitas vezes são silenciadas e privadas do papel de agentes da própria ação. Ao compreender as dificuldades enfrentadas em seu lugar de fala, esses coletivos minorizados encontram apoio e fortalecimento para reivindicar seu espaço na sociedade, contribuindo para uma maior diversidade e inclusão nas narrativas e expressões artísticas.

Pensando em um contexto mais amplo, para Anne Phillips (1995, p. 6)

[...] é concebível que homens possam substituir mulheres quando o que está em questão é a representação de políticas, programas ou ideais com os quais concordam. Mas como um homem pode substituir legitimamente uma mulher quando está em questão a representação das mulheres por si? É concebível que pessoas brancas substituam outras, de origem asiática ou africana, quando está em questão representar determinados programas em prol da igualdade racial. Mas uma

assembleia formada só por brancos pode realmente se dizer representativa, quando aqueles que ela representa possuem uma diversidade étnica muito maior? Representação adequada é, cada vez mais, interpretada como implicando uma representação mais correta dos diferentes grupos sociais que compõem o corpo de cidadãos.

Embora Phillips trate da representação política em seu contexto, sua argumentação pode ser aplicada para compreender o cenário literário predominantemente composto por escritores brancos, que não possuem a legitimidade necessária para representar adequadamente a literatura feminina, marginalizada e/ou afro-brasileira. Na mesma direção, a literatura canônica argentina, ao longo do século XIX, construiu uma representação das relações interétnicas a partir de um lugar de enunciação racista.

A escritora Conceição Evaristo aponta que "a nossa literatura é racista porque a nossa sociedade é racista" (EVARISTO, 2018, p. 119). Evaristo ressalta que a literatura brasileira tem uma longa tradição de apagamento das vozes e perspectivas negras, relegando esses escritores e personagens a uma posição marginalizada dentro do cânone literário.

Na busca pela suposta supremacia branca, os relatos literários da nação massivamente escritos por homens públicos se entrelaçam. Esse discurso dominante, que influencia as políticas literárias e o Estado argentino, será confrontado por um discurso alternativo, escrito por mulheres, que desafia os preconceitos. Por exemplo, nos romances de Eduarda Mansilla, escritora argentina do século XIX, podemos encontrar uma perspectiva que expõe esses preconceitos. Assim, a produção literária feminina contribui para desconstruir as operações segregacionistas presentes na literatura argentina. Esse processo de desconstrução se intensifica ao longo do século XX, à medida que a literatura argentina começa a confrontar o impacto do movimento peronista Bocco (2016).

Segundo o autor argentino Washington Cucurto, em entrevista para o jornal *El País*, "a sociedade argentina é muito racista e não tem consciência disso", o que acaba refletindo na literatura (ALVARADO, 2019, n.p.). Já no contexto brasileiro, Conceição Evaristo afirma que "o racismo estrutural, a pobreza, a miséria são tão gritantes, tão presentes na nossa sociedade que, por mais que queiramos negá-los, eles estão aí, presenteando-nos, muitas vezes de forma cruel e desumana" (EVARISTO, 2016, p. 19).

Ressalta-se que ao longo da história, a sociedade eurocêntrica patriarcal moldou as mulheres de modo a garantir um casamento vantajoso, a maternidade, o papel de esposa e os cuidados familiares. Em contrapartida, os homens desfrutaram de maior liberdade para aproveitar a vida, se aventurar no domínio público e exercer qualquer ocupação que lhes

interessasse. Por essas e outras razões, as mulheres foram sistematicamente impedidas de escrever.

Assim, tornou-se praticamente impossível estabelecer e reconhecer grupos de escritoras e ainda mais difícil conhecer seus pensamentos e análises literárias, uma vez que, ao longo de muitos séculos, foram sistematicamente impedidas de formar grupos críticos literários. Se uma dessas escritoras fosse negra e pobre, enfrentaria desafios adicionais como ter que lutar para ser reconhecida como ser humano, em vez de ser tratada como um fardo a ser descartado em becos e vielas. No caso da escritora negra Carolina Maria de Jesus<sup>19</sup>, em quase todas as passagens de sua escrita, é evidente o sentimento de inferioridade experimentado por ela. Em relação ao seu lugar como mulher negra marginalizada que sempre alimentou o sonho de ser uma escritora reconhecida por um mundo literário dominado por homens e brancos, em uma das passagens de seu livro *Quarto de despejo* (1994) a autora expõe o preconceito, o machismo e o sexismo que enfrentou por parte do patriarcalismo literário.

Sobre esse episódio, Jesus (1996, p.2) relata:

[...] Eu disse: o meu sonho é escrever!  
 Responde o branco: ela é louca!  
 O que as negras devem fazer...  
 É ir **pro**<sup>20</sup> tanque lavar roupa.

Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras no Brasil, é o protótipo da mulher, escritora e preta que precisou ter muita coragem para enfrentar o sexismo existente no meio literário. Embora sua trajetória literária tenha sido tão rápida quanto a passagem de um meteoro, a autora deixou uma enorme contribuição para a literatura marginal produzida sob o prisma feminino. A autora conquistou seu lugar em um período em que era praticamente impensável para uma mulher negra de classe social miserável alcançar reconhecimento no mundo literário. Até meados do século XX, esse universo literário era praticamente inacessível, até mesmo para as mulheres brancas de "boa família". Portanto, uma

---

<sup>19</sup> Apesar de Carolina Maria de Jesus ter sido uma das primeiras escritoras negras reconhecida em seu tempo, mais de um século antes, Maria Firmina dos Reis (1822-1917) tornou-se a primeira escritora negra a ganhar notoriedade no mundo literário durante o século XIX. Negra e bastarda, como ela mesma se definiu, confrontou o pensamento etnocêntrico ligado à escravidão, questionou o papel da mulher e do indivíduo negro em uma sociedade branca e sexista e procurou a liberdade nas palavras ao produzir *Úrsula*, obra importantíssima no combate ao período escravista brasileiro. Entretanto, mesmo depois de demonstrar um talento ímpar para a escrita e haver se transformado em uma das mais notáveis autoras negras, Maria Firmina dos Reis, tal como Carolina Maria de Jesus, ainda permanece à margem da tradição literária brasileira. (PEREIRA, 2019, p. 16-17).

<sup>20</sup> No trecho citado acima, evidencia-se o uso do “pretuguês”, marcando a fala simples, coloquial, dotada de uma força linguística que só poderia vir de uma escritora que veio da favela.

mulher negra, pobre e moradora de favela, que sobrevivia coletando e reciclando lixo, tornar-se um fenômeno editorial era algo extremamente improvável.

Os autores Levine e Meihy (1994, p. 19) comentam que

[...] a trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher ‘de cor’, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente, isto não remete apenas a ela enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato. [...] Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi musa de causas coletivas. Houve um momento em que, ainda que de maneiras contraditórias e estranhas, ela cabia em todas as frentes e, ao mesmo tempo, não servia por longo período a nenhuma. Por isso é provável que tenha sido deixada por todos.

A rápida ascensão na carreira de Carolina de Jesus nos leva a refletir não apenas sobre as estatísticas editoriais, mas também sobre as barreiras culturais e sociais enfrentadas por muitas outras escritoras marginalizadas que nunca alcançaram o reconhecimento devido, devido ao campo literário hegemônico, que é dominado pela perspectiva branca e patriarcal. Assim, o surgimento de autores marginalizados e periféricos fortalece a representatividade não apenas de suas comunidades, mas também de si mesmos, formando uma voz coletiva e unida com uma carga política significativa, carregando consigo a vontade de expressar algo ao mundo. Na literatura marginal de Maria Carolina de Jesus, o livro é o próprio sujeito.

A continuação problematiza-se questões em torno do racismo, do machismo e do sexismo presente na literatura de Washinton Cucurto.

Ao que concerne a linguagem presente na obra de Washington Cucurto, não se pode pensá-la somente como artífice contra o racismo, a marginalização, a exclusão de vozes negras ou o cânone literário argentino. No caso do conto “Dama tocada”, a começar pelo próprio título, evidencia-se que suas narrativas são ancoradas por uma ótica masculina que endeusa o homem por meio do falo e ao mesmo tempo objetifica as mulheres e seus corpos. Ao retratar a figura feminina como meros brinquedos sexuais, a começar pela enxurrada de palavras e frases sexualizadoras e machistas usadas para se referir a elas, o autor assume explicitamente em sua obra o caráter sexista e machista.

No universo lingüístico de “Dama tocada”, palavras e frases como “concha”, “cogiendo a lo loco”, “siempre había unas mozuelas dispuestas a entregar el culo” ou “una buena verga del África” ilustram e reproduzem o universo perverso alimentado pela masculinidade hegemônica. Nele, cria-se uma atmosfera em que o corpo, o desejo e o gozo da mulher são submetidos ao desejo do homem. A subjugação e a violação feminina são combustíveis para alimentar o sarcasmo, a violência e a psicopatia masculina.



Como se não fosse pouco, em troca do puro prazer carnal a dama é tocada, violada e assassinada pela certeza da posse do homem sobre a mulher. Por isso, acredito que ao dissertar sobre a obra de Cucurto não poderia deixar de trazer meu olhar crítico e apontar o lado cruel, machista e sexista presente em sua obra.

Em se tratando do racismo, tradução e corpos sexualizados a tradução da literatura negra está intrinsicamente ligada à tradução não só da linguagem negra, mas também dos corpos negros. É preciso, portanto, considerar a tradução como um processo político e social, que deve levar em conta a diversidade cultural e a luta contra o racismo. Em muitas obras, o corpo negro é retratado como algo exótico, burla, carnavalização e sexualização, perpetuando estereótipos e reforçando a opressão desses grupos.

Com a linguagem periférica, usada massivamente pelas pessoas negras, o fenômeno do exotismo, da objetificação e do apagamento linguístico não é muito diferente do que acontece com os corpos negros.

Em conformidade com a escritora e pesquisadora Grada Kilomba, "o corpo negro é reduzido a um objeto de prazer, a um instrumento de produção, a uma coisa" (KILOMBA, 2019, p. 28). Essa objetificação pode levar a uma representação superficial e estereotipada dos personagens e pode reforçar o racismo e o sexismo presentes nas sociedades brasileira e argentina.

Os códigos linguísticos presentes na linguagem negra, popular, a exemplo das gírias, são tratados como menores, como marginais, como objetos de burla, em lugar de considerar a riqueza da sua origem etimológica das palavras e dos termos que as compõem.

A depender de quem traduz, esses códigos podem não ser ressignificados e novamente colonizados. Como oprimir a linguagem negra não é o caso aqui presente, portanto, essa tradução tem o interesse em demonstrar a rica influência africana intimamente presente na construção desses termos e palavras, como apontado no quadro abaixo:

Quadro 11 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
En la ribera del Riachuelo, con unos negros vivíamos en un <b>yotibenco</b> , por supuesto, amigos, distaba mucho de los <b>yotis</b> de chapas colorinches que un siglo después se popularizaría entre los inmigrantes calabreses y napolitanos que llegarían desde Europa imperial a la América castiza y virgen.	Na beira do Riachuelo, a gente morava com alguns negros em um <b>cafofo</b> , claro, amigos, estava longe dos <b>barracos</b> de placas coloridas com cores descombinadas que um século depois se tornaria popular entre os imigrantes calabreses e napolitanos que chegariam da Europa imperial à América pura e virgem.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Para traduzir o trecho acima considerei o contexto linguístico e semântico marginal que a palavra derivada do lunfardo “yotivenco” carrega, sendo a forma coloquial para casebre, cortiço ou barracos, derivado de *Conventillo*<sup>21</sup>. Portanto, na minha versão do pretuguês, elegi “cafofo”, por entender que a palavra mantém a marginalidade presente na linguagem periférica e por considerar a importante influência africana que a palavra empresta ao pretuguês.

Ressalto que, conforme o dicionário online de português<sup>22</sup> “cafofo”, palavra que provavelmente origina-se do kimbundo, tem em sua etimologia um significado que alude a um lugar onde eram presas as pessoas escravizadas, mas, com o tempo passou a significar lugar onde se mora. Neste sentido, minha escolha tradutória se ancora no afastamento do eurocentrismo branco, contido na etimologia da palavra “yotivenco”, já que esse é um termo que, apesar de periférico, nasce na fala popular dos imigrantes europeus que chegaram na Argentina no início do século XX. Por outro lado, mantive a carga da linguagem de protesto contida na palavra, empregada por Washington Cucurto para referenciar a linguagem utilizada pelas pessoas do subúrbio.

Segundo a tradutora e professora Yudith Rosenbaum (2006, p. 24), “a tradução não é apenas uma transferência de palavras de uma língua para outra, mas uma negociação complexa entre culturas e sistemas simbólicos”. Rosenbaum destaca que a tradução pode acabar apagando essas características, assim como as vozes e perspectivas negras.

Assim, é preciso levar em conta a importância da linguagem e da cultura negra, e evitar a objetificação do corpo negro na literatura. A tradução deve ser encarada como um processo político e social, que busca lutar contra o racismo e o sexismo, e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No que tange à transposição de uma língua a outra dentro da literatura negra, a tradução deve ser incorporada ao processo de visibilização das vozes das escritoras/es e personagens negros, considerando a importância da linguagem e das culturas afrodescendentes.

Ciente que este trabalho de dissertação investiga também a interseção de raça e sexualidade existente na obra objeto, me enveredei por escolhas tradutórias que mantivessem a linguagem coloquial que sempre esteve imersa no imaginário do leitor das baixas camadas. Ao mesmo tempo apostei em elementos linguísticos que subvertessem a narrativa cultural europeizada (fruto do embranquecimento histórico), contida na língua de partida e busquei

---

<sup>21</sup> Conforme o dicionário Lunfardo, a palavra yotivenco é uma versão popular usada para denominar Conventillo, uma espécie de cortiço italiano. Disponível em: <https://lunfardo.es-academic.com/16006/yotivenco>.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cafofo/>

aproximar minha tradução do português periférico ou como diz Lélia Gonzalez (1984), do “pretuguês”, termo criado por ela para ressignificar e marcar a africanidade do português brasileiro.

Quadro 12 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Pero antes de seguir hablando de la casa y los negros y los putos que son mi tema, <b>les</b> cuento cómo se aceleró la cosa: después del meteponga, con el vientre entumecido de semen afro, las dos conchetas aburguesadas nos querían <b>dar salida</b> para al instante, <b>meter</b> otros negros más.	Mas antes de <b>continuá</b> falando sobre a casa e os negros e veados que são meu assunto, contarei <b>pro cês</b> como as coisas se aceleraram: depois da meteção, com a barriga dormente com sêmen afro, as duas bucetas aburguesadas queriam <b>dispensá</b> a gente para, em seguida, <b>trazê</b> mais negros.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A musicalidade e o ritmo das línguas africanas trazidas para o outro lado do Atlântico, assim como a ausência de certas consoantes (como o L ou o R), indicam um aspecto pouco estudado da influência negra na formação histórico-cultural em especial do continente americano de fala portuguesa e espanhola. Tudo isso foi/é sistematicamente ocultado pelo véu ideológico do branqueamento e do preconceito linguístico eurocêntrico que oprime e classifica tais manifestações como erro gramatical e não como um movimento linguístico, inerente ao universo afrodescendente que, historicamente, carrega em seu DNA a influência linguística diaspórica.

Nos exemplos do quadro acima, comprova-se a interferência cultural africana na forma de falar presentes nas periferias brasileiras. No caso, evidencia-se a supressão do “r” nos verbos conjugados, “continuar”, “dispensar” e “trazer”, como uma opção encontrada para deixar a tradução mais perto da forma que se fala popularmente. Outra marca tradutória que deixei no trecho supracitado foi o uso do acento para marcar ainda mais o coloquialismo e para que não mudasse o sentido morfológico das palavras. Entende-se que, caso o acento não fosse usado, “continuá” se transformaria em “continua”, “dispensá” em “dispensa” e “trazê” em “traze”. Assim, as sílabas foram marcadas tonicamente e ganharam o sentido que a tradução demandou.

No caso da supressão do “a”, transformando a palavra em “pro” e do “v” em “você” para transformá-la em “ocê”, buscou-se a coloquialidade existente na linguagem usada informalmente, coloquialmente pelos falantes que dessa forma se pronunciam. Como já dito por Gonzalez (1984), e em um dos tópicos anteriores, o uso do “ocê” é uma marca muito própria do “pretuguês”.

Percebeu-se nesse trabalho de pesquisa e tradução que fenômenos linguísticos como o “pretugues” é uma ocorrência linguística que precisa ser apropriada pelos seus representantes legítimos: os falantes que dele fazem uso.

Por entender que a tradução é uma ferramenta que pode ser usada para ocuparmos espaços de representatividade, evoco Foucault (2002, p. 10) para dizer que, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar”.

Portanto, no meu papel de tradutor busquei dessacralizar e trazer à luz o jeito de falar de um povo que muito contribuiu/ui para a formação do português do Brasil: o caso do brasileiro afrodescendente, e assim, minhas escolhas tradutórias se ancoraram no questionamento à literatura branca normativa tradicional. Por isso, julguei importante sair do formalismo literário ao traduzir Washington Cucurto e modificar uma linguagem que é marca do personagem escritor – caso não fosse essa minha escolha, certamente apagaria uma característica destacada do sujeito escritor e, conseqüentemente do tradutor preto e periférico que carrega na linguagem a sua própria história.

Como destacado por Castilho e Nascimento (2021), a emergência de outras vozes na literatura brasileira, provenientes das periferias, traz consigo uma perspectiva única e enriquecedora, rompendo com padrões estabelecidos e trazendo à tona narrativas marginalizadas. Essa escrita periférica possibilita a expressão de vivências, lutas e anseios das comunidades periféricas, promovendo a valorização de suas identidades e culturas.

Sobre a mesma perspectiva da visibilidade e da quebra paradigmática com a literatura, hegemônica, a obra *Literatura e exclusão*, organizada por Dalcastagnè (2017), aborda a importância da literatura periférica como uma forma de dar visibilidade às vozes e histórias negligenciadas, representando uma resistência contra as estruturas de exclusão presentes na sociedade. Essa perspectiva literária busca desconstruir estereótipos, desafiar hierarquias e trazer à tona questões sociais e políticas relevantes para as periferias, sendo falada por quem viveu e vive o que está narrando.

Nessa mesma ordem, a obra *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*, organizada por Resende (2014), explora as diferentes possibilidades e potencialidades da escrita periférica no contexto brasileiro. Ela destaca como essa forma de escrita contribui para a construção de uma narrativa literária mais inclusiva, plural e representativa das múltiplas realidades presentes no país.

A partir das referências citadas acima, podemos concluir que a escrita periférica é fundamental para ampliar a diversidade e a representatividade na literatura brasileira, dando voz e visibilidade às comunidades periféricas e promovendo a desconstrução de estereótipos e hierarquias. Ela possibilita a expressão de vivências marginalizadas, contribuindo para uma narrativa literária mais plural, inclusiva e reflexiva sobre as realidades do país.

Assim, optei por deixar na minha tradução as marcas de quem reescreve, reconta, reconfigura o texto fonte através das histórias ouviu/e, que sentiu/e, do que aprendeu/e, do que viveu/e: sem a formalidade e conceitos pré-estabelecidos pela língua do colonizador.

Em síntese, é preciso desmistificar que a língua/linguagem deve ser fundamentada na ideia da existência de uma única forma para classificar qualquer língua: o caso das gramáticas ou das línguas registradas nos dicionários. Não podemos nos fixar na ideia de que a linguagem marginal que há muito é parte do português brasileiro seja conceituada como uma manifestação linguística vulgar que estupra o nosso português. Como aponta Bagno (2013, p.38), o preconceito linguístico contribui para que qualquer variante da língua portuguesa brasileira seja “considerada como incorreta, esteticamente desagradável, distorcida, rudimentar, inferiorizada e frequentemente ouvimos afirmações se referindo à determinadas variantes da língua portuguesa, principalmente as que são usadas pelas camadas mais baixas, como: "isso não é português”.

### 5.3 Revisão da história

Imerso nas questões raciais literária, culturais, pessoais e históricas, começo este aparato me questionando como dissertar sobre a revisão da história apresentada em meu objeto de pesquisa. Minhas experiências raciais traumáticas e minha subjetividade negra, marginal, me diz que devo começar apontando o papel discursivo nada essencialista usado por Washington Cucurto em sua obra.

Dois séculos depois da Revolução de Maio, movimento que culminou na independência da Argentina, se é que ela aconteceu, o autor nos conta sua versão da história. Cucu, apelido carinhoso usado por Santi, seu fiel amigo, começa questionando a história de um lugar invisibilizado, hermético, solitário, o quarto.

Cucurto (2008, p. 17)<sup>23</sup> começa dizendo a San Martín que,

---

<sup>23</sup> Texto de partida: [...] “doscientos años después te escribo encerrado en una pieza del barrio de Constitución, te escribo como si fueras un hermano que no conozco. Te escribo desde mi condición de escritor cumbiantero contemporáneo que no acepta la historia como se la contaron otros” (CUCURTO, 2008, p. 17).

[...] duzentos anos depois, te escrevo trancado em um quarto do bairro Constitución, te escrevo como se fosse um irmão que não conheço. Te escrevo a partir da minha condição de escritor cumbiantero contemporâneo, que não aceita a história como outros a contaram. (tradução própria).

É de um quarto localizado em um “bairro” pobre da periferia de Buenos Aires que o autor argentino começa uma saga literária marginal que muda a forma de se perceber a história da formação argentina, ainda que na ficção. Na visão do autor, a história contada pelos historiadores brancos nunca considerou o lugar dos personagens negros. Em suas tratativas, sob a ótica da branquitude, a prioridade eram ideologias ocultas por trás de lugares outorgados a uns brancos e negados à maioria negra ao assumir estar do lado o estado argentino ante ao tratamento político e social atribuído aos afros argentinos nas primeiras décadas do século XIX, até os dias de hoje.

Cucurto (2008, p. 17) relata que a denominação desses grupos sociais como "problemas" foi o que definiu/define a nação argentina desde a sua formação e, na atualidade, continua vivo no imaginário nacional, fomentado pela persistência de um discurso eurocêntrico patriarcal e seu poder de convencimento.

Na contramão do emblemático discurso eurocentrista, Washington Cucurto reconta e recria a história da independência argentina de uma forma contestadora, anarquista, que contradiz os historiadores brancos e falsos heróis. Em sua versão dos fatos que acercam a revolução de maio, ele outorga aos negros, indígenas, pardos e mestiços a medalha de honra aos verdadeiros heróis da revolução.

Em uma de suas aparições públicas, em 2012, a vice presidenta Cristina Fernández de Kirchner adotou um discurso antirracista dizendo: “Eu quero dizer a vocês que faltaram algumas aulas de história, que parte dos exércitos libertadores da República argentina foi constituída por negros, mestiços, mulatos, indígenas que iam no pelotão de frente da batalha” (KIRCHNER, 2012, n. p, tradução própria)<sup>24</sup>.

#### Quadro 13 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
[...] ni menos que hayas puesto el cuerpo en la Revolución de Mayo (esto no consta ni en un libro de historia de todos esos libros <b>blanquecinos</b> que se dedican a derribar los mitos).	[...] nem que você tenha colocado o corpo na Revolução de Maio (isto não aparece nem em um livro de história de todos esses livros <b>de brancos</b> que se dedican a derrubá mitos).

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

<sup>24</sup> “Yo quiero decirles a los que por ahí les falta alguna lección de historia, que la mayor parte de los ejércitos liberadores de la República Argentina, se constituyeron con negros, mestizos, mulatos, indios que eran los que iban al frente de batalla” (KIRCHNER, 2012, n. p.)

É justamente sobre o não reconhecimento dos negros, verdadeiros heróis da Revolução de Maio, segundo o autor, que se trata o trecho acima. Cucurto faz uma crítica aberta ao não reconhecimento da participação negra no processo de independência Argentina e à literatura branca canônica, pensada para calar, tolher, cassar as vozes negras as suprimindo da história literária. Para ele, os verdadeiros heróis foram os milhares de negros que lutaram nos pelotões de frente durante a revolução. A reintegração da negritude no imaginário da formação da nação argentina não apenas desafia a narrativa cultural eurocêntrica resultante do processo de branqueamento histórico, mas também implica o questionamento das editoras euro normativas na Argentina.

No que se refere à linguagem empregada pelo autor argentino, ao longo da narrativa de *Dama Tocada*, o leitor se depara com estratégias linguísticas empregadas por Cucurto para conscientizar, destacar e denunciar aspectos relacionados ao racismo ao mesmo tempo que zomba da objetificação dos corpos brancos, resultando na reescrita da fundação da nação argentina. No conto, o autor retrata os heróis de forma desmistificada e apresenta o sexo como um meio de emancipação racial.

Ao desmitificar os heróis e símbolos nacionais, ao retratar personagens antipatrióticos e ao apresentar o sexo como um elemento de libertação racial, Cucurto oferece uma perspectiva histórica caracterizada pela incorporação de personagens marginais por meio de uma abordagem racializada.

Em *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, as críticas sociais entoadas pelo autor atravessam as questões do não reconhecimento negro, do imigrante e questionam, revelam, denunciam a atmosfera marginal dentro dos lugares habitados pela camada mais baixa da população, como exemplificado no quadro abaixo:

Quadro 14 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
<p>eran unos ranchitos de adobe con techos de paja y un maderón de algarrobo que tenían el espíritu, el aire, el drama de los conventillos de los siglos XIX y XX. Es decir, eran una joda de sexo, cuchilleros, música, <b>obreraje</b>, pasión e injusticias de todo tipo.</p>	<p>era umas choupana de adobe com tetos de pallha e um madeirite de algarrobo que tinha o espírito, o ar, o drama dos cortiços dos séculos XIX e XX. Quer dizê, eles eram um antro de sexo, caras armado com faca, música, <b>operários</b>, paixão e injustiças de todos os tipos.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Acredita-se que o uso deliberado e estratégico da palavra “operários” pelo autor é justamente para apontar a presença da massa operária no subúrbio, a marginalização do lugar, as condições degradantes e dramáticas que viviam. A presença dessa parte da população portenha começa na década de 1950, no pós-guerra, provocando um êxodo populacional dentro de uma nação que passava por uma transição do ruralismo para o urbano. Além de denunciar a degradação e marginalização desses lugares, o autor traça o perfil social da população periférica portenha naquele momento.

Para além disso, a ideia de “operários” nos remete à uma Buenos Aires efervescente, em constante transformação e ainda em construção, sob a ótica operária, de chão de fábrica, e também socialmente e historicamente.

Compreende-se que a preservação da palavra “operários” na tradução para o português foi importante para se manter a ideia central da leitura que o autor faz da população periférica e seu universo. Acredita-se que na tradução do trecho a atmosfera denunciada por Cucurto provoca uma imersão do leitor/a na realidade violenta e no abandono impostos ao sujeito periférico. Pressupõe-se que a leitora/or a ter acesso aos textos traduzidos ao português, encontrará as realidades periféricas brasileiras.

#### **5.4 Cumbia, Tango, Zamba e Samba: a língua no compasso da dança popular**

Em *1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros*, Cucurto utiliza a música popular e a literatura marginal como apelo social, buscando dar voz a grupos marginalizados e denunciando as desigualdades sociais. O autor traz um olhar crítico sobre a realidade argentina, usando uma linguagem coloquial repleta de gírias que remetem à cultura popular de seu país. Na obra que pesquiso, a cumbia é um elemento chave usado por Cucurto para ambientar o leitor e introduzi-lo no universo periférico de Buenos Aires. O ritmo musical é bastante popular na América Latina espanhola, especialmente no Caribe colombiano e na Argentina. Sua origem veio dos africanos escravizados e seus descendentes.

Na linguagem usada por Cucurto, existe uma série de observações interessantes sobre a construção literária realizada por ele, utilizando a cumbia. É através do ritmo que embala noites, transforma os lugares, entorpece a alma cumbianteira de sonhos em lugar da vida difícil presente na periferia e somos introduzidas/os em uma nova dinâmica cultural, social e humanística que passa a configurar a periferia. Em sua história, a Cumbia é como o fogo que aquece o sangue das diferentes culturas e identidades presentes no efervescente caldeirão



bailantero. A cargo dela fica também o papel de traduzir a diversidade étnica e linguística que compõe o lugar. Com isso, embora não tenha sido o primeiro a retratar as transformações urbanas na Argentina, Cucurto cria sua própria poesia do bairro, palavra que significa muito para o autor.

É nesse cenário transformado/transformador, o bairro de Constitución, que a música e a cumbia produzem uma atmosfera libertadora que, apesar de pulsar vida, servem para denunciar as mazelas do estado, as desigualdades sociais e a marginalização dos imigrantes latinos. O bairro cucurtiano é um espaço urbano ressignificado como lugar de mesclas cultural e humana que se movimenta no compasso da cumbia para afrontar, subverter concepções tradicionais de corpo, espaço, tempo e linguagem.

Por outro lado, o autor chama a atenção para a violência que subjaz nessa ênfase muito exagerada na sexualização do corpo e do espaço físico, resultando em uma histeria sexual coletiva. Em suma, usando a música e a dança Cucurto se apropria da dinâmica existente entre elas para representar sua literatura e revelar facetas sociais e culturais importantes para a compreensão do contexto em que se desenrola suas narrativas.

Em termos históricos, a origem da cumbia remonta aos anos 90, quando o termo "cumbia villera" foi introduzido pela primeira vez (sendo que "villa" na Argentina refere-se a uma área de baixa renda onde os habitantes eram conhecidos como "villeros"). Esse estilo de música sempre esteve ligado às camadas populares da Argentina. As letras das músicas abordam os relacionamentos do dia a dia entre homens e mulheres, bem como os problemas relacionados à falta de recursos financeiros, apesar de seu ritmo alegre e contagiante. Tudo isso é expresso em uma linguagem informal, às vezes sexista, e de forma crítica.

Sobre o ritmo e a cumbia, na obra analisada Cucurto (2008, p. 27)<sup>25</sup> relata que

Como todas as noites, no bairro africano da Constituição, havia uma festa no botequim ao lado da choupana. Um botequim de bêbados e prostitutas que dançavam um ritmo estranho de tambores e harpas chamado cumb, que suponho ser precursor do famoso ritmo tropical cumbia, que se tornaria popular duzentos anos depois. (Tradução própria).

Em *1810: La Revolución de Mayo Vivida Por Los Negros*, Cucurto utiliza a cumbia para falar de si, como uma forma de representar a cultura popular e para denunciar as desigualdades sociais que afetam as camadas mais pobres da sociedade argentina. O autor

---

<sup>25</sup> Texto de partida: Como todas las noches, en el barrio africano Consti había un baile en el barsucho lindero a la choza. Un barsucho de borrachos y prostitutas que bailan un extraño ritmo de tambores y arpas que llaman cumb y, supongo, es precursor del —doscientos años adelante— famoso ritmo tropical cumbia (CUCURTO, 2008, p. 27).

expõe sua insatisfação com o sistema social argentino, como se estivesse conclamando seu leitor para uma revolução ao dizer que “a gente cansou de dançar cumbia e de tomar cerveja Condorina” (2008, p. 210). Com um ritmo marcado pela sensualidade e pela musicalidade herdada de outros ritmos africanos, a cumbia embala o universo sexual do autor argentino e seus personagens eróticos.

Originado na Argentina no final do século XIX, o tango se tornou um ícone da cultura argentina no mundo todo. O gênero musical é uma expressão artística que nasce no porto e carrega em sua bagagem artística e linguística, o caso do lunfardo, o sofrimento, a solidão e o desamparo do povo negro da capital argentina. Autores como Conde (2010) aponta que a popularização do lunfardo se deu através da apropriação de palavras do ambiente carcerário e da incorporação desses termos à linguagem popular por meio dos escritos de poetas, assim como pelas letras de tangos e milongas. No entanto, é importante destacar que isso não significa que esses termos sejam representantes genuínos do lunfardo, linguagem representativa do tango.

Conde (2010, p. 226)<sup>26</sup> aponta que,

uma coisa é que termos técnicos do roubo ou palavras do ambiente carcerário tenham passado para a linguagem popular através de poemas difundidos em folhetos ou revistas, ou por meio das letras de tangos e milongas. Outra coisa muito diferente é pensar que esses termos são a quintessência do lunfardo” (Tradução própria).

Portanto, são das primeiras expressões lunfardas que no início do século XX origina-se o tango. Posteriormente, o lunfardo acaba se transformando na linguagem oficial do tango.

Segundo Gabriela Silva, (2013, p.12), “o tango é uma dança de origem popular que foi transmitida através da tradição”. Sua origem vem das regiões próximas ao Rio da Prata nas cercanias de Buenos Aires e Montevideu no final do século XIX. Embora não haja uma certeza, acredita-se que esse estilo musical tenha se desenvolvido a partir da influência da habanera e da milonga, que são gêneros musicais cubanos. Na Argentina, seu grande expoente foi Carlos Gardel.

Por ser um ritmo multifacetado, com influências culturais e sociais diversas, a origem do tango é um tema complexo. Vários estudiosos apontam a forte influência negra no Tango, Segundo Labraña e Sebastián (2000), suas raízes vêm das camadas populares de Buenos Aires, especialmente nos bairros marginalizados, onde diferentes grupos étnicos e culturais se

<sup>26</sup> Texto de partida: Una cosa es que tecnicismos del robo o palabras del ámbito carcelario hayan pasado al lenguaje popular a través de poemas difundidos en folletos o revistas o a través de letras de tangos y milongas, y otra muy distinta es que pueda pensarse que esos términos son la quintaesencia del lunfardo (CONDE, 2010, p. 226).

misturavam. Essa diversidade étnica teve um papel importante na formação do tango, incluindo, principalmente, a contribuição negra.

Na abordagem de Túlio Carella (1966), o tango é apresentado como um mito, uma expressão artística que representa a essência da cultura argentina. Nessa concepção, a negritude tem um papel central, pois o tango é visto como uma forma de expressar as experiências, dores e alegrias das classes marginalizadas, incluindo a comunidade negra.

A negritude, portanto, desempenhou um papel relevante na origem e desenvolvimento do tango. Sua presença é sentida nas danças, nos ritmos e nas histórias contadas por essa expressão artística, que emergiu das camadas marginalizadas de Buenos Aires, incorporando as influências culturais e étnicas de seu contexto histórico.

Se fizermos um paralelo cultural entre o tango e a cumbia que o autor Washinton Cucurto referencia em sua literatura, percebe-se que os ambientes, o contexto cultural e histórico, podem relacionar-se ao pensarmos a multiculturalidade presente na periferia, os sentimentos de dor saudade, tristeza, esperança e o corpo como ponte, receptáculo de todas as mazelas raciais e sexuais presentes em lugares de ninguém, todos esses elementos configuram-se em uma rica expressão artística, poética e literária.

Por fim, não irei me ater a discorrer sobre tango elitizado, colonizado e modificado pelo eurocentrismo nos salões nobres de Paris. Feito que o tornou conhecido mundialmente como sendo da branquitude, tal como aconteceu com o jazz, o blues, o rock e outras de expressões artísticas. O tango é um produto negro e da rica diversidade cultural que emergia com a imigração na Buenos Aires do século XX.

Outro ritmo musical citado por Washington Cucurto no conto Dama Tocada é a zamba. Em sua etimologia linguística e cultural, o ritmo carrega a mesma raiz da semba angolana e do samba. Porém, para alguns historiadores, o gênero nasceu no Peru e tem matiz indígena e africana. A zamba é uma dança que ocupa lugar de importância na construção cultural folclórica e popular nos países latino-americanos de descendência africana. Todos eles são ritmados pelos batuques, instrumentos utilizados pelos/as negros/as. Já o samba, gênero musical que em um passado remoto foi considerado subversivo, impróprio e criminalizava quem o concebia, o tocava ou mesmo ouvia, e hoje é patrimônio cultural brasileiro, é dos ritmos musicais mais consumidos por aqui. Seu berço, assim como a linguagem cucurtina, sempre foi a periferia marginalizada. No Brasil, a região sudeste, seu berço, é a que mais representa e consome esse estilo musical.

A zamba e o samba são constituídos, alicerçados e legitimados pela mesma história racial que marginalizou o/a negro/a durante séculos. Seu histórico racista, marginal e sexista remonta à travessia do Atlântico Negro, e por décadas foram discriminadas e classificadas como menores pelas ideologias racistas eurocêntricas tal como a literatura marginal foi/é pelo cânone.

Em meu projeto de tradução, por se tratar de uma linguagem particular, carregada de silogismos específicos dos guetos, os desafios do intraduzível se tornaram um desafio constante. Porém, apesar desse tradutor negro que os fala ter sido colocado à prova em vários momentos tradutórios, busquei manter a carga de expressões idiomáticas e as referências africanas, políticas, populares e culturais existentes na literatura marginal. De fato, os gêneros musicais supracitados se transformaram em vozes que, por meio da tradução, ganham espaço no campo literário, além de estabelecer um diálogo entre ritmos, poesia e histórias que se convergem para sustentar a arte popular e manter a memória ancestral.

#### Quadro 15 Exemplo de tradução ao pretuguês

Texto de partida	Texto de chegada
Por último, me despido con una sonrisa de tráfuga, picardías de putaño que descubrió su hombre; te mando un beso con saliva de guitarrero infame de <b>zambas</b> berretas, de gavilán de tierras malas.	Por fim, me despeço com um sorriso de duas caras, astúcia de um comedor de putas que descobriu seu homem; te mando um beijo com saliva de um infame tocador de péssimos <b>sambas</b> , de tigrão.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No trecho apresentado acima, ante minhas escolhas tradutórias, optei pela palavra “samba” em lugar de “zamba”, para manter a sonoridade africana, o ritmo do texto de partida e por entender que o samba é o gênero que mais representa a comunidade afrodescendente no Brasil. Como assinala Martínez (2016, p. 113)<sup>27</sup> [...] “La zamba es una danza y género musical típico de las provincias del Noroeste de la República Argentina, aunque su presencia se extiende más allá de esa región y ha sido practicada por compositores argentinos de música folklórica de todas las épocas y regiones.”

Desse modo, acredita-se que a valorização dos elementos linguísticos e culturais pertencentes aos povos africanos está associada a um sentimento positivo que Conceição Evaristo (2009, p. 19) classifica como uma “etnicidade que atravessa a textualidade afro-brasileira”, e diferenciam a literatura marginal afro-brasileira da literatura canônica. Esses

<sup>27</sup> Tradução própria: A zamba é uma dança e gênero musical típico das províncias do Noroeste da República Argentina, embora sua presença se estenda para além dessa região e tenha sido praticada por compositores argentinos de música folclórica de todas as épocas e regiões.

traços fortalecem o sentimento de pertencimento dos indivíduos negros(as). É exatamente nesse sentido que se percebe a importância desse gênero literário. Fazê-lo chegar às mãos da juventude leitora é primordial para que a juventude negra entenda a importância de se consumir uma literatura que reforça e que visibiliza uma linguagem dotada de representatividade afro-brasileira, embalada por signos repletos de sentimento e que mantém vivas raízes e tradições africanas em lugar da hipervalorização da linguagem tradicionalista, gramatical imposta pelo eurocentrismo patriarcal.

No que diz respeito à relação dos falantes com a linguagem adotada por eles, Calvet (2002, p.57) argumenta que, “há uma série de atitudes e sentimentos por parte dos falantes em relação à sua língua e suas variedades, assim como em relação àqueles que fazem uso dela”.

Quando se nega ao sujeito o direito de se expressar de acordo com suas vivências, concomitantemente se suprime a valorização das suas experiências e conhecimentos linguísticos, incluindo aqueles aglutinados às gírias. Contudo, acaba-se negando a hibridez da língua, restringindo seus múltiplos mecanismos de expressão, coibindo ou delimitando a interação entre falantes. A não utilização dos recursos linguísticos dominados por esses sujeitos subtrai seu direito ao pertencimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de dissertação realizou uma tradução alicerçada na linguagem periférica e sua aproximação com o pretuguês, frente à hegemonia da literatura canônica argentina enquanto ponto que se distancia da sua escrita. Buscou-se apontar o apagamento da valorosa contribuição dos afrodescendentes argentinos e brasileiros para a formação social, cultural e linguística de suas nações. Usando a escrita marginal de Washington Cucurto e o silenciamento das vozes negras na literatura argentina, reconhecemos um paralelo entre a realidade literária brasileira e a realidade do negro como uma condição de marginalização e subalternidade na Argentina.

Portanto, por considerar o contexto sociocultural e histórico apresentado na obra citada e acreditar que nele estão fontes valiosas para minha pesquisa e seus desdobramentos, optou-se por analisar o tema a partir do livro *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros, de Washington Cucurto* (2008). Entendeu-se que a linguagem nele contida, a considerável riqueza lexical e sobretudo o jogo literário marcado pela forma de escrever de um autor negro foram pontos basilares que reforçaram o desenvolvimento desta pesquisa, movida pela urgência em desvelar ao/a leitor/a brasileiro/a a importante voz de um autor intrinsecamente atado às causas do sujeito marginalizado, na qual me sinto representado.

Minha vontade de traduzir parte de uma das obras de Washington Cucurto, ainda não transposta para o português, converge com a complexidade em traduzir uma linguagem tão específica e própria como a usada pelo autor. Sempre acreditei que acercar o autor do leitor brasileiro e apontar a necessidade de se consumir a literatura marginal é abrir espaço para se pensar o papel do escritor/a negro/a dentro do seletto mundo literário e paralelamente colocar a tradução como movimento partícipe que pode contribuir para quebrar a hegemonia literária e cultural imposta pelo colonialismo linguístico desde sempre.

Confesso que o caminho para chegar ao corpus da pesquisa não foi fácil. Sua base foi o conto *Dama Tocada* (2008), uma releitura do conto *Casa Tomada*, escrito por Julio Cortázar e publicado no ano de 1946. *Dama Tocada* é parte da obra *1810 A Revolução de Maio vivida pelos negros*. A escolha pelo conto foi movida pela riqueza de elementos que sustentaram as pesquisas do presente trabalho: a linguagem marginal, o submundo onde os personagens nascem e o protagonismo negro na história da independência argentina, antes contada somente por meio das vozes da branquitude.

Atravessar os caminhos da linguagem cucurtiana – que nos leva a mundos, submundos e outros caminhos que criaram pontes para se pensar mais possibilidades que traduzam o

complexo autor – abriu um leque de possibilidades tradutórias que nem sempre foram assertivas. Mas, como aqui se trata de um trabalho em andamento, acredito que os equívocos também contribuem para a reflexão e para se pensar a tradução, o tradutor e suas escolhas. Como diz Hooks (1990 *apud* Kilomba, 2020, p. 27) “a ideia que se tem de escrever, quase uma obrigação moral, corrobora com a crença de que a história pode ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária”.

Acredita-se que cada parte deste estudo contribuiu para o desenvolvimento do projeto de tradução. Inicialmente, focou-se em compreender as características da linguagem marginal, para em seguida investigar sua conexão com o objeto dessa pesquisa e, então, analisar a linguagem na produção de Washington Cucurto enquanto prática divergente ao cânone literário argentino.

Quanto às análises linguísticas, constatou-se que a linguagem cucurtina é um desvio do padrão do castelhano portenho. No entanto, à medida que a pesquisa avançou, desenvolveu-se uma nova linha investigativa e analítica para se acessar à produção bibliográfica dos estudos da tradução e relacioná-la com as teorias da literatura marginal e antirracista. Compreendeu-se a dicotomia entre branquitude e negritude, linguagem marginal e língua culta, ficção e realidade, temas que urgem por novas reflexões. Penso que ao aprofundar nesses tópicos abarcou-se seus diferentes aspectos linguísticos, culturais e políticos, desnudaram-se facetas próprias de uma sociedade marcada pelo rechaço à miscigenação literária e constatou-se autoproclamação da brancura como um lugar de superioridade.

Admite-se que Washington Cucurto, como representante das vozes sem voz, conseguiu alinhar elementos de auto ficção por meio de uma abordagem que questiona a história e o cânone literário, além de usar elementos literários não estabelecidos para desconstruí-lo. Dessa forma, o autor se libertou e me libertou das restrições, das amarras literárias ditadas pelo cânone ao nos apresentar uma linguagem riquíssima, do ponto de vista criativo da sua escrita e da representatividade negra, que na tradução deu lugar ao uso do “pretuguês” de Lélia Gonzalez como forma literária.

Portanto, esse trabalho apresenta construções e (re)construções alimentadas pelo forte desejo de me aproximar das inúmeras possibilidades tradutórias de um narrador que algumas vezes se afastou do seu objeto e outras se colocou na narrativa por se perceber parte dela na condição de sujeito negro marginalizado. É bem verdade que meu conforto é pensar que o exercício do tradutor converge e diverge com o resultado da tradução: assim, ambos nunca

estão finalizados. A sensação é de que nosso trabalho sempre falta, que nós somos rios que correm constantemente em direção a outros rios, a outros mares, e a inúmeras possibilidades.

Para ancorar o aporte teórico, tomou-se como referência alguns conceitos dos/as pensadores/as contemporâneos/as Eduardo de Assis Duarte, Lélia Gonzalez e Denise Carrascosa, autore/as que tratam questões centrais desta dissertação em suas obras, revelando pontos de ligação entre o discurso ideológico da branquitude, o racismo como fenômeno literário e a marginalização dos sujeitos a partir da cor da sua pele como projeto de nação.

A teoria da tradução serviu como base para as minhas reflexões e tomadas de decisão. As considerações dos teóricos escolhidos me guiaram para evitar a adoção de um método de tradução fixo para toda a obra. Como resultado, os comentários da tradução revelam escolhas que apresentam indefinições, embora sejam embasadas nas leituras da teoria da tradução e na pesquisa sobre auto ficção, literatura marginal, preconceito linguístico, a coloquialidade presente na fala do/a brasileiro/a. Os trechos traduzidos apresentados como exemplos das minhas escolhas tradutórias suscitam uma reflexão em torno da obra traduzida, dos elementos linguísticos que precisei dar conta, das ideologias presentes nas traduções, e, acima de tudo, sobre o aporte teórico que usei. Ao considerar a tradução de cada um desses trechos, compreende-se que a tradução de literaturas que carregam em seu corpus uma linguagem popular dotada de tal representatividade precisa continuar resistindo à opressão do cânone até ser reconhecida tanto pela crítica quanto por aqueles/as representados/as por ela.

No caso da tradução do conto *Dama Tocada* e da *Carta ao General San Martín*, presentes na obra *1810 La Revolución de Mayo vivida por los negros* de Washington Cucurto, ressalta-se que a tradução das referências culturais e históricas foi desafiadora. Cucurto usa elementos muito específicos da sua realidade, da sua cultura e da própria história argentina. Contudo, a tradução das particularidades linguísticas existentes na língua de partida por vezes requereu especificidades tradutórias advindas desse tradutor que os fala, como por exemplo manter a coloquialidade presente na linguagem popular e periférica brasileira.

Por acreditar que a base teórica e os estudos feitos em torno da linguagem no português brasileiro sustentaram por si só a tradução dos códigos linguísticos presentes no objeto de pesquisa, optei por não fazer uso das notas de rodapé, apesar de entender que seja um recurso que por vezes é bem útil para orientar as pessoas leitoras da cultura de chegada. Porém, não se pode negar que a intertextualidade ao dialogar com a literatura burguesa de Cortázar não dá conta de situar o leitor da língua de chegada, portanto, a falta de notas explicativas pode gerar interpretações dúbias e/ou dificultá-la por parte de leitoras e leitores.



Nesse sentido, acredito que nem todos os caminhos podem ser trilhados, experimentados e configurados em resultados positivos para a tradução. Traduzir é como um labirinto: a cada direção tomada são encontradas portas e janelas que nos levam para direções tão complexas quanto o corpus da pesquisa.

Ainda que não se tenham percorrido caminhos sempre assertivos, estou ciente de que este trabalho deixa suas contribuições: a de possibilitar a leitura e compreensão do conto *Dama Tocada* pelo leitor/a brasileiro/a, bem como fomentar a reflexão em torno do apagamento da literatura marginal, abrindo espaço para que o sujeito negro possa se identificar com uma linguagem que o representa, que o tira do lugar de subalterno e o reconduz ao centro da história como protagonista de si mesmo.

Explicitado os percalços, as inquietações e os desafios encontrados desde o limiar deste trabalho até o seu ponto conclusivo, acredito que os frutos que posteriormente virão por meio das sementes que aqui foram plantadas serão colhidos e saboreados pelas pessoas leitoras brasileiras. Contudo, nesta pesquisa, ainda que esteja longe de chegar ao seu ponto final, assim como o trabalho de um tradutor e a própria tradução presente neste trabalho, não se pretendeu chegar a nenhuma resposta, se é que elas existem. O intuito maior é provocar o debate e a reflexão em torno do lugar de quem pode falar e passar a existir ao sair da margem e ocupar o centro, já que a beira se configura como um lugar limítrofe entre o silêncio e o voo, como diz hooks (1998, p. 149), um “espaço de abertura radical”.

Em suma, há uma conhecida máxima na linguística afirmada por Marcos Bagno (2013, p. 9) que diz: "só há língua quando há seres humanos que a utilizem". Além disso, tratar da língua é tratar de um assunto político, uma vez que ambas sempre envolveram a humanidade. Portanto, leitoras e leitores não devem se surpreender com o caráter politizado presente em muitas das minhas escolhas tradutórias, as quais foram majoritariamente movidas pelo animal político que sou. Saibam que foram todas previsíveis, intencionais e intimamente inevitáveis.

## REFERÊNCIAS

- ADAMOVSKY, Ezequiel. **Historia de las clases populares en la Argentina. Desde 1880 hasta 2003**. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.
- ADAMOVSKY, Ezequiel. **Identidades secretas. La negritud argentina**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2003.
- ADICHIE, C. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- AGUIÉRREZ, Oscar Martín. **Palimpsesto profano: la escritura de Washington Chucuto**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2016. 185 páginas.
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVARADO, Juan. Entrevista com Washington Cucurto: a presença do racismo na literatura argentina. **El País**, Buenos Aires, 2019. Disponível em: <link>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- ANDREWS, G. R. **América afro-latina, 1800-2000**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 55ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BISTAGNINO, Paula. "Me critican por una cuestión estética". **LM Neuquén**, [S.l.], 8 jan. 2012. Disponível em: <https://www.lmneuquen.com/me-critican-una-cuestion-estetica-n133121>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. **Tradução e Relações de Poder**. Florianópolis: Editora UFSC, 2013. 432 p.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARRASCOSA, Denise. Traduzindo o Atlântico negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas. **Anais do IV Encontro Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Interfaces Linguísticas, Literárias e Culturais**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- CARELLA, Túlio. **Tango: mito y esencia**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1966. 135 p.
- CASAS, Javier Simón. Algunos Italianismos en el Lunfardo. **E.L.UA.**, v. 7, p. 27-43, 1991.

CASTILHO, Élida Cristina de Carvalho; NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia de Souza. "Literatura e periferia(s): a emergência de outras vozes na literatura brasileira". **e-Cadernos CES**, n. 36, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/6563>. Acesso em: 06 jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.6563>.

CAVALLI, Alejandro. Confissões de um atolondrado. Fev. 2007. Disponível em: <https://www.argus-a.com/archivos-dinamicas/el-barrio-porteno-de-constitucion-en-la-poetica-cucurtiana.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CONDE, Oscar. El Lunfardo en la Literatura Argentina. **Gramma**, v. XXI, n. 47, p. 224-246, 2010.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CORBETTA, Juan Carlos. La oralidad en la narrativa de Washington Cucurto. **Estudios de Teoría Literaria**, v. 5, p. 42-54, 2016.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. Organização de Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2008b. p. 147-163.

CORTÁZAR, Julio. Poe: o poeta, o narrador e o crítico. In: **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. Organização de Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2008a. p. 103-146.

CUCURTO, Washington. **Cosa de negros**. Buenos Aires: Interzona, 2003.

CUCURTO, Washington. **El curandero del amor**. Bs. As: Emecé Editores, 2006.

CUCURTO, Washinton. **1810: La Revolución de Mayo vivida por los negros**. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2008. 248p.

CUCURTO. Washington. **Entrevista**. Clarín, 10 jan. 2011. Disponível em: [https://www.clarin.com/sociedad/washington-Cucurto-escritor-pais-literatura-mira\\_0\\_HkEpcz10Yg.html](https://www.clarin.com/sociedad/washington-Cucurto-escritor-pais-literatura-mira_0_HkEpcz10Yg.html). Acesso em: maio 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

ECO, Umberto. **Dire quasi la stessa cosa**. Milão: Bompiani, 2003.

EVARISTO, Conceição. **A realidade brasileira e o racismo estrutural**. São Paulo: Editora X, 2016. Edição brasileira.

EVARISTO, Conceição. Literatura brasileira e racismo: **Entrevista** com Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. Disponível em: <link>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.j

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Edmundo Cordeiro e Antônio Bento. 2002.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. São Paulo: Gral, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 1984.

GURGEL e SERRA, João. S. **Dicionário de gíria: modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro**. 7.ed. Brasília: J.B. Serra & Gurgel, 2005.

HEIDERMANN, Werner (org). **Clássicos da tradução**. Volume I (Alemão-Português). 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

HOOKS, B. **Yearning: Race, gender, and cultural politics**. South End Press, 1990.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JOGAS, Mônicas Guedes; DOS SANTOS GOMES, Nataniel. ADONIRAN BARBOSA, o defensor involuntário do combate ao preconceito linguístico. **Soletras**, n. 5-6, p. 22-30, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4454/3257>. Acesso em: 10 jul. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KIRCHNER, Cristina Fernández. **Conmemoración la Revolución de Mayo en Bariloche: palabras de la Presidenta de la Nación**. Bariloche: 2012. Disponível em: <https://www.caserosada.gob.ar/informacion/archivo/25882-conmemoracion-la-revolucion-demayo-en-bariloche-palabras-de-la-presidenta-de-la-nacion/>. Acesso em: 19 mai. 2023.

LABRAÑA, Luis; SEBASTIÁN, Ana. **Tango: una historia**. Buenos Aires: Corregidor, 2000. 191 p.

LIMA, Marcia; RIOS, Flavia (org.) **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p.75

LOANGO, A. O.; SILVA, P. V. B. da. Igualdade racial e ações afirmativas na Argentina e Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, e264465, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.264465>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LORENZINO, Gerardo Augusto. **El Lunfardo en la Evolución del Español Argentino**. Literatura y Lingüística, n. 34, pp. 335-356, 2016.

LUGONES, M. Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples. In: **Pensando los feminismos en Bolivia**: Serie Foros 2. 1 ed. La Paz: **Conexión** Fondo de Emancipación, 2012. p. 129-140.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista hoje – perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MAGALHÃES, G. M. As populações migrantes e alteridade: notas e reflexões a partir dos deslocamentos populacionais contemporâneos. **Aurora**, Marília, v. 7, n. 1, p. 27-40, jul./dez. 2013.

MEIHY, José Carlos; LEVINE, Robert. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *A história das histórias de vida no Brasil*. Autores, textos e contextos. São Paulo: Xamã, 1994, p. 19.

MIGNOLO, W. D. **Local histories/global designs**: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: Princeton University Press, 2018.

MIGNOLO, W. **La idea de America latina, la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

MOLINA, Cristian. “La pija de oro” –notas de trabajo-. **Jornadas internas CELA**, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4695662>. Acesso em: 10 de jul. De 2023.

MOLINA, Cristian. Una máquina del robo atolondrado. Los relatos de mercado de Washington Cucurto. **Argus-a** Vol.1, #5 (julio, 2012). Disponível em: <https://www.argus-a.com/archivos-dinamicas/una-maquina-del-robo-atolondrado.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

MOURÃO, Hamilton. **Discurso proferido em um evento realizado na Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, em seis de agosto do ano de dois mil e dezoito**. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/mourao-diz-que-pais-herdou-indolencia-do-indio-e-malandragem-do-negro/>. Acesso em: 06 ago. 2018.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jun. 2023.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”: os escritores de periferia entram em cena**. **Dissertação** de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006.

OLIVEIRA, W. J. F. de. De gente de cor a quilombolas: desigualdades, religião e identidade. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 67, p. 139-156, 2013.

ORDÓÑEZ, Celia de Aldama. **De la Bailanta de Washington Cucurto**. Olomouc: Katedra romanistiky, Filozofická fakulta, Univerzita Palackého v Olomouci, 2019.

PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

PHILLIPS, Anne. **The politics of presence**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: \_\_\_\_\_. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2. ed. Prefácios de Ana Maria Haddad Baptista e Danglei de Castro Pereira. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara. 2019.

RESENDE, Beatriz (org.). **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

RICH, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: BRANDÃO, Izabel (org.) **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, 2017.

ROLLE, Carolina. Washington Cucurto: El gesto barroco de un escritor apócrifo en una literatura donde todo es posible, incluso una lectura desde el cómic. **PasaVento: Revista de Estudios Hispánicos**, vol. IV, n.º 1, invierno 2016, pp. 177-196. ISSN 2255-4505.

SOLOMIANSKI, Alejandro. Argentinidad y negritud: identidades secretas. Estudios. **Revista de Investigaciones Literarias y Culturales**, ano X, n.19, pp. 145-159, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Martins, Bruno Sena (2018), Socialismo, democracia e epistemologias do Sul. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Número especial, 9-54.

SANTOS, Yasmin. **Letra preta**. A inserção de jornalistas negros no impresso. Rio de Janeiro, 2018.

SARLO, Beatriz. Sujetos y tecnologías. La novela después de la historia. **Revista de cultura**, Número 86, Buenos Aires, diciembre de 2006.

SCHUCMAN, Lia. Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2014.

SOUZA, Eneida Maria, **Crítica cult**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro e sua ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, G. C. The translator's task. In: SPIVAK, Gayatri. **Death of a discipline**. New York. **The politics of translation**, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

VALENTE, P. **Margens que se tocam e sujeitos que viajam: o encontro de raça e gênero em narrativas de Buchi Emecheta, Conceição Evaristo e Zora Neale Hurston.** Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/240864>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation.** 2nd ed., Routledge, 2008.

WOOD, James. **Como funciona a ficção.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Sesi, 2017.